



UFU – UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FAUeD – FACULDADE DE ARQUITETURA URBANISMO E DESIGN  
PPGAU – UFU – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E  
URBANISMO

IAMINNE RODRIGUES PEREIRA

**PERIFERIA E SENSO COMUNITÁRIO: O BAIRRO CARAPINA EM GOVERNADOR  
VALADARES/MG NA CONTEMPORANEIDADE**

**Linha de Pesquisa 1:** Arquitetura e Cidade: Teoria, História e  
Conservação

**Grupo de Pesquisa:** Invisibilidades na História da Arquitetura  
e da Cidade: Revelando Tipologias Obscurecidas

**Orientadora:** Claudia dos Reis e Cunha

**Co-orientador:** Luiz Carlos de Laurentiz

UBERLÂNDIA–MG  
2023

IAMINNE RODRIGUES PEREIRA

**PERIFERIA E SENSO COMUNITÁRIO: O BAIRRO CARAPINA EM GOVERNADOR  
VALADARES/MG NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e  
Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia,  
como requisito para obtenção do título de Mestre PPGAU-UFU.

**Linha 1:** Arquitetura e Cidade: Teoria, História e Conservação.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Postdoc Claudia dos Reis e Cunha

**Co-Orientador:** Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz

UBERLÂNDIA–MG  
2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

P436 Pereira, Iamirne Rodrigues, 1994-  
2023 Periferia e Senso Comunitario [recurso eletrônico] : o  
Bairro Carapina em Governador Valadares/MG na  
contemporaneidade / Iamirne Rodrigues Pereira. - 2023.

Orientadora: Claudia dos Reis e Cunha.  
Coorientador: Luiz Carlos de Laurentiz.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de  
Uberlândia, Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.548>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Arquitetura. I. Cunha, Claudia dos Reis e, 1977-,  
(Orient.). II. Laurentiz, Luiz Carlos de, 1956-,  
(Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia.  
Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.

CDU: 72

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 11, Sala 234 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3239-4433 - www.ppgau.faued.ufu.br - coord.ppgau@faued.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Arquitetura e Urbanismo				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico PPGAU				
Data:	seis de novembro de 2023	Hora de início:	14h:05	Hora de encerramento:	16h:10
Matrícula do Discente:	12122ARQ005				
Nome do Discente:	Iaminne Rodrigues Pereira				
Título do Trabalho:	<b>Periferia E Senso Comunitário: O Bairro Carapina em Governador Valadares/MG na Contemporaneidade.</b>				
Área de concentração:	Projeto, Espaço e Cultura				
Linha de pesquisa:	Arquitetura e Cidade: teoria, história e conservação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Invisibilidades na história da arquitetura e da cidade				

Reuniu-se em web conferência pela plataforma Mconf-RNP, em conformidade com a PORTARIA nº 36, de 19 de março de 2020 da COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, assim composta: Professores Doutores: Alessandra Siqueira Barreto- UFF, Denise Fernandes Geribello - PPGAU.FAUeD.UFU, Luis Carlos de Laurentiz (Coorientador(a)- PPGAU.FAUeD.UFU e Claudia dos Reis e Cunha - PPGAU.FAUeD.UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a).Claudia dos Reis e Cunha, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do(a) Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Claudia dos Reis e Cunha, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/11/2023, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Carlos de Laurentiz, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/11/2023, às 16:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Denise Fernandes Geribello, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/11/2023, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Iaminne Rodrigues Pereira, Usuário Externo**, em 07/11/2023, às 11:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandra Siqueira Barreto, Usuário Externo**, em 21/12/2023, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4947683** e o código CRC **A7CB89A0**.

## DEDICATÓRIA

---

*Dedico às pessoas que me motivaram para a concretização deste trabalho  
E, principalmente, ao Bairro Carapina.*

## AGRADECIMENTOS

---

Agradeço primeiramente à Deus, à minha família, que sempre esteve ao meu lado, dando-me apoio incondicional, seja com palavras fortalecedoras e afetuosas, seja com palavras motivadoras para que pudesse continuar no caminho da pesquisa.

A Deus, à minha irmã gêmea Iasminne, que sempre me inspirou na caminhada acadêmica, sendo a pesquisa idealizada-sonhada conjuntamente, à minha irmã Imoyra, que me apoiou com seus singelos e doces: “Vai lá... Você consegue e é capaz”, bem como à minha mãe, Maria Valéria, que sempre me motivou a seguir meus sonhos. Ao meu pai, Ivan Geraldo, pela compreensão e paciência nos momentos que mais necessito; à minha amiga-prima, Mari, pelo apoio e escuta.

Aos meus orientadores Pós-Dr<sup>a</sup>. Cláudia e Dr. Lu, por se dedicarem integralmente ao trabalho em reuniões leves e inspiradoras, com palavras norteadoras, também pela acolhida e por acreditarem em mim desde a caminhada como Aluna Especial; e, claro, aos demais professores do Colegiado do Curso, pela atenção me dirigida nas aulas e disposição a sanarem minhas dúvidas. À Pós-Dr<sup>a</sup>. Eunice, pelo apoio e apresentação do Bairro Carapina, no qual realizei a pesquisa.

À FAPEMIG, pela concessão de ser aluna bolsista do programa, à faculdade UNIVAG pela oportunidade de apresentar o artigo e por proporcionar a experiência acadêmica.

Às minhas amigas presentes que ganhei do Mestrado: Polly, Anna, Pâmela, Daniela e Bruna, pelas mensagens e trocas de afeto.

A todos que foram fundamentais até aqui, pois desde criança já sonhava em ser pesquisadora, mais precisamente a partir dos 10 anos, e minha mãe, paciente com minha “falação nos 220v”, junto com Iasminne viam os telejornais pesquisadores sendo entrevistados e já almejava minha dedicação à profissão. Assim me vislumbrava a pesquisar algo de forma crítica, humanista e atenta às mazelas às inúmeras desigualdades e mazelas que assolam a sociedade até os dias de hoje. Sei que tenho um longo e eterno percurso de entrega, escuta e, aprendizagem, também sei que a Iasminne pesquisadora-arquiteta-urbanista percorrerá caminhos até chegar lá, sei ainda que não será fácil nessa profissão lidar com tais temáticas e enfrentá-las, contudo espero cumprir com ética e profissionalismo tudo aquilo que me for proposto exercer.

## RESUMO

O presente trabalho tem como protagonista o Bairro Carapina que está localizado na cidade de Governador Valadares/MG. Como objetivo geral busca-se investigar a auto-organização no referido local, enquanto comunidade, no aspecto de organização coletiva; já os objetivos específicos visam: investigar o Bairro Carapina desde a sua formação histórico-territorial até a contemporaneidade; interpretar o senso comunitário do Bairro Carapina e, parte da sua identidade, em seguida conhecer a sociabilidade e destacar algumas representações de liderança. A metodologia adotada foi documental, bibliográfica e contou com a pesquisa de campo, desenvolvida por meio da entrevista semiestruturada. No que diz respeito ao aporte teórico principal destacam-se os estudos voltados para: as centralidades com Frúgoli Júnior (2000); Santos (2006) na divisão de trabalho; Santos (2013, 2018) por meio da análise da urbanização desigual; D’Andrea (2020) pela contribuição sobre o retrospecto histórico das “periferias” brasileiras e Piccolo (2006) sobre as “carências” do espaço. No que tange ao senso comunitário Venâncio e Portilho (2020); Simmel (2006) e Frúgoli Júnior (2007) no que diz respeito à sociabilidade, Magnani (2012) nas contribuições para a antropologia urbana; Cunha e Rocha (2020) com a memória coletiva; Tuan (1974, 1983) sobre a topofilia, Hubner (2021) no aspecto das interações entre os sujeitos e Faustini (2020) ao interpretar as figuras de liderança em periferias. Como resultado, com a pesquisa de campo desvelou-se que o senso comunitário é uma espécie de elo, uma “mola mestra” que interliga os moradores e a comunidade. Conclui-se que, de fato, o senso comunitário possibilita movimentar grande parte da dinâmica socioespacial, já que a colaboração reflete o cenário de solidariedade de um morador com o outro, seja por ser um legado que atravessou gerações, seja por ser um gesto de altruísmo e gentileza, seja por ser um ensinamento bíblico ou pela necessidade, embora os moradores tenham afirmado que esse elo está um pouco enfraquecido na contemporaneidade, em razão da melhoria na qualidade de vida dos moradores. Consequentemente, a interação também ocorre de forma atrelada ao senso comunitário, por corresponder ao processo de materialização de trocas e de ajuda mútua e, inclusive, a sociabilidade está imbuída nesse arranjo, com as figuras de liderança, mesmo que elas não se reafirmem nessa função. Razão pela qual, percebeu-se que, do grande tema senso comunitário desmembra-se outros como: identidade-sociabilidade-lideranças. Portanto, espera-se que o presente trabalho possa contribuir para gerar o fomento de possíveis políticas públicas, promover intervenções no Bairro, como por exemplo, a melhoria na qualidade de vida dos moradores locais, por meio de projetos sociais, que promovam reflexões críticas e o exercício da cidadania pelos moradores no Carapina.

**Palavras-chave:** Bairro Carapina. Periferia. Senso Comunitário. Sociabilidades. Lideranças.



## ABSTRACT

The protagonist of this work is the Carapina neighborhood, located in the city of Governador Valadares/MG. The general objective is to investigate self-organization in this area, as a community, in terms of collective organization; the specific objectives are: to investigate Bairro Carapina from its historical-territorial formation to the present day; to interpret Bairro Carapina's sense of community and part of its identity, then to get to know sociability and highlight some representations of leadership. The methodology adopted was documental, bibliographical and included field research, developed through semi-structured interviews. With regard to the main theoretical contribution, we highlight the studies focused on: centralities with Frúgoli Júnior (2000); Santos (2006) on the division of labour; Santos (2013, 2018) through the analysis of unequal urbanization; D'Andrea (2020) for his contribution on the historical retrospect of the Brazilian "peripheries" and Piccolo (2006) on the "lacks" of space. With regard to the sense of community, Venâncio and Portilho (2020); Simmel (2006) and Frúgoli Júnior (2007) on sociability, Magnani (2012) on contributions to urban anthropology; Cunha and Rocha (2020) on collective memory; Tuan (1974, 1983) on topophilia, Hubner (2021) on the aspect of interactions between subjects and Faustini (2020) on interpreting leadership figures in peripheries. As a result, the field research revealed that a sense of community is a kind of link, a "mainspring" that connects residents and the community. It was concluded that, in fact, the sense of community makes it possible to move a large part of the socio-spatial dynamics, since collaboration reflects the scenario of solidarity between one resident and another, either because it is a legacy that has passed down through generations, or because it is a gesture of altruism and kindness, or because it is a biblical teaching or because of necessity, although the residents said that this link is somewhat weakened in contemporary times, due to the improvement in the quality of life of the residents. Consequently, interaction is also linked to the sense of community, as it corresponds to the process of materializing exchanges and mutual aid, and sociability is even imbued in this arrangement, with leadership figures, even if they don't reaffirm themselves in this role. That's why we realized that the major theme of community sense is broken down into others such as identity-sociability-leadership. Therefore, it is hoped that this work can contribute to the development of possible public policies, promoting interventions in the neighborhood, such as improving the quality of life of local residents through social projects that promote critical reflection and the exercise of citizenship by Carapina residents.

**Keywords:** Carapina Neighborhood. Periphery. Common Sense. Sociabilities. Leadership.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

---

FIGURA 1 — ARQUITETURA NA PERIFERIA	14
FIGURA 2 — QUEBRADINHA	15
FIGURA 3 — GRAFITE NA RUA ITANHOMI	16
MAPA 1 — MAPA DA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES	22
FIGURA 4 — FOTOGRAFIA DA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES- DENOMINADA DE FIGUEIRA	25
MAPA 2 — MAPA DE GOVERNADOR VALADARES NO INÍCIO DA URBANIZAÇÃO	26
FIGURA 5 — FOTOGRAFIA DA PRAÇA SERRA LIMA – VISTA PARCIAL DA CIDADE	27
MAPA 3 — MAPA DE EXPANSÃO E OCUPAÇÃO ATÉ A DÉCADA DE 1970	28
MAPA 4 — MAPA DO BAIRRO CARAPINA CIRCUNSCRITO NA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES	28
FIGURAS 6 A 8 — BIOQUÊ	32
FIGURA 9 — ASDOG	34
MAPA 5 — ATUAL DO BAIRRO CARAPINA	36
MAPA 6 — MAPA COM OS CONFRONTANTES DO BAIRRO CARAPINA	37
MAPA 7 — MAPA DO BAIRRO CARAPINA ZHIS II, COM A RUA GALILEIA	38
FIGURA 10 — PARTE DO BURACÃO	39
FIGURAS 11 E 12 — RUA CARATINGA VERSUS RUA DO BURACÃO	39
MAPA 8 — MAPA DO TRAJETO DO PONTO DE ÔNIBUS À AVENIDA MINAS GERAIS	44
MAPA 9 — AVENIDA MINAS GERAIS	44
FIGURAS 13 A 16 — AVENIDA MINAS GERAIS	45
MAPAS 10 E 11 — MAPAS DA RUA CARATINGA	46
FIGURAS 17 A 19 — RUA CARATINGA	47
FIGURAS 20 A 22 — VISITA TÉCNICA E PARTE DO BURACÃO	48
MAPAS 12 E 13 — RUA GALILEIA	48-49
FIGURAS 23 A 25 — PARTE DA RUA GALILEIA	49
FIGURAS 26 A 33 EXIBIÇÃO DOS CURTAS-METRAGENS	50-52
FIGURA 34— VISTA PARCIAL DA CIDADE PELA PIZZARIA	53
MAPAS 14 E 15 — MAPAS DA RUA ITANHOMI	54
FIGURA 35 — RUA ITANHOMI	55

MAPAS 16 E 17 — MAPAS DA RUA INHAPIM	55-56
FIGURAS 36 A 42 — RUA INHAPIM	56-58
MAPAS 18 E 19 — MAPAS DA RUA MANHUAÇU	59
FIGURA 43 — RUA MANHUAÇU	60
MAPAS 20 E 21 — MAPAS DA RUA IPIRANGA	60-61
FIGURA 44 — POSTO POLICIAL ESQUINA COM A RUA TARUMIRIM	61
FIGURAS 45 E 46 — ESCOLA MUNICIPAL MARTIN LUTHER KING	62
FIGURAS 47 E 48 — ESCOLA ESTADUAL CARLOS LUZ	62
FIGURA 49 — O BUTECO	62
MAPAS 22 E 23 — MAPAS DA RUA TARUMIRIM	62-63
FIGURA 50 — RUA TARUMIRIM (RUA QUE CORTA O POSTO POLICIAL)	64
FIGURA 51 A 53 — RUA TARUMIRIM	65-66
FIGURA 54 — RUA TARUMIRIM COM A IGREJA CATÓLICA NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO	66
FIGURA 55 — RUA TARUMIRIM: PADARIA DO ZEZINHO	67
MAPAS 24 E 25 — MAPAS DA RUA TUPINAMBÁS	67-68
MAPA 26 — TRAJETO DE ÔNIBUS	68
FIGURA 56 — GRAFITE NA RUA IPIRANGA	69
FIGURAS 57 A 59 — MERCADINHO DO GILSINHO	70-71
FIGURA 60 — “SACOLÃO 100 NOME”	71
GRÁFICO 1 — O GÊNERO PREDOMINANTE NO BAIRRO	72
GRÁFICO 2 — A IDADE DOS MORADORES ENTREVISTADOS DO BAIRRO	72
GRÁFICO 3 — A AUTOIDENTIFICAÇÃO QUANTO À RAÇA	73
GRÁFICO 4 — ESCOLARIDADE DOS MORADORES ENTREVISTADOS NO BAIRRO	74
GRÁFICO 5 — LOCAL DE DOMICÍLIO DO ENTREVISTADO POR RUA	75
GRÁFICO 6 — ENTREVISTADO E A QUANTIDADE DE MORADORES POR DOMICÍLIO	76
GRÁFICO 7 — ENTREVISTADOS E A QUANTIDADE DE PESSOAS QUE TRABALHAM POR DOMICÍLIO	76
GRÁFICO 8 — ENTREVISTADOS E PROGRAMAS ASSISTENCIAIS GOVERNAMENTAIS	77
GRÁFICO 9 — O DESLOCAR NO BAIRRO CARAPINA	78
GRÁFICO 10 — DESLOCAMENTO MODALIDADE ÔNIBUS	79
GRÁFICO 11 — DESLOCAMENTO MODALIDADE- MOTO	80
GRÁFICO 12 — DESLOCAMENTO MODALIDADE- MOTO-TÁXI	80

GRÁFICO 13 — DESLOCAMENTO MODALIDADE-CARRO	81
GRÁFICO 14 — DESLOCAMENTO MODALIDADE-APLICATIVO DE TRANSPORTE	81
FIGURA 61 — CONCEITOS GEOGRÁFICOS	87
FIGURA 62 — DESDOBRAMENTOS DE TERRITÓRIOS	88
FIGURA 63 — MORADORA ENTREVISTADA	90
FIGURA 64 — MORADORA ENTREVISTADA	91
FIGURA 65 — MAPA MENTAL— CONCEITOS-CHAVE	93
FIGURA 66— MORADORA ENTREVISTADA	94
FIGURA 67 — GRAFITE LOCALIZADO NA RUA ITANHOMI	100
FIGURA 68 — CAPELA VELÓRIO NA RUA INHAPIM	105
FIGURA 69 — RAMPA DA CAPELA VELÓRIO	105
FIGURA 70 — GRAFITE NA RUA IARA NO MURO AO FUNDO O BIOQUÊ	111
FIGURA 71 — GRAFITE NA RUA IARA	121
FIGURA 72 — CONCEITOS DOS LUGARES NOS ESPAÇOS URBANO	124
MAPA 27 — MAPA COM DESTAQUE PARA A QUADRA 105, DA RUA INHAPIM	126
FIGURA 73 — PALAVRAS QUE DEFINEM E REPRESENTAM O CARAPINA	127
FIGURA 74 — DIRETOR DA ESCOLA	131
FIGURA 75 — VEREDORA GILSA	139
FIGURA 76 — VISTA PARCIAL NO BAIRRO CARAPINA	144
FIGURA 77 — MORADOR QUE FUNDOU E ORGANIZA O “CARNAPINA”	146
FIGURA 78 — FOTO À DERIVA	147

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

---

AGÊNCIA CANGURU – Agência Experimental de Cursos

ASDOG – Associação Samuel Domingues Gomes

BPS – Benefício de Prestação Continuada

CEDAC – Centro de Documentação e Arquivo de Custódia

CUFA – Central Única das Favelas

EJA – Educação para Jovens e Adultos

FLUP – Festa Literária das Periferias

FRNU – Fórum de Reforma Urbana

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONG – Organização não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

SAEE – Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto

SESP – Serviço Especial de Saúde Pública

SUS – Sistema Único de Saúde

UBS – Unidade Básica de Saúde

UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce

UPP's – Unidades de Polícia Pacificadora

ZHIS II – Zona e Habitação de Interesse Social II

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 COMPREENDENDO O PASSADO PARA ADENTRAR NA CONTEMPORANEIDADE</b>	<b>23</b>
<b>1.1 Um olhar para o passado para compreender a contemporaneidade no território</b>	<b>25</b>
<b>1.2 Dados gerais do Bairro Carapina</b>	<b>36</b>
<b>1.3 Errâncias e deambulações: conhecendo o Bairro Carapina</b>	<b>42</b>
<b>1.3.1 Desvelando o Bairro Carapina: uma imersão no campo</b>	<b>70</b>
<b>CAPÍTULO 2 ATRIBUINDO OS CONCEITOS SOB A ÓTICA DOS MORADORES ENTREVISTADOS</b>	<b>84</b>
<i>2.1 O reflexo do senso comunitário intrínseco à dinâmica socioespacial do Bairro Carapina</i>	<i>93</i>
<i>2.1.1 O reflexo do senso comunitário: reverberado na colaboração de um morador com o outro</i>	<i>101</i>
<i>2.1.2 O senso comunitário a partir das identidades do Bairro Carapina como resultado da mobilização ativa no Bairro</i>	<i>104</i>
<b>CAPÍTULO 3 A SOCIABILIDADE NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL: COMPREENDENDO OS CONCEITOS</b>	<b>122</b>
<b>3.1 A sociabilidade inerente na dinâmica socioespacial: o cotidiano dos moradores entrevistados</b>	<b>129</b>
<b>3.2 A dinâmica espacial acerca das lideranças: conceituando e compreendendo as definições</b>	<b>133</b>
<i>3.2.1 O senso comunitário e a reverberação das lideranças ecoada nas representatividades elegidas pela população do Carapina</i>	<i>135</i>
<i>3.2.2. Liderança na comunidade: a reverberação na prática do senso comunitário e um corpo político e o papel social</i>	<i>141</i>
<i>3.2.3 A representatividade na comunidade: na Unidade Básica de Saúde (UBS)</i>	<i>143</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>146</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>157</b>
<b>APÊNDICE B</b>	<b>159</b>

FIGURA 1– ARQUITETURA NA PERIFERIA



Arquitetura na Periferia – Stand na 13ª Bienal de Arquitetura em São Paulo – Projeto Social realizado em Belo Horizonte/Minas Gerais, que fomenta a construção de moradias com mulheres na periferia, realizada com arquitetas e uma equipe de apoio às mulheres.  
Fonte: @bientaldealquitecturasp (Instagram).

FIGURA 2 – QUEBRADINHA



Quebradinha #\*(Nova Candidé)  
Fonte: @quebradinha (Instagram)



FIGURA 3– GRAFITE NA RUA ITANHOMI



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

## INTRODUÇÃO

O Bairro Carapina, local protagonista deste estudo, está situado na cidade de Governador Valadares, na Região Leste do Estado de Minas Gerais, no Vale do Rio Doce, com uma área equivalente a 2.342,376 km<sup>2</sup> de extensão. A cidade foi fundada em 1938 e, segundo o último recenseamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizado em 2021, conta com uma população de 282.164 (duzentas e oitenta e dois mil, cento e sessenta e quatro) habitantes.<sup>1</sup>

Em diálogo com a perspectiva de Misse (1999), a criminalidade é uma questão puramente macrosociológica, isto porque o autor reconhece o arcabouço de sujeição criminal interligado aos padrões de construção social, somado a uma série de marcadores atribuídos ao sujeito, como: situação socioeconômica, cor, naturalidade, gênero, faixa, etária, escolaridade. Além disso, para o autor, o conceito reforça outras dimensões, como: modo de falar, vestir, andar, dentre outros, que servem não apenas para estratificar corpos e vivências, mas, sobretudo, contribuir para a construção de estereótipos e estigmas em torno de determinadas identidades sociais, ao mobilizá-las em torno da legitimação de supostos indivíduos. Tudo isso serve tão somente para reforçar a pobreza urbana, o que para o geógrafo Milton Santos (2013) deveria ser considerado pobreza, já que para um território ser tido como “pobre”, devem ser repensados os parâmetros que o constitui.

Nesse sentido, ao realizar o estudo empírico com relação à população do Rio de Janeiro, na década de 1990, Misse (1999, 2006) disserta que a pobreza urbana e a sujeição criminal é apenas uma relação constitutiva, entremeada por fatores que ligam, de forma dinâmica, complexa e não-linear, a composição de uma teia que une a expectativa de pobreza urbana à seleção social da incriminação-punição. Logo, “[...] para criticar a associação pobreza/crime é preciso se contradizer a respeito da impunidade dos bandidos de origem pobre, que são, afinal, os presos preferenciais da polícia e os condenados preferenciais da justiça” (MISSE, 1999, p. 78).

Desse modo, a construção social em torno da suspeição torna-se um mecanismo que desencadeia a atenção seletiva, meramente articulada para definir uma possível situação de perigo, alerta e de identificação de traços do sujeito, para, em seguida, atribuir traços negativos que produzem e reforçam a distância social entre os sujeitos. Ou seja, serve apenas para delimitar uma seleção social do crime e do suposto criminoso. Portanto, ao reportar a análise

---

<sup>1</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/governador-valadares.html>. Acesso em 21 de jun.2023.

de Misse (1999, 2006) para o local em estudo neste trabalho, guardadas as devidas peculiaridades de cada território no espaço-tempo, não é forçoso afirmar que os moradores do Bairro Carapina carregam consigo o estigma de criminoso, e que o fenômeno da seletividade criminal-incriminação os alcança pelo simples fato de serem moradores do bairro, quando a construção social em torno do local é tomada por preconceitos e atributos negativos, refletido, inclusive, nas entrevistas realizadas.

Por isso, para a sobrevivência de inúmeros direitos que são negados à população das periferias, os sujeitos buscam outras alternativas como mecanismos de ultrapassar as adversidades cotidianas. Desse modo, o senso de coletividade e de solidariedade é bastante presente no território, sendo mencionado na maioria das entrevistas, por exemplo, o “Carnapina”, que acontece anualmente, e é considerado uma das identidades do Bairro Carapina. Assim, como uma mera tentativa de narrar as vivências da população do bairro, essa foi uma das motivações para a realização desta pesquisa.

Nesse sentido, com o intuito de desvelar as características do Bairro Carapina, tido Devido às questões puramente geográficas como estar localizado próximo ao centro da cidade e ser considerado um bairro periférico, ser próximo da região central de fácil acesso e por possuir uma topografia mais acentuada, além das situações sociológicas e políticas, conforme Frúgoli Júnior (2000). O Bairro apresenta também características predominantemente consideradas precárias, a partir da concepção urbanística referente à infraestrutura básica, o que inclui: a falta de acesso à rede de saneamento, rede elétrica; as questões macrosociológicas, como o índice de criminalidade que é apresentado alto, nesta localidade; e, outros direitos que são negados como: moradia, propriedade, saúde, educação e lazer. Essas características são também vislumbradas como categoria analítica nas mais diversas periferias brasileiras (MARICATO, 2019; ROLNIK, 2019).

Como um bairro marginalizado, esta pesquisa perpassa pelos seguintes **objetivos**: investigar a auto-organização do Bairro Carapina enquanto senso de comunidade; analisar o Bairro Carapina desde a sua formação histórico-territorial até a contemporaneidade; interpretar o senso comunitário com os seus desdobramentos; conhecer as representatividades identificadas pelos próprios moradores no território.

Posto isso, como **problemática**, emerge-se: como o Bairro Carapina se auto-organiza como uma comunidade? Partindo do ponto de vista que sob a perspectiva da auto-organização própria e típica da “favelização”, que impera na periferia e funciona como mecanismo de

autossobrevivência, luta e resistência, a formação territorial do Bairro e os desdobramentos sobre o senso comunitário (MARICATO, 2019)<sup>2</sup> são logo revelados.

Como **justificativa**, este trabalho tem relevância de ordem social pela tentativa de dar voz à comunidade do Bairro Carapina, ao buscar não negligenciar as mazelas sociais ali já existentes, tampouco invisibilizar as potencialidades existentes no território. Quanto ao aspecto de ordem arquitetônica, destaca-se o papel desta pesquisadora-arquiteta-urbanista de estreitar os laços entre a comunidade estudada e a academia, com o intuito de produzir não apenas reflexão crítica, mas promover futuros debates e intervenções práticas no local.

No que se refere ao aspecto político, pretende-se fornecer possíveis subsídios à promoção de políticas públicas para o Bairro junto ao Município, além de vislumbrar tal proposta numa das metas da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>3</sup>, outorgada em 2015, sendo o objetivo de número 11: converter as cidades e os assentamentos humanos mais seguros, sustentáveis e resilientes.

Já o **recorte temporal**, dar-se-á na contemporaneidade, para analisar a situação atual do Bairro, pelo fato desta pesquisa ter como intuito a observação dos fenômenos anteriormente expostos. Nesse sentido, o **campo amostral** da pesquisa contou com pessoas acima de vinte anos, residentes há mais de cinco anos no Bairro, moradores engajados ou não em mobilização em prol de melhorias, ou moradores que já promoveram algo para o local. Esses critérios de participação na pesquisa tinham a finalidade de demonstrar o forte elo do senso comunitário, independentemente dos gêneros dos moradores. Como critério de inclusão considerou-se ainda os moradores que voluntariamente se propuseram a responder a entrevista. Já como critério de exclusão, considerou-se aqueles moradores que não se dispuseram a responder a entrevista semiestruturada e eram menores de vinte anos. Sendo assim, foram realizadas o total de vinte e uma pessoas entrevistadas.

---

<sup>2</sup> Ao utilizar o termo periferia como categoria de análise, partindo da definição de bairro adotada para o urbanismo, segundo Maricato (2019) e Rolnik (2019), com suas respectivas pesquisas em territórios metropolitanos coloco sob análise a compatibilização destes estudos com o presente. Já que o termo periferia/favelização trata-se de um termo empregado para referir aos locais, que houve uma negligência quanto ao planejamento urbano por parte do Poder Público, o que acarretou numa ausência de saneamento básico, infraestrutura, mobiliário urbano, moradia insalubre, dentre outros. Já que o local estudado localiza-se na cidade de Governador Valadares, na qual há semelhança com as demais periferias brasileiras, em que pese o estudo de Pereira (2019), realizado no Bairro Eucalipto em Teófilo Otoni/MG localizada a 130km da cidade estudada. Na qual passou por processo análogo quanto a arregimentação territorial, além das autoras já mencionadas, guardadas as devidas peculiaridades de cada local no seu espaço-tempo e formação territorial, muito embora as terminologias bairro, periferia, comunidade e favela serão vistas mais adiante.

<sup>3</sup> Proposta dentre uma das 17<sup>a</sup> metas outorgadas pela Organização das Nações Unidas em 2015, visitada no endereço eletrônico: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimentosustent%C3%A1vel>. Acesso em: 21 jun. 2023.

Quanto ao **recorte geográfico** foram utilizadas as ruas, a destacar: Caratinga, Ipiranga, Itanhomi, Marajá, Inhapim, Tarumirim, Antoniete Fernandes. As três primeiras foram elegidas por estratégia de campo, já que possuem maior fluxo de pessoas, instituições, pontos de comércio e de encontros; contudo é válido ressaltar que os moradores foram escolhidos de modo aleatório, de acordo com a disponibilidade e voluntariedade para responder as entrevistas. A pesquisa consistiu em identificar como é a autossobrevivência dos moradores do Bairro Carapina, a partir da coleta de entrevistas semiestruturadas, em seis etapas distintas.

A primeira etapa buscou conhecer os moradores a partir de um diálogo mais espontâneo e informal. Na segunda etapa, ocorreu a elaboração da entrevista semiestruturada com a perguntas realizadas e, para além disso, utilizada a percepção da pesquisadora para, se possível, realizar outras perguntas e fazer outras análises. As perguntas foram separadas em dois blocos: um bloco separado para investigar o senso comunitário, a interação e a sociabilidade; e, outro bloco, para identificar aqueles moradores que exerciam, de certo modo, a liderança comunitária.

A terceira etapa contou com a realização da pesquisa de campo e a realização das entrevistas semiestruturadas com os moradores do Bairro. A quarta etapa contou com registros fotográficos dos moradores que se sentissem à vontade e que autorizassem tanto o registro quanto a divulgação de sua imagem ao longo deste trabalho. Já na quinta etapa foi realizada a transcrição das entrevistas pela pesquisadora e, posteriormente, foram feitas as tabulações, elaborações de gráficos e compatibilização dos dados gerados com resumo de informações. Destaca-se que nas entrevistas foram utilizadas as iniciais de cada morador, além da idade e o seu logradouro. Na sexta etapa, os dados foram utilizados para fomentar as análises dos fenômenos observados, a fim de corroborar a escrita da dissertação, com a pesquisa bibliográfica para endosso do trabalho.

Como método de pesquisa, foram adotadas ferramentas como: a gravação de áudio para posterior transcrição das entrevistas, tabulação e a confecção de gráficos e análises dos dados em torno das informações mais gerais e introdutórias do escopo do roteiro da entrevista. A presente pesquisa contou ainda com uma **abordagem qualitativa**, tendo em vista que parte da análise e a interpretação de informações coletadas ocorreram junto aos moradores do Bairro Carapina. As perguntas foram elaboradas e norteadas por hipóteses empíricas, a partir do olhar do olhar do cenário (o Bairro Carapina) estudado, dos fenômenos vislumbrados, quais foram: sociabilidade, interação, identidade e lideranças que estão imbuídos de um arcabouço maior, ligados ao senso comunitário.

No que tange à **natureza**, foi desenvolvida uma pesquisa de teoria crítica já que se realizou uma reflexão analítica da atualidade transposta da sociedade para o trabalho acadêmico, a fim de observar os fenômenos vislumbrados no campo estudado. Quanto aos **objetivos**, eles perpassaram pela análise exploratória; já quanto aos **procedimentos** adotados, trata-se do método *survey*, com entrevistas semiestruturadas (anexos A e B), pesquisa de campo e as deambulações, a utilização de pesquisa bibliográfica, documental com fontes primárias e análise de legislação.

O trabalho também se trata de uma pesquisa de campo, pois foram utilizadas técnicas de observação que permitiram compreender a problemática, com os dados e fontes primárias, bem como as informações que foram coletadas *in loco*. Ao empregar esse método, “estuda-se um único grupo ou busca estudar um grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes” (GIL, 2002, p. 53).

Para além disso, no que tange à pesquisa bibliográfica e a documental com fontes primárias, foi analisada legislação como: Código de Obras; Uso e Parcelamento do Solo; Plano Diretor e dados estatísticos coletados junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Plano Nacional de Amostras por Domicílios (PNAD) e Instituto de Pesquisa Economicamente Aplicada (IPEA). Além disso, foram utilizados vídeos do *YouTube*, a fim de, como pesquisadora, aprofundar o olhar sobre o Bairro e apresentar ao leitor um pouco do território estudado.

A pesquisa de campo também decorreu da coleta de informações em instituições públicas que atendem à comunidade, dentre elas: Unidade Básica de Saúde (UBS) e a Escola Estadual Carlos Luz. Já o método de trabalho ficou a cargo de entrevistas semiestruturadas, o registro de fotografias, e a coleta de relatos e memórias. Em relação ao levantamento bibliográfico utilizado inicialmente, destaca-se a necessidade de realizar uma categoria de análise, já que os objetos de estudo coletados compuseram outra realidade posta daquela vigente no Bairro Carapina.

Desse modo, foi utilizado como referencial os estudos dos respectivos autores, a saber: 1) quanto aos aspectos de senso comunitário: Nelson e Finan (2014); Venâncio e Portilho (2020); 2) a respeito de sociabilidade: Latour (2012); Simmel (2006); Piccolo (2006); 3) no que tange à territorialização: Barbosa (2008); Haesbaert (1995, 2011, 2014); Tuan (1974, 1983); Villaça (2001) e Santos (2006, 2013, 2018).

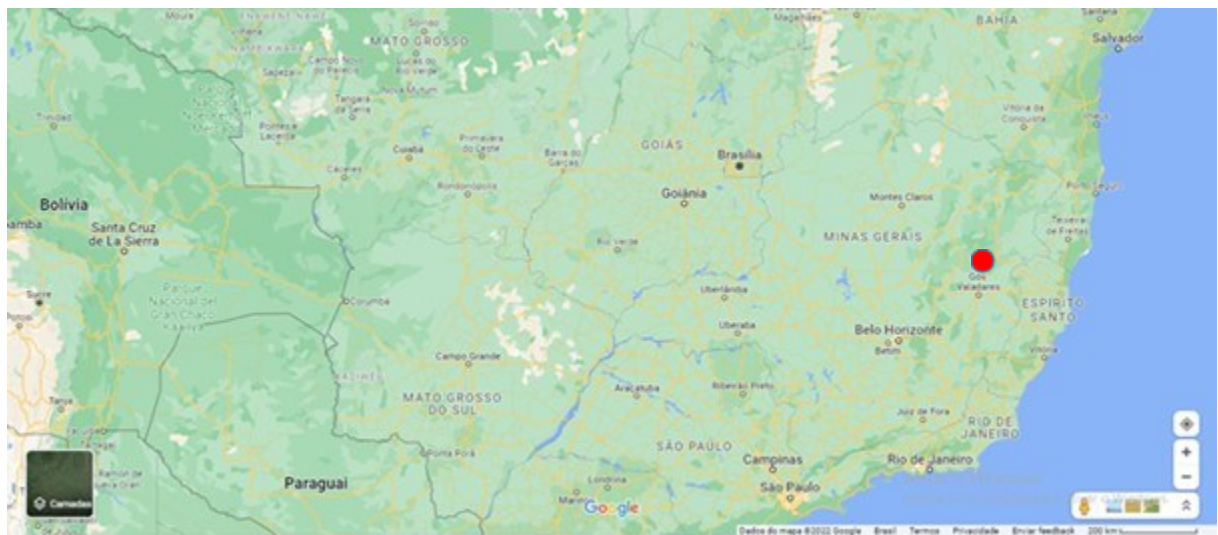
Cada capítulo foi dividido em subseções. No primeiro teceu-se brevemente a história de Governador Valadares, bem como a do Bairro Carapina, de modo a adentrar na contemporaneidade. Já na segunda subseção do mesmo capítulo foram apresentados os dados

gerais do Bairro Carapina, situando o leitor sobre os parâmetros do local, conforme a legislação municipal, algumas ruas e suas características. Já na terceira subseção, foi abordado como se adentrou nesse território através do caminhar pelo percurso à deriva e os aspectos gerais sobre o Bairro Carapina.

No segundo capítulo, foram abordados o senso comunitário no Bairro Carapina e as interações entre os moradores, a fim de compreender o processo de coletividade e de ajuda mútua. Já no terceiro capítulo, explanou-se sobre o processo de socialização e as lideranças como forma de elucidar a auto-organização do espaço estudado, visto que ambos estão entrelaçados na ideia central do senso comunitário.

O mapa abaixo visa apontar a localização da cidade de Governador Valadares/MG, onde fica o Bairro Carapina:

MAPA 1 – MAPA DA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES/MG



Fonte: Google Maps (2022).

## **CAPÍTULO 1 COMPREENDENDO O PASSADO PARA ADENTRAR NA CONTEMPORANEIDADE**

Esta seção tem como objetivo adentrar um pouco a historicidade do Bairro Carapina no que se refere à formação territorial, a fim de apresentar ao leitor como surgiu o local, desde a chegada da rede de abastecimento de água encanada, a rede de energia elétrica, ao modo de vida dos primeiros moradores. Posteriormente o objetivo é percorrer os aspectos da atualidade, a fim de propor uma imersão no local. Para tanto, tornou-se necessário realizar uma pesquisa de campo, por meio das deambulações e o caminhar à deriva para conhecer o Carapina e entrelaçar uma proximidade da narrativa apresentada pelos moradores entrevistados com a realidade do cotidiano do espaço vivido e ao transpor em forma de escrita ao leitor.

Nesse sentido, foi realizada uma breve digressão histórica voltada para os aspectos territoriais e para a formação do espaço. Após, realizou-se uma análise macrossociológica com relação à concepção do solo urbano brasileiro, marcado pela desigualdade na distribuição da terra e na compra e venda de lotes, fenômeno não isolado e também percebido no território estudado, o Bairro Carapina, paralelo ao fomento da urbanização e modernização do centro da cidade de Governador Valadares/MG e demais centros urbanos brasileiros.

Consequentemente, em razão do descaso do Poder Público com o Bairro Carapina, a implementação de equipamentos urbanos ocorreu de modo gradativo graças à luta dos moradores do local e graças ao senso comunitário: por solidariedade de um vizinho com seus pares (que será objeto de discussão especificamente no Capítulo 2). Esse senso comunitário possibilitou no local a chegada de rede de abastecimento de água, esgoto e rede elétrica, por volta da década de 1970, conforme colhido nos relatos dos moradores entrevistados.

Em seguida, serão apresentados os dados gerais do Bairro, em forma de gráficos e breves comentários, tendo como embasamento os relatos dos moradores entrevistados, com o gênero predominante, o perfil etário, a renda familiar, a escolaridade, a quantidade de moradores por domicílio, o tempo de deslocamento dispendido do bairro ao centro, seja a pé (a caminhabilidade), de carro, de moto, de ônibus, moto-táxi e/ou aplicativo de transporte.

Por fim, destaca-se que a jornada empreendida por meio da pesquisa de campo restou viabilizada graças à receptividade e acolhida dos moradores logo no primeiro contato com o Bairro, algo extremamente positivo e valioso, que contribuiu não apenas para que a entrevista fosse leve – mesmo com o roteiro da entrevista semiestruturada (anexo A) – não fosse algo impositivo e permitisse compreender a realidade do local, na condição de pesquisadora. Os relatos possibilitaram sentir as dores e as alegrias dos moradores do Carapina e também



contribuíram para a fluidez e dinamismo dos diálogos, que, por vezes, foram conversas amistosas e emocionantes, potencializando como protagonista deste trabalho as narrativas dos moradores.

## 1.1 Um olhar para o passado para compreender a contemporaneidade no território

A cidade de Governador Valadares, considerada como parte da Bacia do Rio Doce, foi a última região do estado que teve ocupação em Minas Gerais, pela Coroa Portuguesa, por volta de 1800, já que era uma área atrativa por interligar o Rio Doce ao mar do Espírito Santo, conforme Espíndola (1999, 2005). Com a crise aurífera que assolou o Brasil tornou-se necessário incentivar a ocupação dos “Sertões do Rio Doce” e, nesse contexto, é válido ressaltar que houve a “Guerra Ofensiva aos Botocudos”.

Essa guerra na região teve incentivos fiscais, dentre elas: isenção de dízimos por dez anos e concessão de moradia por seis anos, para os devedores da Fazenda Real. Para o caso dos fazendeiros, era facultativo o trabalho indígena. Mesmo com incentivo fiscal, poucos foram aqueles que habitaram a região e tiveram apoio da Regência para estimular o povoamento até os anos de 1836 (BORGES, 1988).

Desse modo, somente na segunda metade do século XIX, a Figueira (que posteriormente recebeu o nome de Governador Valadares) torna-se entreposto comercial e o Rio Doce passa a ser navegável, sendo possível a troca de mercadorias entre regiões. Assim, a cidade recebeu uma população considerável e, paralelamente, passa pelo processo de construção da Estrada Vitória-Minas (conhecida até então como Vitória-Diamantina).

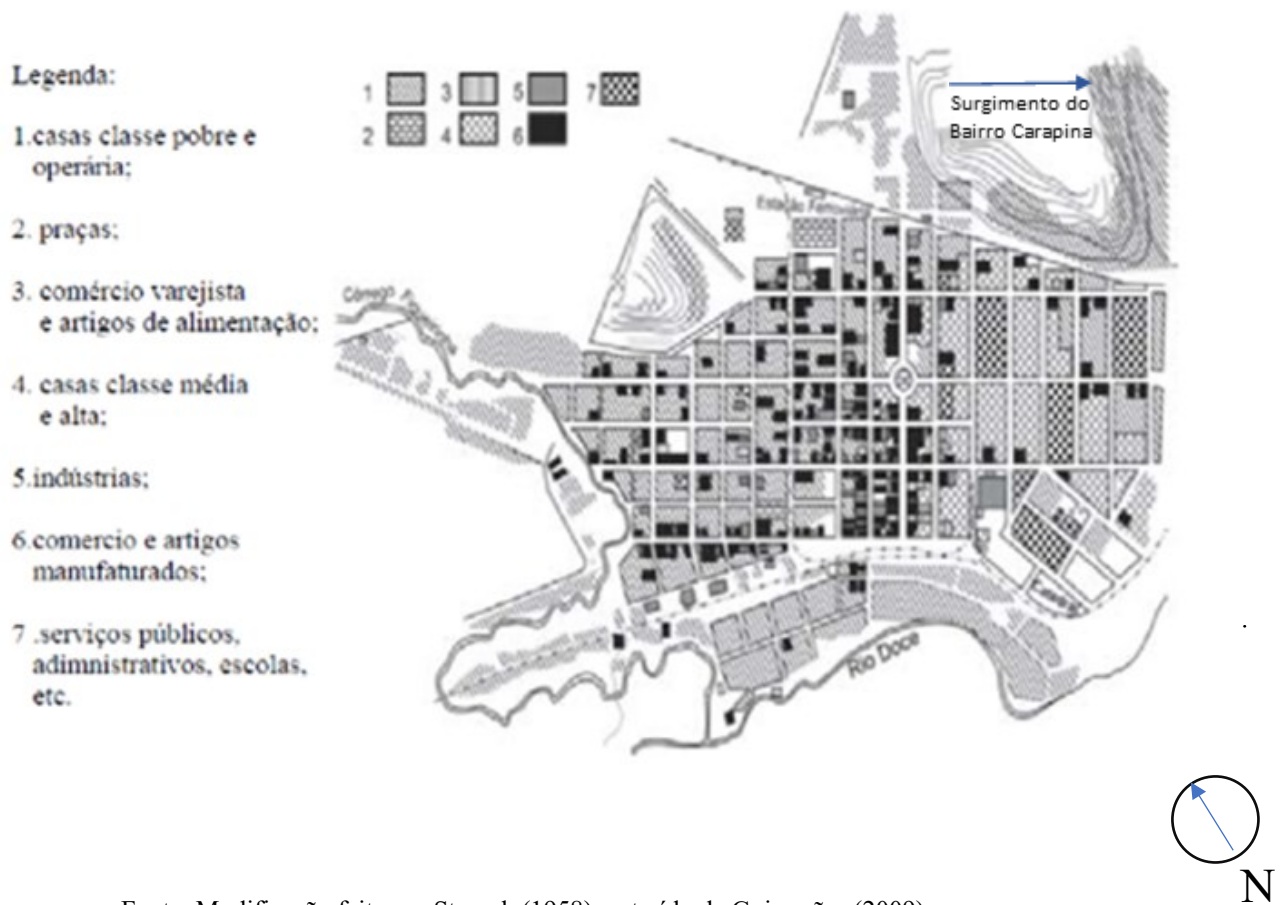
Em 1910, a cidade recebeu a estação ferroviária Figueira, que proporcionou efeitos significativos para o entreposto comercial com o Espírito Santo e a Bahia, além da migração de pessoas vindas da Itália, Espanha e Síria, principalmente para trabalhar nas lavouras de café e na extração madeireira (SIMAN, 1988). A fotografia 4 retrata o final desse período:

FIGURA 4: FOTOGRAFIA DA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES-DENOMINADA DE FIGUEIRA



Fonte: Centro de Documentação e Arquivo de Custódia (CEDAC), da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

## MAPA 2 – MAPA DE GOVERNADOR VALADARES NO INÍCIO DA URBANIZAÇÃO

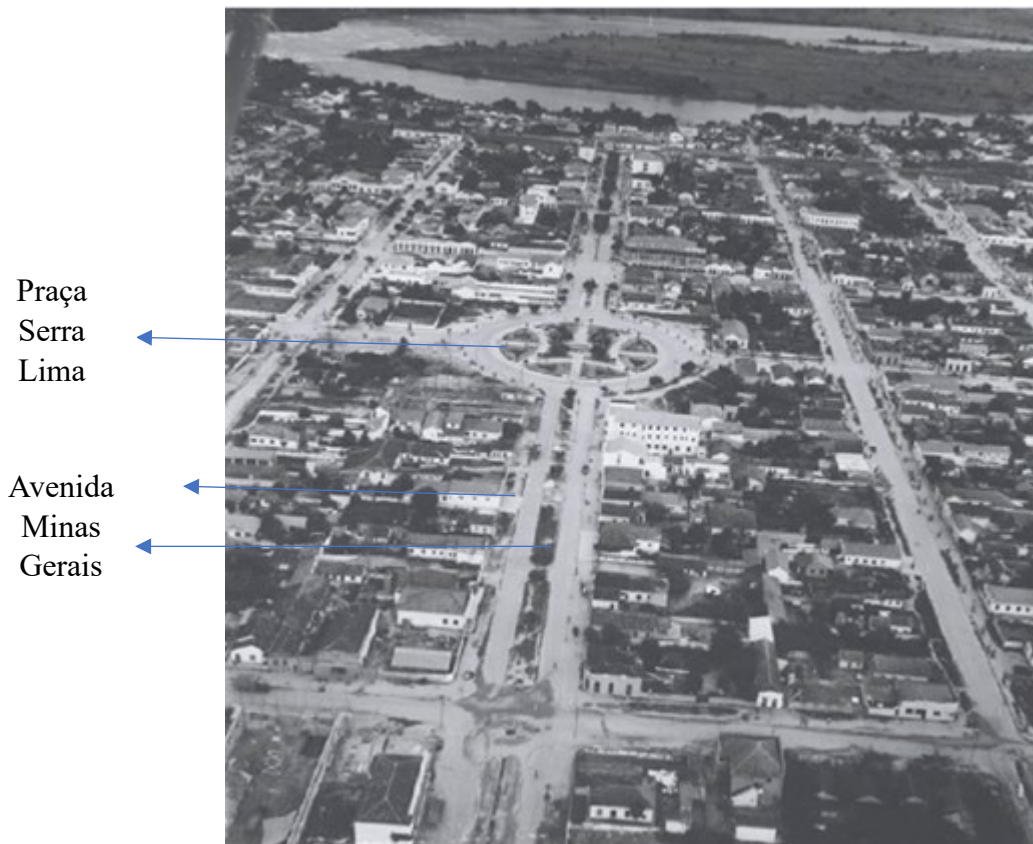


Fonte: Modificação feita por Strauch (1958), extraído de Guimarães (2009).

LEGENDA: 1. Casas classe pobre e operária; 2. Praças; 3. Comércio varejista e artigos de alimentação; 4. Casas classe média e alta; 5. Indústrias; 6. Comércio e artigos manufaturados; 7. Serviços públicos, administrativos, escolas, etc.

Por volta das décadas de 1940 e 1950, a cidade foi contemplada pela rede de abastecimento de energia, pela Companhia de Eletricidade do Médio Rio Doce, com apoio do presidente Juscelino Kubistchek, sendo significativo o momento para implantar iluminação e a arborização urbana. A figura, a seguir (Figura 5), possui um traçado regular de quadrícula:

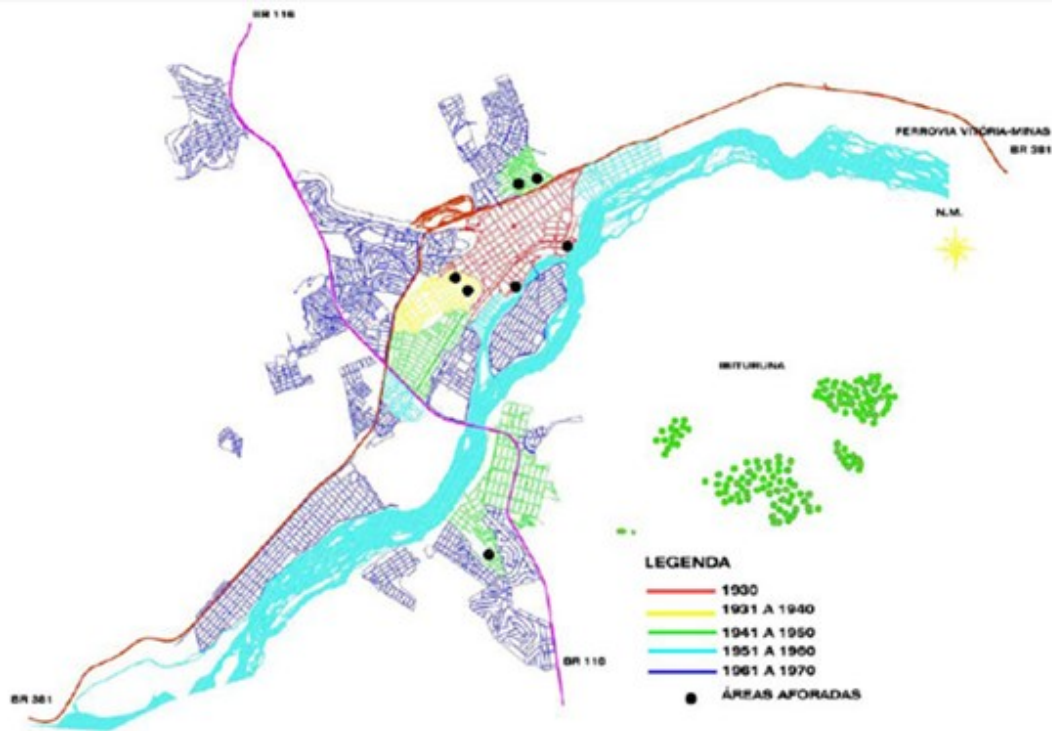
FIGURA 5 – FOTOGRAFIA DA PRAÇA SERRA LIMA – VISTA PARCIAL DA CIDADE



Fonte: Centro de Documentação e Arquivo de Custódia (CEDAC), da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE).

Na década de 1960, a cidade recebeu um grande contingente populacional devido ao êxodo rural, no qual a população almejava trabalhar nas atividades da extração de mica e madeira, conforme Guimarães (2009). Nesse sentido, houve o surgimento de outros bairros como: São Tarcísio, Nossa Senhora das Graças, Bairro de Lourdes, Alto do Carapina e Santa Terezinha (SIMAN, 1988). Os mapas 3 e 4 da cidade de Governador Valadares apontam essa ocupação:

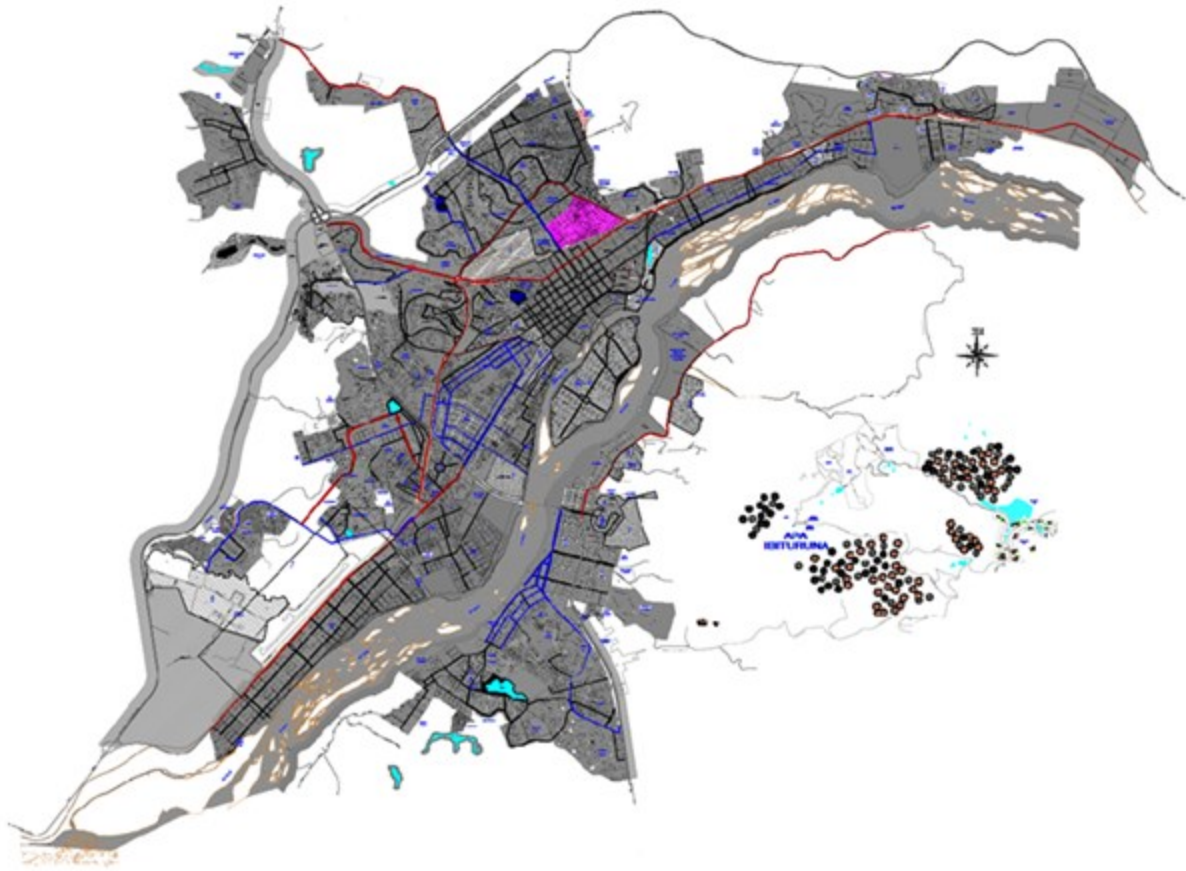
### MAPA 3 – MAPA DE EXPANSÃO E OCUPAÇÃO ATÉ A DÉCADA DE 1970



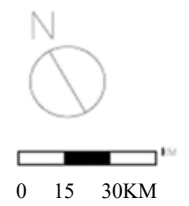
Fonte: Guimarães (2009).

Adentrando o aspecto histórico e de formação do Bairro Carapina, o morro era apenas uma fazenda, cuja propriedade pertencia ao Senhor Antônio Carapina, sem registro bibliográfico específico. Contudo, de acordo com a entrevista de campo, é possível inferir que o Bairro foi fundado em torno de 1950 e, de acordo com alguns relatos dos moradores, a sede da fazenda era localizada a Nordeste da área central às margens da linha férrea. Com o decorrer do tempo, o local ficou conhecido popularmente como “pé do morro”, conforme o mapa 4:

MAPA 4- MAPA DO BAIRRO CARAPINA CIRCUSNCRITO NA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES



Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015).



De acordo com sítio eletrônico “Favela é Isso Aí”<sup>4</sup>, o Bairro Carapina, considerado bairro popular da cidade de Governador Valadares/MG, teve o seu povoamento a partir da compra e venda de lotes que foram ofertados ao valor de mil cruzeiros por área, o que serviu de atrativo para que os moradores ali se estabelecessem. Desse modo, por ser um local simples sem energia elétrica, água encanada, e ruas delimitadas interferia na qualidade de vida da população.

Por esse motivo, a construção das edificações ocorreu de forma simples, por meio de barro e tábuas, que incitava comumente o surgimento de percevejos. Nesse período, ainda não havia os arruamentos no local, era comum o pastoreio, e, além disso, o local contava com trilhos e matos. Durante os períodos de chuva, o bairro ficava repleto de lama, uma situação também agravada em decorrência da topografia natural que oferece um risco geológico propício à ocorrência de desmoronamentos e erosões.

Adentrando nos aspectos socioeconômicos no que se refere à sobrevivência dos moradores entrevistados, de acordo com G. (43, Rua Ipiranga), a formação do Bairro foi mobilizada pela comunidade com apoio da Igreja Católica, a “Igrejinha” (que tinha o Padre Mateus) uma referência de associação social para a época; bem como a Fundação de Fundo Cristão, com apoio da Fundação Internacional, onde se encontra a atual sede da Escola Municipal Martin Luther King, de a Educação Infantil. Havia também o apadrinhamento das crianças do bairro com apoio internacional e algumas vezes com intermédio nacional. Essa Fundação encaminhava dinheiro e material escolar e, desse modo, muitas crianças da época conseguiam viver com essa renda complementar já que a renda dos pais era reduzida, e eles só se mantinham com o básico<sup>5</sup>:

---

<sup>4</sup> “Favela é Isso Aí”, é um sítio eletrônico de 2004, em que a produção e elaboração do conteúdo foi resultado do projeto Guia Cultural de Vilas e Favelas, realizado pela antropóloga Clarice Libânio, publicado em agosto de 2004, em parceria com a Organização não Governamental homônima. Disponível em <https://www.favelaissoai.com.br/comunidades/carapina-governador-valadares/> Acesso em: 20 jun.2022.

<sup>5</sup> Paralelamente, no que concerne às periferias brasileiras no período de 1970 a 1980, segundo Maricato (2000), a manutenção desses territórios que foram sendo gradativamente consolidados pelo apoio de algumas figuras que se opunham ao Regime Ditatorial (nesse caso, em São Paulo). Essas figuras participavam ativamente em solo urbano, a fim de promover uma urbanização mais digna, cobrando assim do Poder Público o que conseqüentemente consolidou o Fórum de Reforma Urbana (FRNU).

De acordo com Pereira (2019), a periferia pesquisada na cidade de Teófilo Otoni/MG, o Bairro Eucalipto aponta uma similitude com o Bairro Carapina, em Governador Valadares/MG, visto que em ambas as localidades o processo de territorialização perpassou por três etapas: a compra e venda de lotes; a migração dessa população oriunda das cidades circunvizinhas e dos distritos; e, a expulsão de parte dos moradores que trabalhavam numa fazenda da cidade e foram simplesmente jogados no Bairro. Nessa perspectiva, durante a investigação, percebeu-se que havia um apoio eclesial em uma figura centrada na Irmã Arcângela. Assim, é possível inferir que, neste período da década de 1970-1980, as periferias brasileiras contavam com esse apoio, além de haver uma semelhança com o apoio de entidades eclesiais, como no Bairro Carapina.

V.: Quando a gente era criança tinha uma Associação Samuel Domingos Gomes isso era uma coisa que tratou da nossa comunidade a gente era uma pobreza a gente necessitava muito deles, sempre eles ajudavam a gente

I.R. Tinha proximidade com a igreja?

V.: Não era só a pessoa, que foi para os Estados Unidos e tinha meus irmãos que eram apadrinhados, então ajudava a gente demais, a gente era muito filho, meu pai, mais minha mãe. Tinha meu pai, ele trabalhava cortando mica, esse negócio, então ganhava muito pouco, então essa ajuda que os padrinhos davam para os meus irmãos ajudavam a gente demais.

I.R.:E eles ajudavam muita gente do Bairro?

V.: Ajudavam eram muita gente, tinha o pessoal era muita gente apadrinhados aconteciam às vezes de mandar a quantidade que mandava por mês e mandava um trocadinho a mais, aquilo ajudava demais a gente (V., 64, Rua Caratinga).

Ainda conforme a moradora G. (43, Rua Ipiranga), a Fundação também articulava com a comunidade a coexistência do Clube das Mães. Em cada rua tinha uma líder que recolhia informações e necessidades da comunidade, como: “chegou um morador novo, tem criança com baixo peso, com desnutrição, com verme”, já que não havia rede de esgoto no local e existia tinha muita parasitose. Então, essas mulheres repassavam as notícias para a Fundação. Havia ainda o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP)<sup>6</sup>, com uma interlocução com o Poder Público, que articulava para a comunidade auxílios externos e Organização não Governamental (ONG), como a organização Fundo Cristão.

A rede de abastecimento de água encanada era precária e havia grande dificuldade na sua obtenção, pois os moradores tinham que caminhar pelo leito do Rio Doce até o córrego Figueirinha e entre os bairros circunvizinhos para conseguir água. Houve relatos de que isso acontecia pela madrugada, e para economizar a água, a higiene pessoal dos moradores ocorria com o uso de um balde de água (SÍTIO ELETRÔNICO FAVELA ISSO AÍ). De acordo com G. (43, Rua Ipiranga), a água era coletada em latas grandes de óleo, denominadas de “cartolas”, carregadas na cabeça pelos moradores que aguardavam em filas enormes.

A moradora ainda afirma que:

Assim por causa desses chafarizes formavam filas pra pessoa pegar água pra uso comum em casa, então todo mundo tinha só cartola. Na minha geração que a gente já tem mais de quarenta anos né, só me põe em responsabilidade de perceber que eram só de cartola porque ainda faltavam água muita água no bairro, então constantemente a gente tinha que ter. É além das caixas d'água a gente tinha sempre uns reservatórios a mais porque por risco de faltar água até vim um caminhão pipa porque já aconteceu isso da gente tá na rua com balde eu bem pequenininha com baldinho e com a latinha pra buscar água. Então isso é da memória da família e da comunidade, então essa ausência do poder público que faz com que a gente tentar se organizar e aí essas filas dos chafarizes que eu fiz e voltei às vezes davam umas confusões né brigas, disputa pra quem chegou primeiro, então assim ainda com todos esses conflitos que é da

---

<sup>6</sup> O Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), fundado em 1942 foi criado pelo Governo Nacional através de um acordo entre os governos brasileiro e norte-americano, cujo intuito era de dar maior amparo e enfoque à saúde pública, atuando de modo preventivo e curativo, direcionado às escolas primárias das regiões produtoras de matéria prima, como mica e madeira (RENOVATO e BAGNATO, 2010).



própria comunidade. Então na convivência das relações mesmo a gente conseguia entender a necessidade de todos, então ninguém ficava sem, a briga era absurda pra alguém deixasse de ter em casa, talvez não era o primeiro, a maior, a melhor quantidade, mas todo mundo tinha, então assim o povo fazia com que quase todo mundo era quase obrigatório você ser solidário com o outro (G., 43, Rua Ipiranga).

Segundo relatos, houve momentos em que o Bairro contou com chafarizes nas proximidades da Rua Tupinambás, localizada ao lado da linha férrea, que separa o Bairro do Centro da Cidade e da Rua Ipiranga. Por isso, destaca-se que o processo de infraestrutura urbana foi fundamental para possibilitar melhor qualidade de vida aos moradores e se deu com o apoio da comunidade e do Padre Eulálio Lafuente, por meio de campanhas de mobilização.

Em conformidade, os chafarizes eram conhecidos a partir dos nomes dos moradores da Rua Ipiranga, eram: Dona Filomena, Germiro dos Santos e Zé Enfermeiro; já o da Rua Caratinga era denominado de Manoel de Preto. Mesmo assim, o abastecimento não era capaz de suprir a demanda do bairro, já que para ter acesso à água eram realizadas filas imensas, que geravam alguns transtornos para os moradores. O fornecimento aconteceu desse modo, até a década de 1980, e somente em agosto 1983, devido à criação da associação dos moradores e por cobranças da população e da Prefeitura Municipal, foi possível vislumbrar e ter acesso à água encanada no Bairro (SÍTIO ELETRÔNICO FAVELA ISSO AÍ).

Ainda conforme o relato dado por G. (43, Rua Ipiranga), antes disso, houve três tentativas de implementação da água no bairro, sendo: a primeira por meio de uma caixa de água (em frente a atual Escola Estadual Carlos Luz); a outra, na Rua Tarumirim (no meio da rua, no sentido da Avenida Minas Gerais), por meio de uma caixa seca que ficava localizada no ponto mais abaixo, do outro lado do Bairro, que dificultava o abastecimento; e, a terceira tentativa, na Rua Marajá, cuja caixa d'água conseguida por meio de doações, ficava dentro do lote de um dos moradores.

Posteriormente, G. (43, Rua Ipiranga) descreveu que foi implementada em 1968, pelo prefeito da época, Hermírio Gomes, a tecnologia do Bioquê, conhecida popularmente como “Bioquê do Prefeito”, uma forma de armazenar e bombear água para a população do Bairro. O bioquê foi inventariado em 2014 e, no mesmo ano, tombado, recebendo a categoria de bens móveis, cuja responsabilidade era do Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto (SAEE) da cidade (SÍTIO ELETRÔNICO I PATRIMÔNIO). As figuras 6 a 8 demonstram o bioquê:

## FIGURAS 6 A 8 – BIOQUÊ



Fonte: Facebook: Fotos Antigas e Atuais de Governador Valadares, 17 jul. 2014; Arquivo Pessoal (2023); Site Ipatrimônio (2023).

Cabe ressaltar que a solução do abastecimento de água foi parcialmente sanada, visto que não havia tratamento adequado, por isso, os moradores eram obrigados a aquecerem a água para tentar resolver o problema. Além disso, havia muitas doenças que assolavam grande parte das crianças pelo contágio. Outro fator que contribuía para essa situação era a ausência de banheiro e instalações sanitárias nas residências. Nesse sentido, as necessidades fisiológicas eram realizadas em fossas sépticas.

Sobre a migração dos moradores ser um fenômeno marcante na territorialização do Bairro, havia a cultura na cidade o hábito de criar animais, como porcos, galinhas e patos. Nesse caso, tornava-se mais um agravante manter o saneamento básico da população do Carapina, conforme G. (43, Rua Ipiranga).

No que tange ao aspecto da estrutura das residências segue o relato:

I: Aí a senhora veio e mudou para o Carapina aqui mesmo?

M. G.: Sim, isso aqui tudo era mato, isso aqui não tinha isso aqui, isso aí passava tudo na minha casa era tanto uma dificuldade eu morei na casa de tábuas com dois cômodos e tinha um banheiro certo para o lado de fora que panchava a água, tinha uma cartola que pegava água na cabeça, mas era na bacia, mas tá bom o tempo passou (M. G., 72, Rua Inhapi).

A fala de outro entrevistado também reforça a questão:

I. M.: Aqui nesse bairro, nessa rua tem mais de cinquenta anos, né!

I: E o senhor lembra daqui, como que era?

I. M.: Isso aqui era outro... outra rua né? Isso aqui subia água encanada não, subia um chafariz ali naquela esquina, ali subia uma valeta aqui e ali embaixo, essa rua aqui sem calçamento, sem luz, quando mudei aqui nem luz tinha.

I: Era luz de vela né, lamparina.

I. M.: É, lampião (I. M., 79, Rua Caratinga).

No que se refere às residências, sabe-se que as edificações eram dificultosas devido ao acesso ao local, já que deslocar era feito por meio de carroças, o que demonstra a precariedade e a ausência de infraestrutura nos arruamentos do referido Bairro. Contudo, houve uma significativa melhoria quando ocorreu o processo de alargamento das ruas, já que a pavimentação se deu de forma gradativa. Ainda com relação às residências, as primeiras edificadas foram através de mutirões e iniciativas individuais, além de muitas casas serem ocupadas com uso irregular e sem amparo da legislação adequada, que se mantem até a atualidade.

Anos após a ocupação do Bairro Carapina, a iluminação foi fornecida por meio de lamparina, lampião ou até mesmo tochas, no período noturno. Em meados da década de 1970, ocorreu a distribuição dos primeiros postos de energia elétrica e, de forma gradativa, estendeu-se por todo local no decorrer do tempo. Os buracos dificultavam o deslocamento dos moradores, por isso a circulação de veículos e pedestres era limitada. O asfalto chegou anos mais tarde, em 2020 (G., 43, Rua Ipiranga), através dos próprios moradores que contou com a assistência da gestão municipal naquele período.

Na década de 1980, foram criadas as rampas e as escadarias, promovidas pela Associação de Bairro, denominada atualmente de Associação Samuel Domingues Gomes (ASDOG), conforme figura 9 abaixo. Segundo relato de V. (64, Rua Caratinga), trata-se de uma associação com o apoio de pessoas que foram para o exterior e “apadrinhavam as crianças”. Antigamente, grande parte dos moradores trabalhavam com a lavoura e, ao migrarem para outra profissão, ocuparam postos de: funcionários de armazéns, pedreiros, domésticas, ambulantes e demais funções tidas como informais ou de subserviência.

FIGURA 9 – ASDOG



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

A comunidade atualmente conta com três quadras de esporte e um time de futebol que já venceu torneios contra o Paraná. Além disso, no bairro há um posto de saúde, posto policial, uma escola estadual e municipal. No que tange à associação de Bairro, destacam-se várias lideranças já falecidas que articularam conquistas e benfeitorias para os moradores. Entre eles, cabe citar: José Otávio dos Santos, conhecido como Zé Lagoa e Samuel Domingues Gomes.

De acordo com o Sítio Eletrônico Favela Isso Aí, no ano de 2006, o local contava com um mil e duzentas crianças, e duzentas delas estavam matriculadas em creche e escola. Atualmente, a Associação Samuel Domingos Gomes conta com a parceria do Programa de Comunidade Viva e Ação, que oferta cursos na área da música, esportes, informática, capoeira, dentre outros. Além disso, no que se refere ao aspecto cultural, o bairro já contou com o bloco Juventude Carapina, que recebeu vários prêmios carnavalescos, além dos “Caboclinhas”. Um ponto de encontro do local é o Bar Recanto da Juventude, que fica na Travessa Tumiritinga e promove forró e bailes *funks* constantemente. A comida típica da comunidade é o feijão tropeiro e o “peixe peroá”, popularmente denominado dessa forma (no caso, trata-se de uma tilápia frita), comercializada pelo “Bar do Adélio”.

## 1.2 Dados gerais sobre o Bairro Carapina

Esta seção tem como objetivo apresentar o Bairro Carapina na atualidade, a fim de apontar para o leitor como está a arregimentação territorial, os complexos existentes dentro desse microterritório e, posteriormente, adentrar em dados da tabulação de campo, para mais dar mais personificação à pesquisa. A seguir, os mapas 5 e 6 demonstram o Bairro:

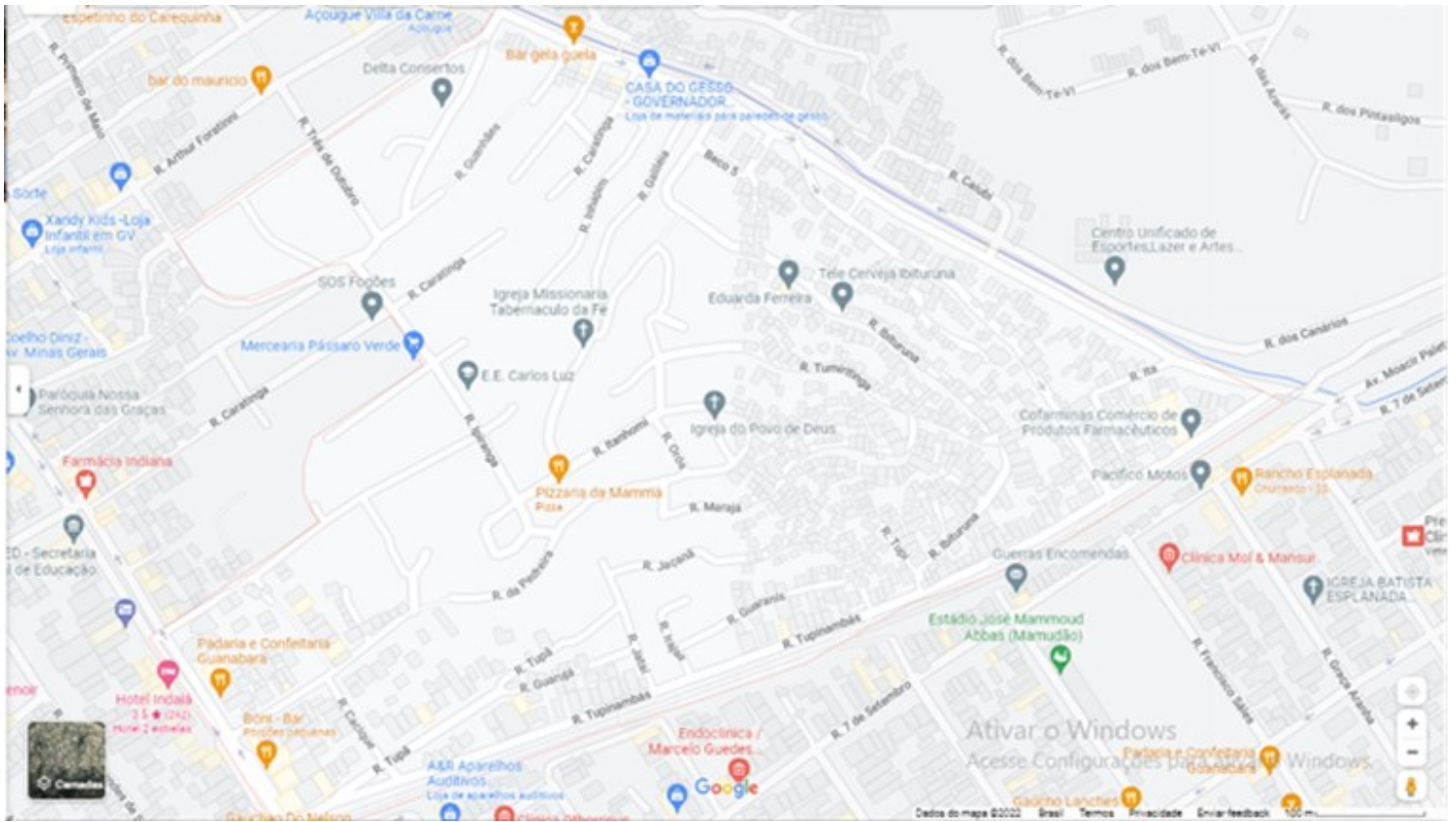
MAPA 5 – MAPA ATUAL DO BAIRRO CARAPINA



Fonte: Google Maps (2023)

Como verificar-se no mapa, a dimensão territorial do Bairro Carapina, destacado de magenta, com relação ao restante da cidade. O Bairro possui como linhas limítrofes: Avenida Tancredo Neves, Avenida Minas Gerais, Rua Gentil Dias da Silva e Rua Tupinambás (Mapa 6).

MAPA 6 – MAPA COM OS CONFRONTANTES DO BAIRRO CARAPINA



Fonte: Google Maps (2022).

MAPA 7- MAPA DO BAIRRO CARAPINA ZHIS II, COM A RUA GALILEIA



MAPA 8- MAPA DA RUA GALILEIA



Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015).

FIGURA 10 – PARTE DO BURACÃO



Fonte: Mariana Santos Xavier, aluna do 2º Período de Jornalismo, da Univale (2022).

FIGURAS 11 E 12 – RUA CARATINGA VERSUS RUA DO BURACÃO



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

Conforme as figuras 11 e 12 do Bairro Carapina, verifica-se que há uma quantidade considerável de arruamentos, abrangendo desde a Rua Tupinambás até a Avenida Tancredo Neves. Além disso, o Bairro conta com ruas e becos de difícil acesso, em geral. No que se refere ao Buracão (que compreende a Rua Galileia), é possível vislumbrar a ineficiência do Estado que ainda se faz presente, dada a precariedade do que já fora citado. Destaca-se que na Rua Caratinga existe gabarito para carro, enquanto a rua do Buracão é praticamente acessada somente por pedestres, por ser estreita e contar com meandros, além de escadarias.

As principais vias de acesso ao Bairro Carapina são: a Rua Tupinambás (a principal) e a Avenida Tancredo Neves, ambas de mão única. Os bairros do entorno do Carapina são: à sudeste: o Centro, à nordeste: o Alto do Esplanada, à noroeste: Morro do Querosene; e, à sudoeste: o Bairro Nossa Senhora das Graças. Em relação ao zoneamento, a localidade abrange a Zona de Interesse de Social II, conforme dados extraídos da Prefeitura da cidade, do Uso e Parcelamento do Solo (Anexo I, da Lei Complementar nº 201, de 19 de outubro de 2015).

No que tange aos Parâmetros Construtivos de Governador Valadares, Lei Complementar nº201, Governador Valadares (2015), o Bairro abrange a Zona e Habitação de Interesse Social II (ZHIS II). A testada mínima é de oito metros, a área mínima, de 80 metros. Já a taxa de ocupação quanto ao unifamiliar – coletivo horizontal é de 160m<sup>2</sup>; para o residencial



coletivo vertical, de 80% (oitenta por cento), no térreo, e 60% (sessenta por cento), nos demais pavimentos; para comercial, serviço, institucional misto abrange 80% térreo + 1 e 60% nos demais pavimentos. A altura máxima da divisa é de nove metros, altura máxima da edificação é de quinze metros, o afastamento frontal, de cinco metros, e o afastamento lateral e do fundo igual a zero

Nesse sentido, segundo dados extraídos dos documentos oficiais e outras periferias brasileiras, sabe-se que ainda persistem inúmeras falhas na prestação do serviço público à comunidade, bem como muitos percalços que são enfrentados pelos moradores nesses locais. No Carapina, problemas como: ruas com alagamentos menores que três metros, coleta de lixo e transporte público apenas em algumas partes do Bairro, residências que sofrem risco de deslizamento, já que o solo do Buracão apresenta irregularidades desde os primórdios da sua formação territorial, além de edificações precárias e que não atendem às normas e parâmetros construtivos são apenas uma parte do que os moradores vivem cotidianamente.

### 1.3 Errâncias e deambulações: conhecendo o Bairro Carapina

Para adentrar o macroterritório do Carapina foram realizadas sete visitas a campo, coletando informações, em um diário de bordo, por meio do caminhar à deriva, a pé. Esse deslocamento parte do olhar como sujeito-observador que, no presente trabalho, trata-se da própria pesquisadora, em suas experiências erráticas (JACQUES, 2012); e, como sujeito-caminhante, a princípio para descobrir os principais pontos comerciais do Bairro e algumas ruas que compõem o local.

Para Jacques (2012, p. 18), esse deslocar pela cidade permite as “(im)possibilidades de se realizar novas experiências”, seja pelo empobrecer, ou destruir, no qual os errantes defendem o contrário, dado o fato de narrar e transmitir as experiências a partir das (im)possibilidades da troca. Já a tarefa de narrar está interligada à dinâmica espacial, ao movimentar, e ao caminhar pela cidade.

Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam. “Todo relato é um relato de viagem, uma prática do espaço” [...] “Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é *diegese*, termo grego que designa narração: instaura uma caminhada (guia) e passa através (transgride)” (CERTEAU, 1994, p. 183).

Nesse sentido, ao cartografar o espaço do Carapina pelo caminhar à deriva, instaura-se um movimento e um trajeto peculiar, marcado pela pesquisadora, dada a *diegese* que transgride por meio do demarcar dos pés; o caminhar através das errâncias:

Em vez de repetir nostalgicamente qualquer tipo de tradição da transmissão da experiência, os errantes inventam outras possibilidades narrativas, outras formas de compartilhar experiências, em particular a experiência da alteridade urbana nas grandes cidades. Essas narrativas errantes são narrativas menores, são micronarrativas diante das grandes narrativas modernas; elas enfatizam as questões da experiência, do corpo e da alteridade na cidade e, assim, reafirmam a enorme potência da vida coletiva, uma complexidade e multiplicidade de sentidos que confronta qualquer “pensamento único” ou consensual, como o promovido hoje por imagens midiáticas luminosas e espetaculares das cidades (JACQUES, 2012, p. 20-21).

Por isso, a errância urbana é demarcada na apologia da experimentação pela cidade, na qual a prática pode partir de qualquer um de forma voluntária. O errante nada mais é que errante não tem apenas a capacidade de enxergar a cidade com a visão de mapear, mas, sim, de experienciar por uma imersão; ele (re)cria sua própria cartografia a partir da cartografia itinerante.

Para Lynch (1960), a cidade é tida como um organismo vivo que possibilita o encontro de diversos indivíduos ao reimprimir suas subjetividades, de modo que o espaço urbano se reagrupa/reinventa continuamente. Nesse sentido, o homem como sujeito-observador, com a sua cartografia corporal, dada pelo caminhar/deslocar na cidade, recodifica o espaço urbano, por meio de suas reimpressões por marcações subjetivas/desencadeadas, a partir de suas vivências codificadas cotidianamente, ao longo da vida. Logo, nesse exercício de transitar pela cidade, há a impressão cartográfica com/pelo mapeamento do próprio corpo.

As perambulações partiram-se de cartografar as centralidades do Bairro Carapina, caminhando pelas principais ruas, de modo a percorrer o trajeto e fotografá-los. Nesse percurso cabe elencar algumas teorias de (LYNCH, 1960). Para o Lynch (1960), o princípio da legibilidade refere-se ao desenvolvimento do significado pela andança, através da observância do espaço na escala urbana de tamanho aqui, tempo e complexidade, na qual vale ressaltar a participação da observação (colocada como o sujeito caminhante). Para determinar a andança, basta a identificação da orientação dos sentidos como “cheiro, ouvido, tato, cinestesia, noção de gravidade, dos campos elétricos e magnéticos” (LYNCH, 1960, p.5).

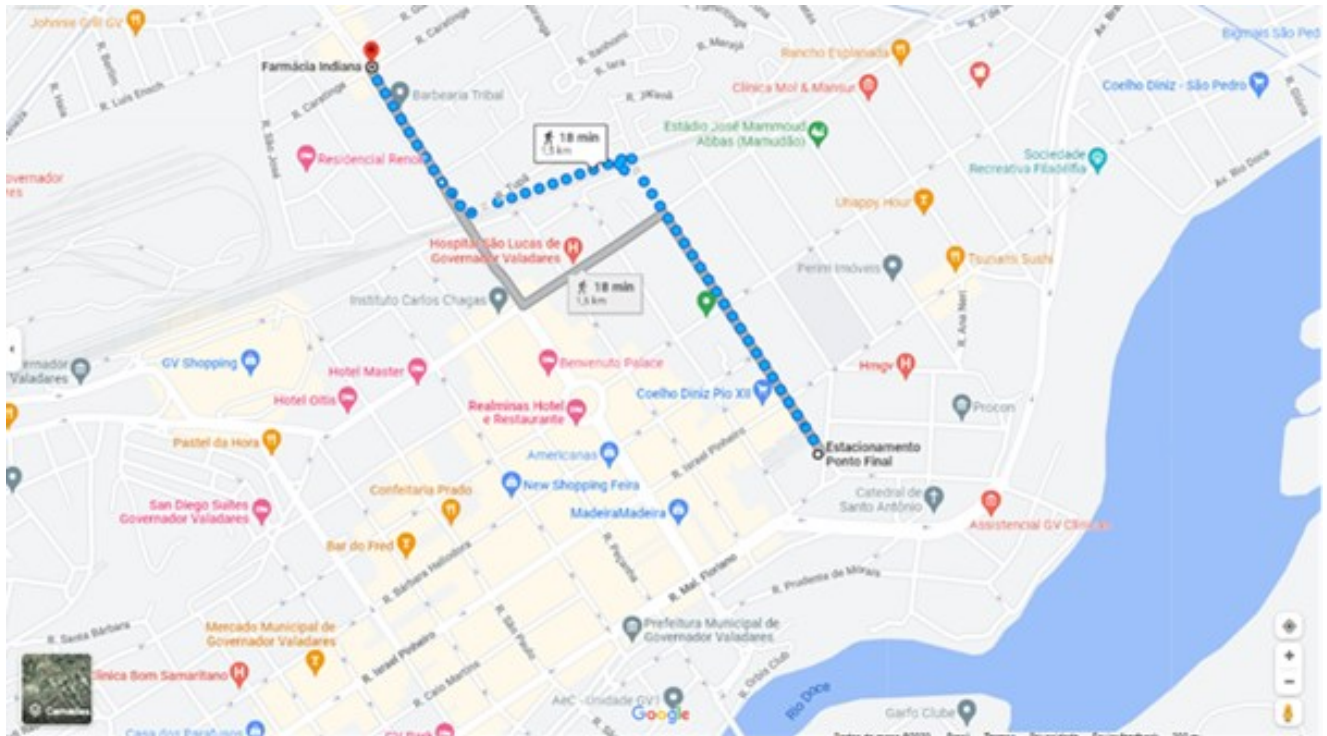
Já o conceito de caminhos parte como elemento estruturador da percepção do ambiente, por meio do deslocar pelos trajetos, os quais produzem elementos que colocam a cidade através de uma imagem. Os caminhos podem ser categorizados do seguinte modo: pelo uso das ruas, sendo comerciais, residências e mistas; pelas qualidades quanto à sua largura; pela apresentação de um tratamento de vegetação; por serem contíguos; por serem vistos em demais locais da cidade; pela origem e um destino bem delimitado. Para tanto, foram aplicados alguns elementos desses conceitos na pesquisa de campo. A seguir, a síntese das visitas:

1ª visita ocorreu aos 7 de janeiro de 2022 – na Avenida Minas Gerais, das 9h às 10h – a referida avenida é tradicional em Governador Valadares/MG, por ser considerada uma das principais vias de acesso ao Centro da cidade. Destaco<sup>7</sup> que no primeiro momento houve um certo impacto, pois sequer tinha conhecimento de que ali daria acesso ao Bairro. Destaco que o percurso foi caminhando, acompanhada de outra pessoa, para auxiliar nos registros. O ponto de partida foi o ponto de ônibus na Rua Arthur Bernardes; e, a chegada, na Avenida Minas Gerais (Mapa 8).

---

<sup>7</sup> Justifico o uso da 1ª pessoa no singular (marcada nas formas verbais do relato das visitas realizadas, tendo em vista a dificuldade do distanciamento desta pesquisadora da experiência vivida e o relato acadêmico como pesquisadora).

### MAPA 8 – MAPA DO TRAJETO DO PONTO DE ÔNIBUS À AVENIDA MINAS GERAIS



Fonte: Google Maps (2022).

### MAPA 9 – AVENIDA MINAS GERAIS

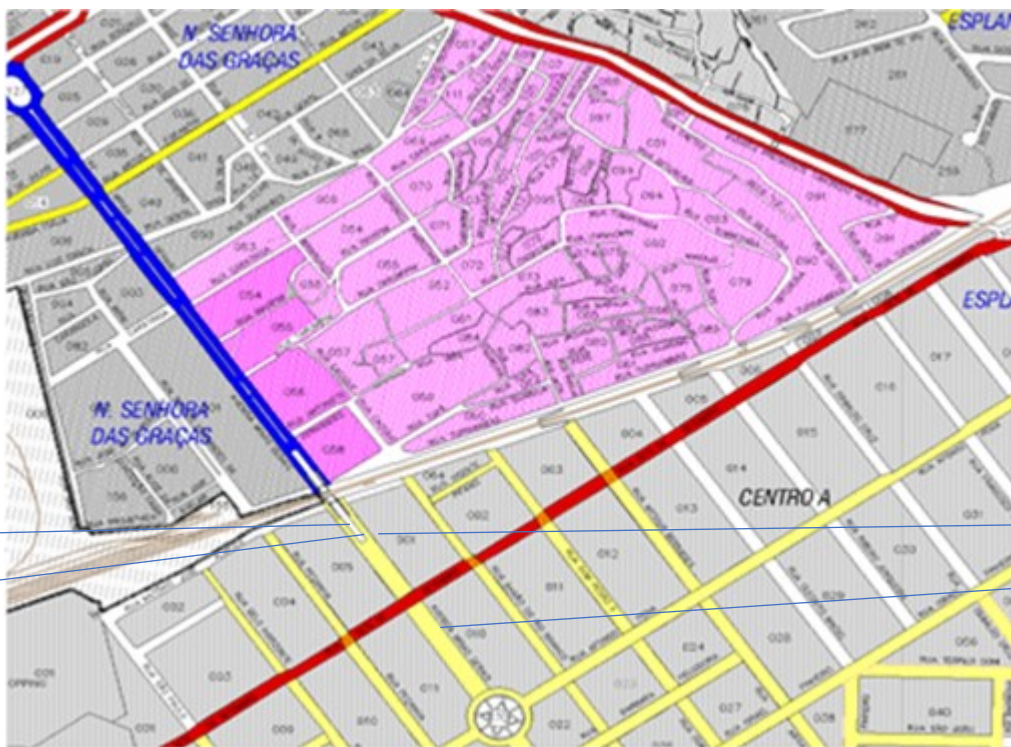


FIG 14

FIG 15

FIG 16

FIG 13

Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015).

## FIGURAS 13 A 16 — AVENIDA MINAS GERAIS



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

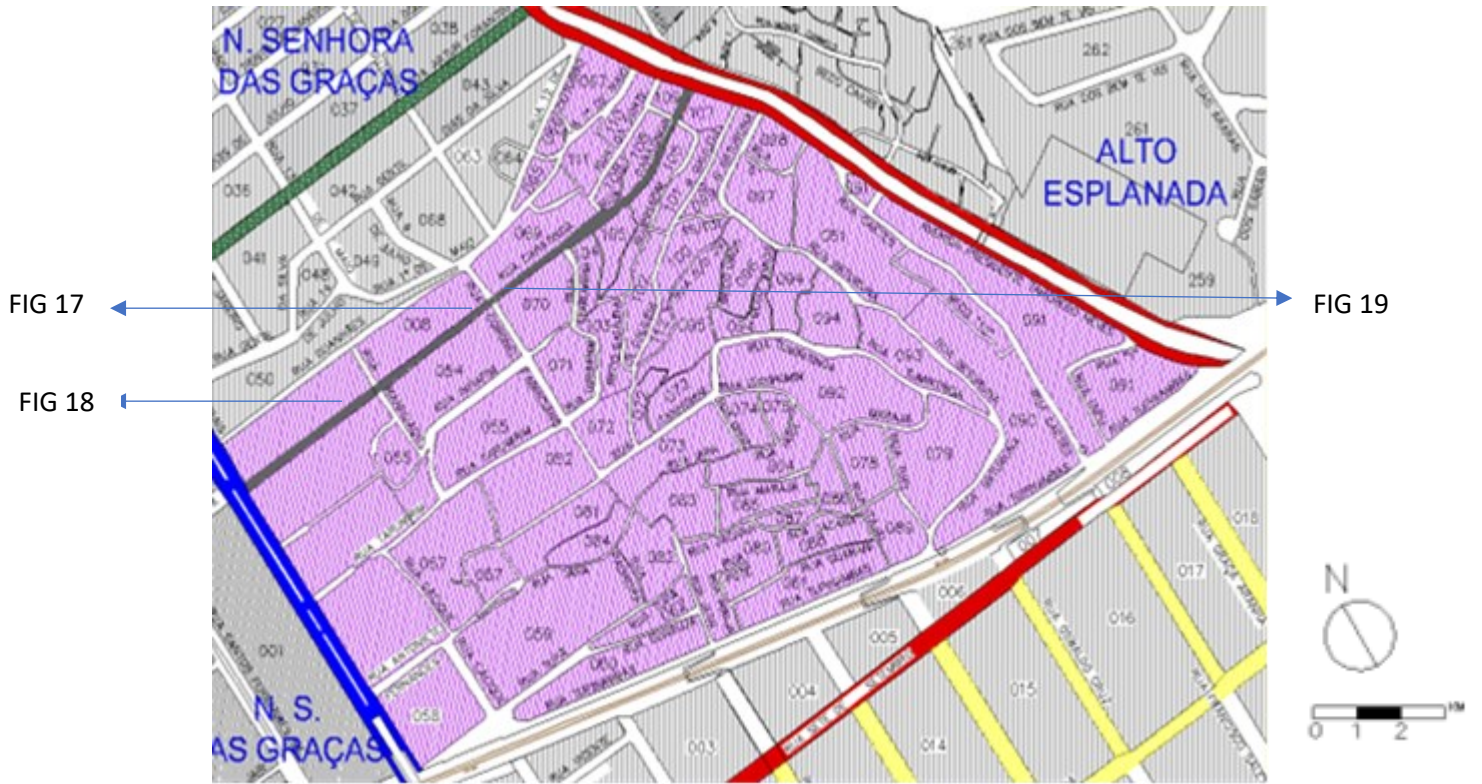
2ª visita ocorreu aos 11 de junho de 2022, no acesso pela Avenida Minas Gerais ao Buracão, das 8h às 10h30: a visita começou pela Avenida Minas Gerais, sendo parte do trajeto realizado de carro, acompanhada da Professora Eunice Maria Nazareth Nonato<sup>8</sup>, juntamente aos alunos dos Cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), até a Rua Caratinga. Em seguida, o trajeto continuou pelo caminhar, para adentrar em parte do Buracão.

## MAPA 10 — MAPA DA RUA CARATINGA



<sup>8</sup> Professora Eunice Maria Nazareth Nonato <https://lattes.cnpq.br/782998972743141>.

MAPA 11 — MAPA DA RUA CARATINGA



Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015)

FIGURAS 17 A 19 — RUA CARATINGA



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

Ressalto que essas fotografias da Rua Caratinga foram feitas na 5ª visita, já que o foco da 2ª visita foi voltado para conhecer parte do Buracão, alguns moradores, bem como coletar relatos sobre as suas vivências, de modo informal.

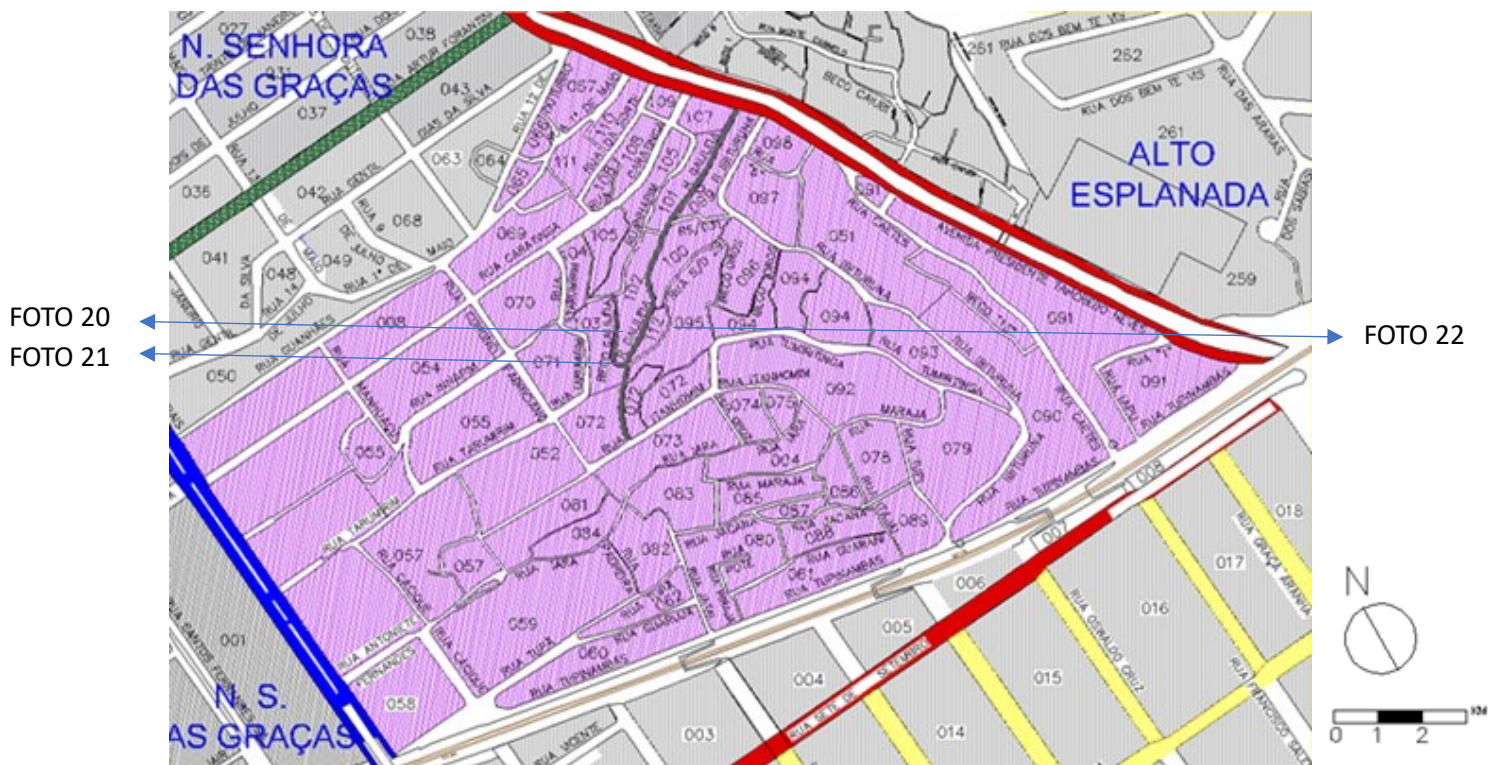
Essa visita técnica foi feita com os alunos de Jornalismo, Publicidade Propaganda, da UNIVALE. Pontuo que a Figura 20 é um registro de destaque para a pesquisadora, já as Figuras 21 e 22 são registros dos discentes de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, com a Professora Eunice Maria Nazareth Nonato (de camisa verde).

#### FIGURAS 20 A 22- VISITA TÉCNICA E PARTE DO BURACÃO



Fonte: Mariana Santos Xavier e Professor João Paulo de Oliveira Xavier  
(<http://lattes.cnpq.br/9156855215113752>) (2022).

MAPAS 12 E 13 - RUA GALILEIA



Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015).



## FIGURAS 23 A 25 — PARTE DA RUA GALILEIA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Da observação das Figuras 23 a 25, é possível perceber a situação precária que se encontra o Buracão. Desse modo, desvela-se um outro complexo e arcabouço territorial dentro do Bairro Carapina que, em outra nuance, confere um outro aspecto dissonante dos demais logradouros já apresentados, com destaque para a segunda conversa com os moradores:

O que mais gosto do Bairro que ele é perto do centro, pode sair ir e voltar a pé, mas assim tem muita melhoria pra gente fazer aqui, muita gente tem uma renda muito baixa. O que não gosto do Bairro, é uma dificuldade de acesso a algumas coisas, posto de saúde, entregas, com alguma compra, supermercado que não entrega aqui pra gente, é falado por causa de roubo, mas não existe, então são muitas as dificuldades, e o que não gosto é de ver injustiças [...] se tem uma pessoa que tá passando por dificuldades essa pessoa deveria ser ajudada (D. A. S. S, 27, Rua Galileia).

3ª visita ocorreu aos 2 de julho de 2022, pela Rua Itanhomi, das 16h às 19h30: nessa visita, o deslocamento foi feito de carro, em companhia da Professora Eunice e dos alunos dos Cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, até a “Pizzaria da Mamma”. O principal objetivo foi prestigiar uma mostra de fotografia, que também contou a exibição de curtas-metragens, no Evento denominado “Pega a Visão”, produzidos pelos discentes, em parceria

com o Projeto de Extensão “SOS Buracão”, da UNIVALE. Os curtas foram exibidos para convidados externos e para os moradores do Bairro (Figuras 26 a 33).

#### FIGURAS 26 A 33 – EXIBIÇÃO DOS CURTAS-METRAGENS



Fonte: Agência Canguru (Agência Experimental do Curso Publicidade e Propaganda); Professor do Curso de Jornalismo Manoel Assad Espíndola (<http://lattes.cnpq.br/4495888355378782>) (2022).

CURTA 1: <https://www.youtube.com/watch?v=Zh3SdzzHI2E>



Fonte: Projeto “SOS Buracão” (2022).

CURTA 2: <https://www.youtube.com/watch?v=ODZ3w3HgJeU>



Fonte: Projeto “SOS Buracão” (2022).

CURTA 3: <https://www.youtube.com/watch?v=uNERC2gkkkI>



Fonte: Projeto “SOS Buracão” (2022).

CURTA 4: <https://www.youtube.com/watch?v=avR-9iGerxg>



Fonte: Projeto “SOS Buracão” (2022).

CURTA 5: <https://www.youtube.com/watch?v=Y7W4LfGis90>



Fonte: Projeto “SOS Buracão” (2022).

CURTA 6: <https://www.youtube.com/watch?v=SofPOz3q-eQ>



Fonte: Projeto “SOS Buracão” (2022).

No primeiro vídeo, destaca logo no início a vista que dá acesso à parte do Buracão, mas o curta em si trata da reforma que foi realizada na casa de uma senhora, que perdeu seus movimentos devido a um acidente na própria casa. No segundo vídeo, o destaque é a “escalada” para a educação, já que o título é “Educação”. O curta demonstra quão difícil é para os jovens da localidade conseguirem oportunidades e perspectivas de ensino, bem como para as crianças terem acesso à educação devido à negligência e ineficiência do Estado.

O terceiro vídeo apontam as notícias que são veiculadas pela mídia nacional ao retratar a situação de moradores que perpassam por vulnerabilidades e narra a situação de diversos brasileiros diante da fome, cenário este recorrente em diversas periferias, e o vídeo propõe um diálogo com o conceito de linha abissal em que nesses locais correspondem àquela população que está à margem e mercê na sociedade. No quarto vídeo, destaca a imagem para figura das crianças no muro, porém o que mais surpreendente foi a situação dos moradores diante da Pandemia da Covid-19. Uma moradora que aparece no vídeo relata que muitos moradores do local passaram fome e, graças à ajuda mútua e senso comunitário, com a arrecadação de cestas básicas por moradores externos e internos, eles conseguiram sobreviver.

Já no quinto vídeo, o destaque é a imagem de uma criança moradora do Buracão. No curta, ela participa do “Projeto Vida”, que visa levar às crianças da comunidade uma forma de vida mais digna com apoio psicopedagógico e um brincar mais lúdico. No sexto vídeo, destaca-se a imagem do Buracão, no entanto, o vídeo começa indagando aos moradores o que eles têm de mais valioso; em resposta, eles destacam a vida, Deus e os amigos.

FIGURA 34 – VISTA PARCIAL DA CIDADE PELA PIZZARIA



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

MAPAS 14 E 15- MAPAS DA RUA ITANHOMI

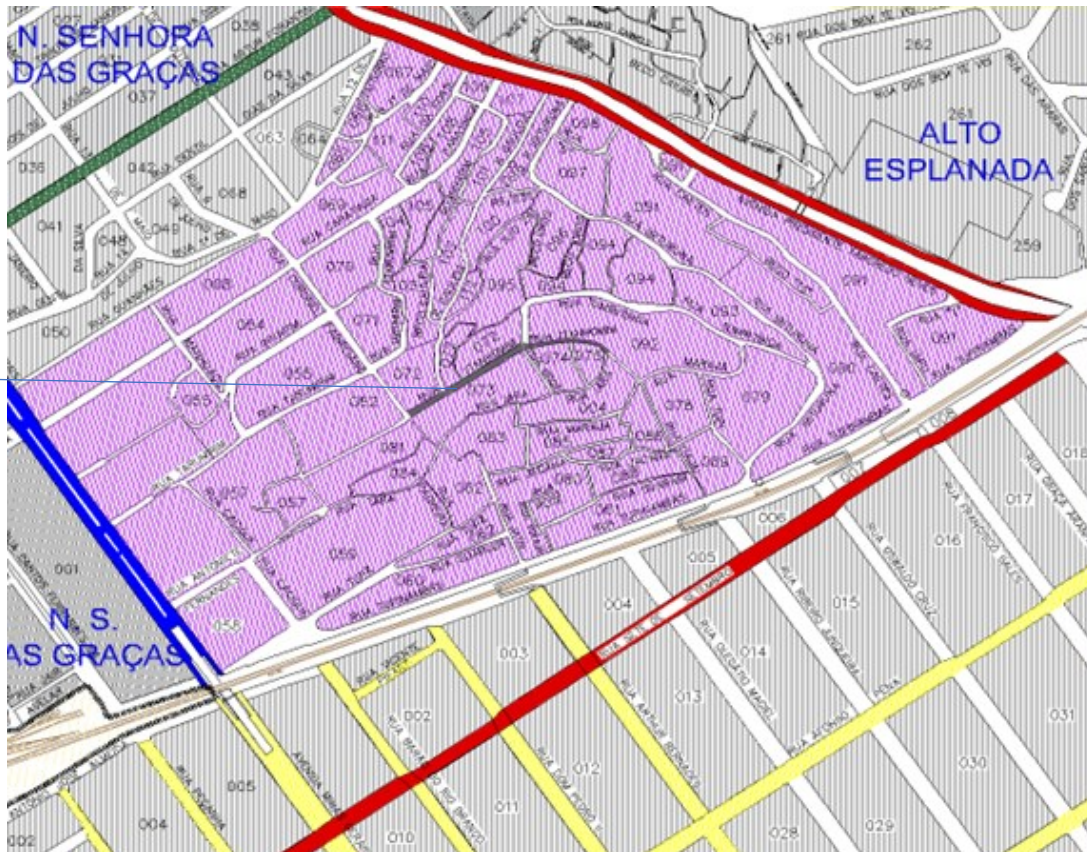


FIG 35

Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015).

FIGURA 35 – RUA ITANHOMI



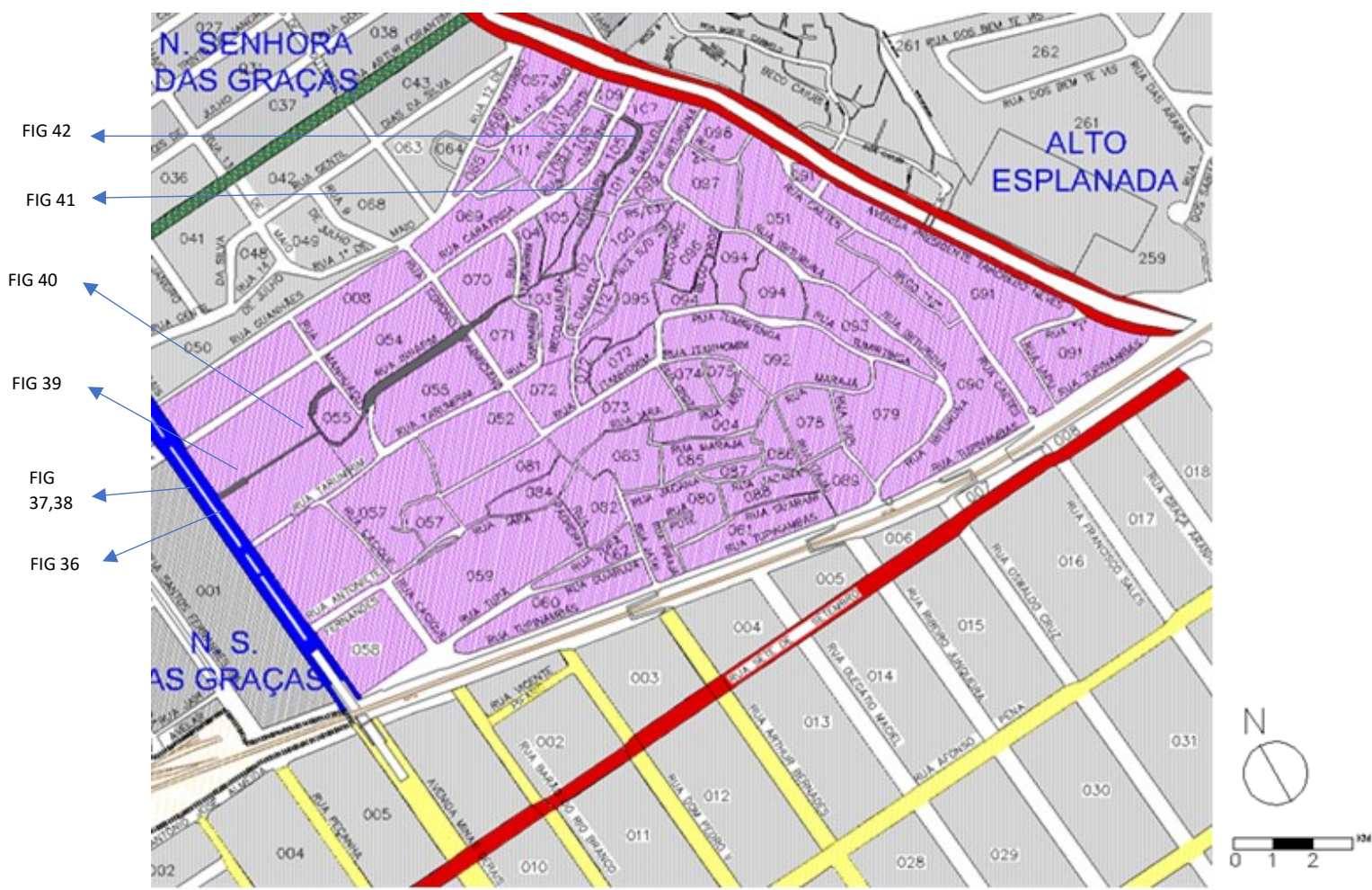
Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

4ª Visita ocorreu aos 19 de julho de 2022, pelas Ruas Inhapim e Itanhomi, das 9h às 11h; o acesso à Rua Inhapim começa pela Avenida Minas Gerais e, em seguida, continua por uma longa escadaria. Destaco que o trajeto foi feito a pé. Há ainda uma Capela Velório que funciona até os dias atuais, reformada recentemente, em 2020, através de campanha de doação organizada pelo proprietário do “Sacolão 100 Nome”. Na ocasião, os moradores conseguiram arrecadar trinta mil reais, um indicativo do senso de solidariedade, que contou com apoio dos moradores e da comunidade externa.

No final da rua, existe um lixão a céu aberto, conforme as Figuras 36 a 42:

MAPAS 16 E 17 – MAPAS DA RUA INHAPIM





Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015).

FIGURA 36 – RUA INHAPIM





Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURAS 37 E 38 – RUA INHAPIM



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURA 39 – RUA INHAPIM



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURA 40 – RUA INHAPIM



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURA 41 E 42 – RUA INHAPIM



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

5ª Visita foi realizada aos 20 de julho de 2022, pela Rua Caratinga, das 9h às 12h: nessa visita, observei o que concerne à Rua Caratinga e pode-se afirmar que é o logradouro mais movimentado, por onde o ônibus também trafega. No segundo quarteirão, encontra-se o “Sacolão 100 Nome” e, logo, na segunda quadra, está localizada a Igreja “Chama do

Avivamento”, as figuras 17 a 19 (citadas anteriormente), uma vez que a rua é a principal via de acesso ao Bairro.

6ª Visita foi realizada aos 21 de julho de 2022, pela Rua Manhuaçu, das 9h às 10h: nessa visita, verificou-se que uma parte da Rua Manhuaçu é ainda de terra e a outra possui calçamento, com um aterro que faz parte da Rua Inhapim. Desse modo, foi refeita a rota da Rua Caratinga, para ampliar o olhar desta pesquisadora (Mapas 18 e 19, a seguir).

#### MAPAS 18 E 19 – MAPAS DA RUA MANHUAÇU

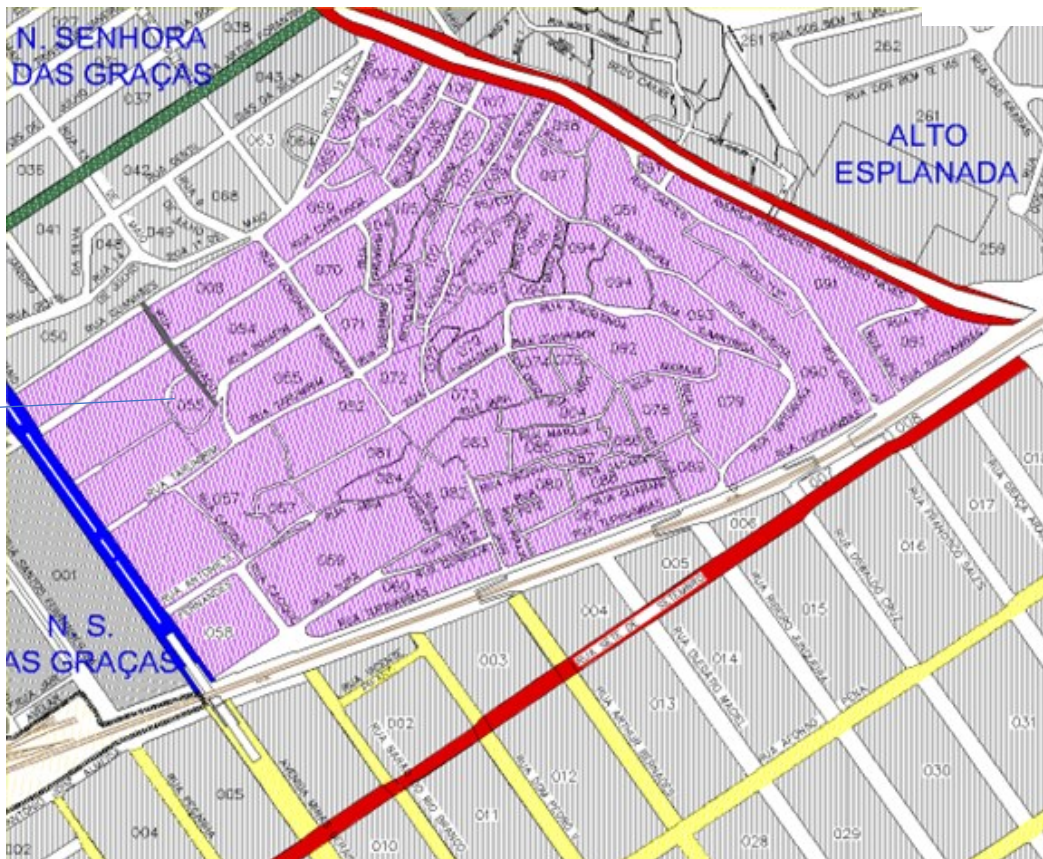


FIG 43

Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015).

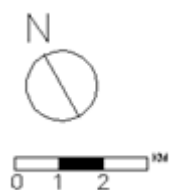


FIGURA 43 – RUA MANHUAÇU

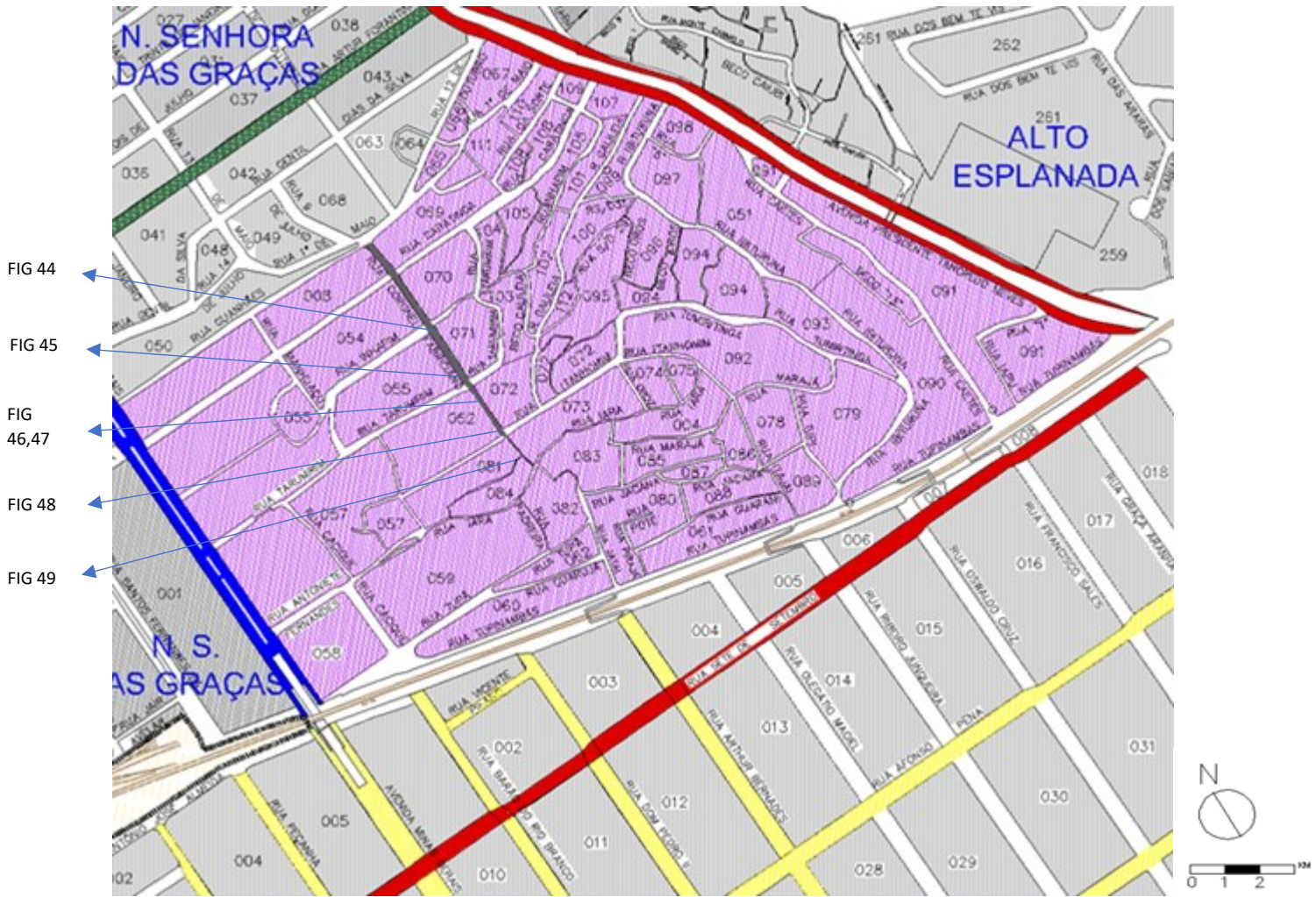


Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

7ª Visita foi realizada aos 22 de julho de 2022, pelas Ruas Ipiranga, Tarumirim e Tupinambás, das 9h às 14h: nessa visita verificou-se que na Rua Ipiranga se encontra o Mercado, “O Buteco”, a Escola Municipal Martin Luther King, a Escola Estadual Carlos Luz, a Igreja Pentecostal, a Igreja Batista Carapina, a Igreja Chama e o Posto Policial, que fica na esquina com a Rua Tarumirim, conforme as Figuras 44 a 49:

MAPAS 20 E 21 — MAPAS DA RUA IPIRANGA





Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015).

FIGURA 44 — POSTO POLICIAL ESQUINA COM A RUA TARUMIRIM



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURAS 45 E 46 – ESCOLA MUNICIPAL MARTIN LUTHER KING



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURAS 47 E 48 – ESCOLA ESTADUAL CARLOS LUZ



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURA 49 – O BUTECO



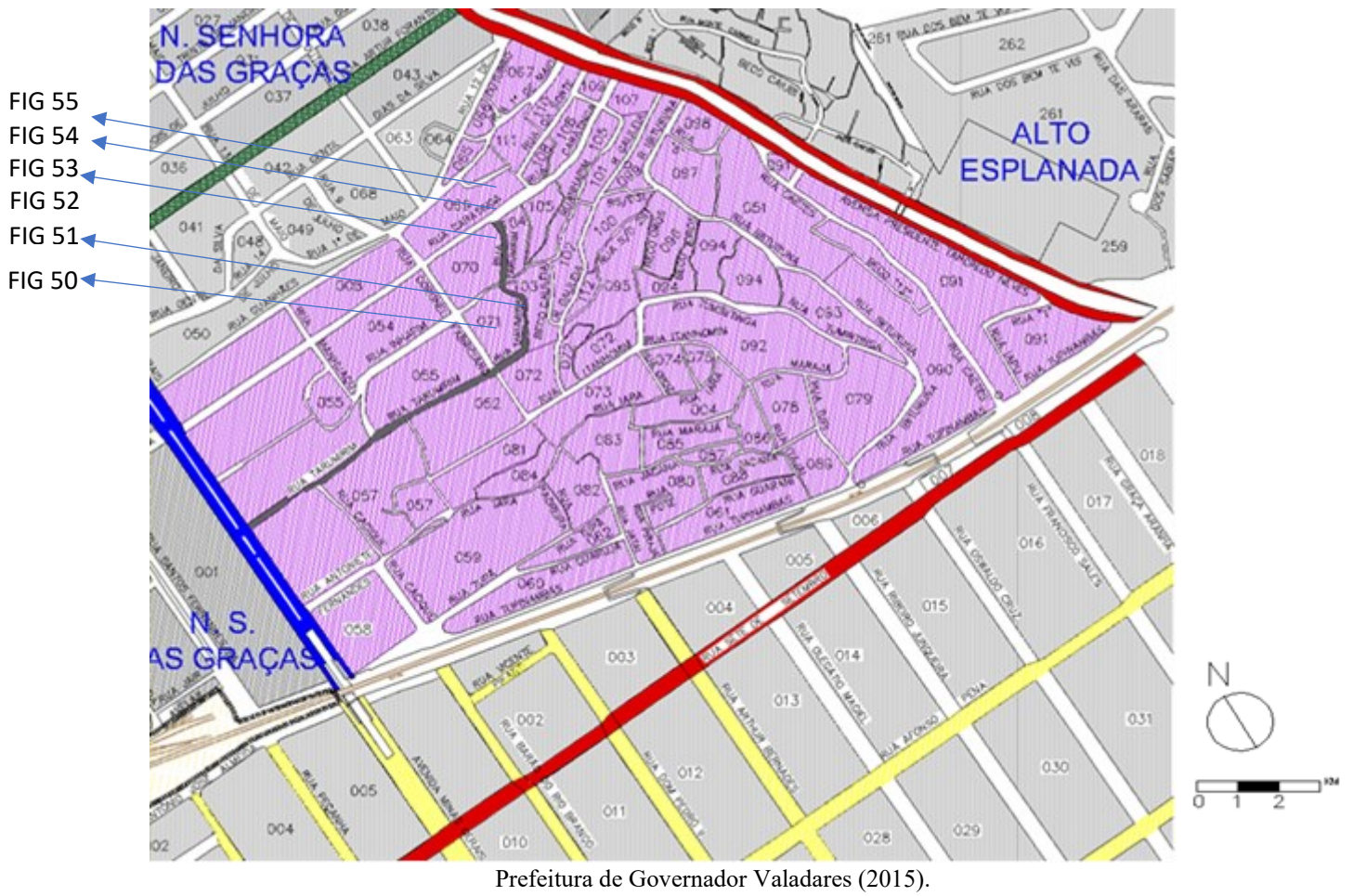
Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

Na Rua Tarumirim fica localizada a “Padaria do Zezinho”, a Igreja Comunidade Nossa Senhora Perpétua do Socorro, conforme as Figuras 50 a 55 e os Mapas 22 e 23, a seguir.

MAPAS 22 — MAPA DA RUA TARUMIRIM



MAPA 23 — MAPA DA RUA TARUMIRIM



Prefeitura de Governador Valadares (2015).

FIGURA 50 – RUA TARUMIRIM (RUA QUE CORTA O POSTO POLICIAL)



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).



FIGURA 51 – RUA TARUMIRIM



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURA 52 – RUA TARUMIRIM



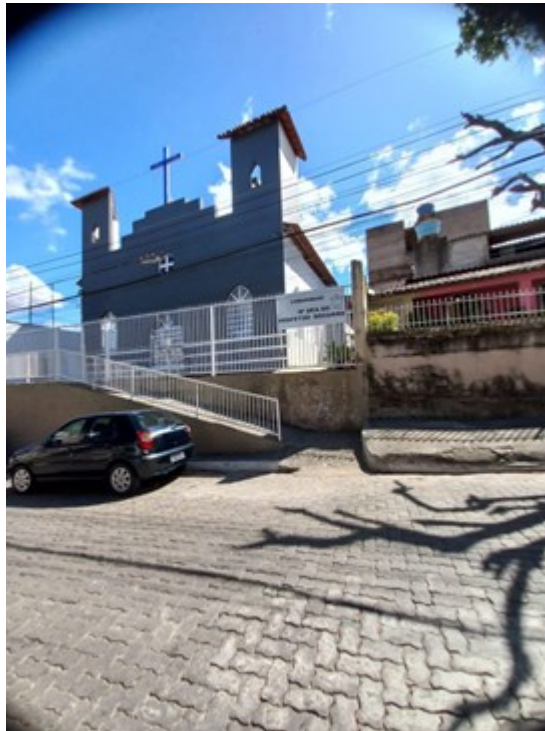
Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURA 53 – RUA TARUMIRIM



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURA 54 – RUA TARUMIRIM COM A IGREJA CATÓLICA NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

FIGURA 55 – RUA TARUMIRIM: PADARIA DO ZEZINHO



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

Pela Rua Tupinambás é realizado o trajeto do transporte público, a destacar, conforme os Mapas 24 e 25:

MAPA 24 — MAPA DA RUA TUPINAMBÁS

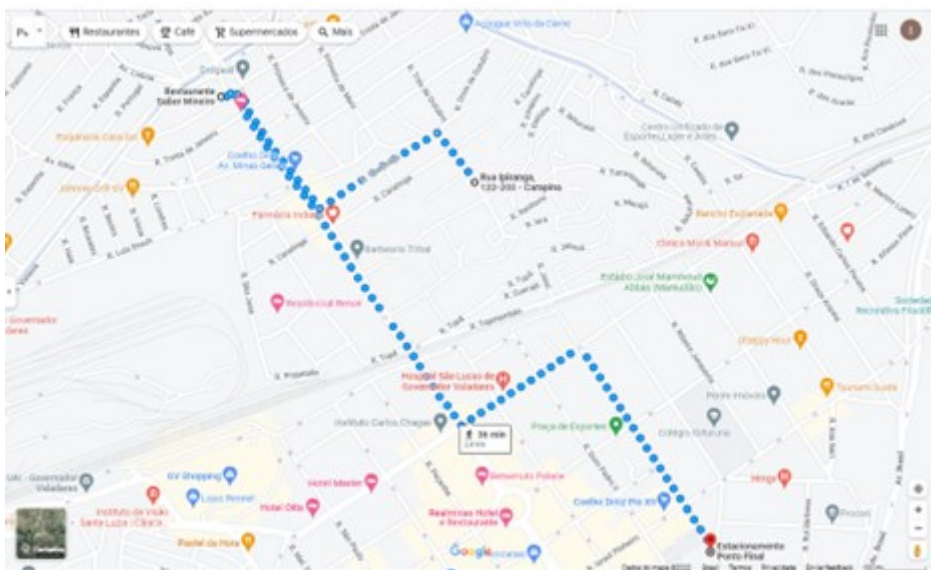


MAPA 24 — MAPA DA RUA TUPINAMBÁS



Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015).

MAPA 26 – TRAJETO DE ÔNIBUS



Fonte: Google Maps (2022).

FIGURA 56 – GRAFITE NA RUA IPIRANGA



Parede externa da quadra da Escola Martin Luther King, localizada na Rua Ipiranga.  
Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

### ***1.3.1 Desvelando o Bairro Carapina: uma imersão no campo***

No primeiro dia da entrevista, utilizei como estratégia ir a dois pontos comerciais: o “Sacolão 100 Nome” e o “Mercadinho do Gilsinho”, a fim de socializar e divulgar a pesquisa e interagir com os habitantes. Assim, com apoio do segundo ponto comercial, a entrevista foi anunciada nos grupos das redes sociais do Bairro: *WhatsApp* e *Facebook*, como um trabalho da faculdade, para chamar a atenção dos demais moradores e contar com a colaboração de todos que tivessem prontidão e disponibilidade. Fui informada que nesses grupos são divulgadas informações do bairro, como: necessidades eventuais dos moradores, vendas de produtos, vagas de emprego, dentre outras. Abaixo seguem as Figuras 57 a 59 que mostram esses pontos comerciais:

FIGURAS 57 A 59 – MERCADINHO DO GILSINHO





Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

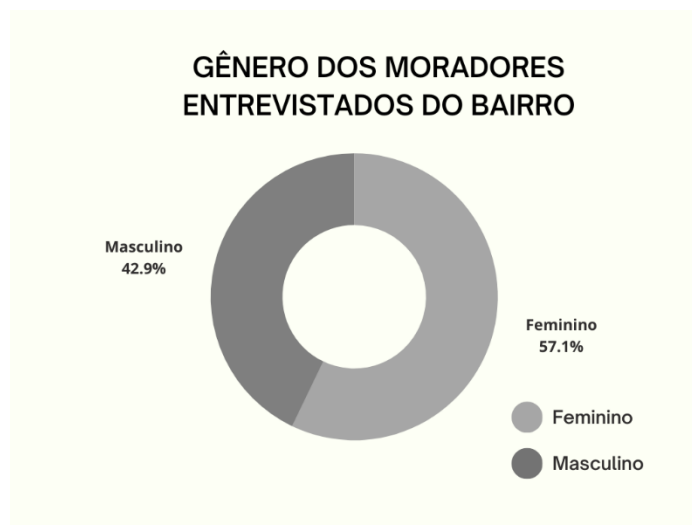
FIGURA 60 – “SACOLÃO 100 NOME”



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

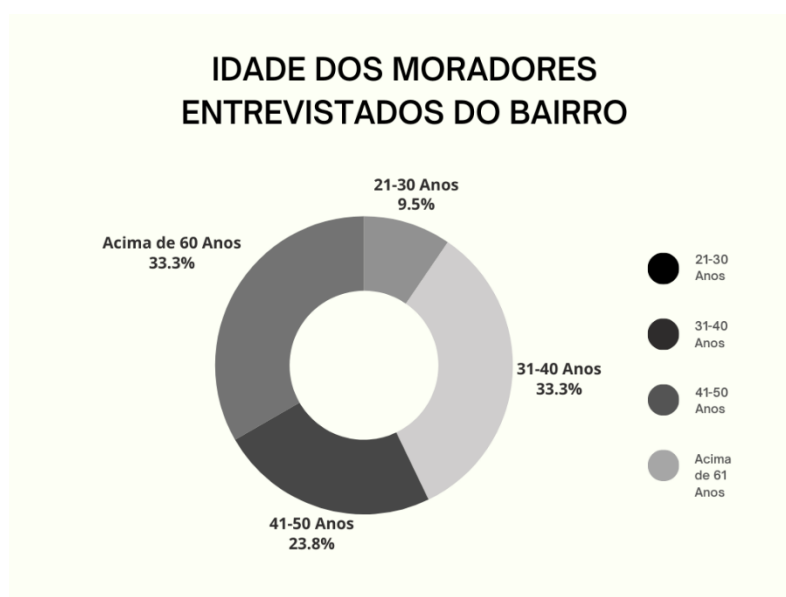
Destaco o Gráfico 1 para apontar o gênero das pessoas entrevistadas:

GRÁFICO 1 — O GÊNERO PREDOMINANTEMENTE ENTREVISTADO NO BAIRRO



Fonte: Produzido pela autora (2023).

GRÁFICO 2 — A IDADE DOS MORADORES ENTREVISTADOS DO BAIRRO



Fonte: Produzido pela autora (2023).

No Gráfico 2, é importante observar que a maioria dos entrevistados estão na faixa etária entre 31 e 40 anos e acima dos 60 anos, um relevante marcador da disponibilidade entre os moradores que se prontificaram a responder a pesquisa, já que o período das entrevistas foi das 9h às 18h30. Os demais moradores pertencentes ao mesmo núcleo familiar estavam trabalhando



nesse horário, o que demonstra que hoje a renda bruta por família já melhorou um pouco. Antigamente, o nome “Carapina” sequer podia ser mencionado durante uma entrevista de emprego em razão do estigma que os moradores carregam consigo, de acordo com uma das entrevistadas:

Já houve um tempo que a gente não podia falar, você escrevia o currículo, você não podia falar é “Carapina”, se você fosse numa entrevista de emprego você não podia falar “Carapina”, cê tinha que usar era Nossa Senhora das Graças. Então quando a gente faz isso, faz por causa da violência, isso por causa dos preconceitos [...] (G., 43 anos, Rua Ipiranga).

Conforme o trecho, é possível é inferir que o fato de ser morador do Bairro traz consigo um certo estigma, apesar de que, segundo os entrevistados, a situação tenha mudado um pouco e é algo significativo, pois demonstra que aos poucos os moradores ganham espaço e ocupam postos de trabalho pela cidade. Outra fala que retrata esse cenário é a seguinte:

Ah deus tá abençoando que nossos jovens aqui eles tudo trabalham, o meu neto de dezanove anos, há muito tempo ele trabalha, os amigos dele tudo trabalham, quando é a tarde e tem folga, quando não tá chovendo, eles costumam se encontrar bater um papinho um com o outro (M. P., 75, Rua Ipiranga).

GRÁFICO 3 — A AUTOIDENTIFICAÇÃO QUANTO À RAÇA



Fonte: Produzido pela autora (2023).

O Gráfico 3 demonstra que a autoidentificação e reafirmação dos moradores entrevistados no que tange à raça aponta que eles se identificam com a raça preta e parda.

No que se refere à escolaridade, segue o gráfico abaixo:

GRÁFICO 4 – ESCOLARIDADE DOS MORADORES ENTREVISTADOS NO BAIRRO



Fonte: Produzido pela autora (2023).

GRÁFICO 5 – LOCAL DE DOMICÍLIO DO ENTREVISTADO POR RUA

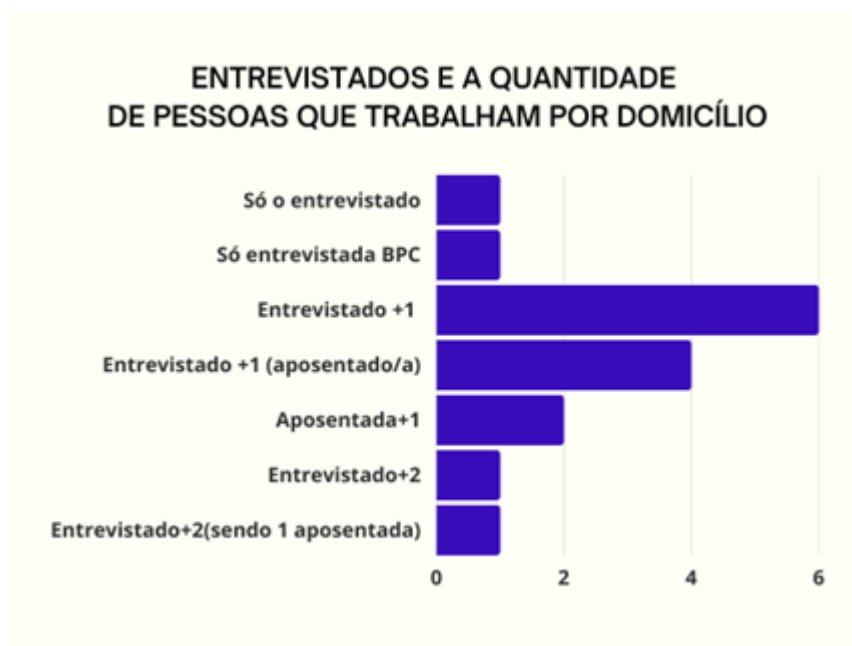


Fonte: Produzido pela autora (2023).

No gráfico anterior, foram selecionadas as ruas percorridas primeiramente pelas deambulações; em seguida, quando terminava uma entrevista, era perguntado ao morador se ele tinha outra pessoa que talvez pudesse indicar para responder ao questionário. A princípio,

as ruas selecionadas foram: Caratinga, Ipiranga e Itanhomi, pelo fato de elas possuírem maior ponto de (des)encontros, e essas ruas concentrarem maior sociabilidade, hipótese levantada pela percepção durante suas andanças.

GRÁFICO 6 – ENTREVISTADO E A QUANTIDADE DE MORADORES POR DOMICÍLIO



Fonte: Produzido pela autora (2023).

Sobre o gráfico anterior, Gráfico 6, infere-se a quantidade de pessoas que coabitam as mesmas residências. Para tanto, é válido ressaltar que o estigma e o imaginário que se cria em torno das periferias é que as famílias são compostas por muitos filhos, por exemplo, ou nas residências moram muitas pessoas. Essa visão além de ser uma construção social generalizada e preconceituosa revela que não se aplica à realidade encontrada no local

## GRÁFICO 7 – ENTREVISTADOS E A QUANTIDADE DE PESSOAS QUE TRABALHAM POR DOMICÍLIO



Fonte: Produzido pela autora (2023).

O que chama atenção nesse gráfico é o número de moradores que trabalham ou são aposentados, sendo apenas uma das entrevistadas usuária do Benefício de Prestação Continuada (BPC). Desse modo, é importante pensar que a renda bruta por domicílio tem melhorado e que muitos moradores do bairro têm acesso a bens de consumo, o que antes em uma geração da família parecia algo distante, conforme narrativa adiante:

Então quando a gente vê hoje uma turma que é filho, neto dessa história, dessa de carro não tinha nem condições nem nada então é muito rico grandioso, então assim foi rápido, não sei se é rápido a palavra né, foram duas gerações que chegaram nesse nível. (G., 43 anos, Rua Ipiranga).

Nesse relato de G. (43, Ipiranga), percebe-se a importância que uma geração “periférica” carrega na potência de cumprir e conquistar não apenas bens de consumo, mas uma profissão, uma escolaridade, uma casa. É muito significativo para uma geração conseguir romper paradigmas e construtos sociais acerca do morar em um local e vivenciar uma cultura tidos como marginalizados e excluídos da sociedade. Isso demonstra a luta que transpõe as barreiras, as adversidades e possibilita a concretização e conquista de sonhos das gerações anteriores, com a expectativa colocada na geração atual.

## GRÁFICO 8 — ENTREVISTADOS E PROGRAMAS ASSISTENCIAIS GOVERNAMENTAIS



Fonte: Produzido pela autora (2023).

A pergunta realizada na pesquisa de campo, a entrevista, que gerou o gráfico anterior (Gráfico 8) teve o interesse de investigar se os entrevistados recebiam algum benefício do governo. Como resposta, obteve-se: 81% deles sobrevivem por meio do trabalho, o que demonstra a ruptura de noção de que moradores de periferia são beneficiários do governo, ou não trabalham, dados pela construção social, por dependerem do Estado para sobreviver.

Os gráficos a seguir (Gráficos 9 e 10) a respeito da pergunta sobre a predominância do meio de transporte utilizado pelos moradores entrevistados, com a ideia de demonstrar o deslocamento bairro-centro, casa-trabalho indicam que os moradores utilizam mais de um meio de transporte. Essa informação está interligada à questão financeira, exclusão territorial e aos estigmas que os moradores carregam consigo, além de reforçar a dinâmica territorial e geográfica, acerca da localização. Por ser um bairro centralizado, a relação tempo de deslocamento e caminhabilidade está elencada no gráfico a seguir:

GRÁFICO 9 – O DESLOCAR NO BAIRRO CARAPINA



Fonte: Produzido pela autora (2023).

Constata-se que, por unanimidade, o caminhar é a modalidade mais utilizada pelos moradores, com os quais tive contato, sendo relativo o percurso para o mesmo trajeto, por estar condicionado às questões físicas e aos diversos perfis dos entrevistados: mulheres, homens, idosas, idosos e jovens. Além da variação de tempo gasto no percurso ser de acordo com pessoas de mesmo perfil etário, a informação demonstra a singularidade de cada indivíduo. O importante sobre isso é pensar que o caminhar é predominante, assim como a minha imersão no Bairro ocorreu pela caminhabilidade.

Cabe ressaltar que o trajeto casa-bairro-centro é perpassado por inúmeras barreiras sejam elas físicas: falta de calçadas largas e regulares, poucas faixas de pedestres, iluminação inadequada, ausência de trechos com asfalto, dentre outros condicionantes para tornar o acesso mais seguro e eficiente.

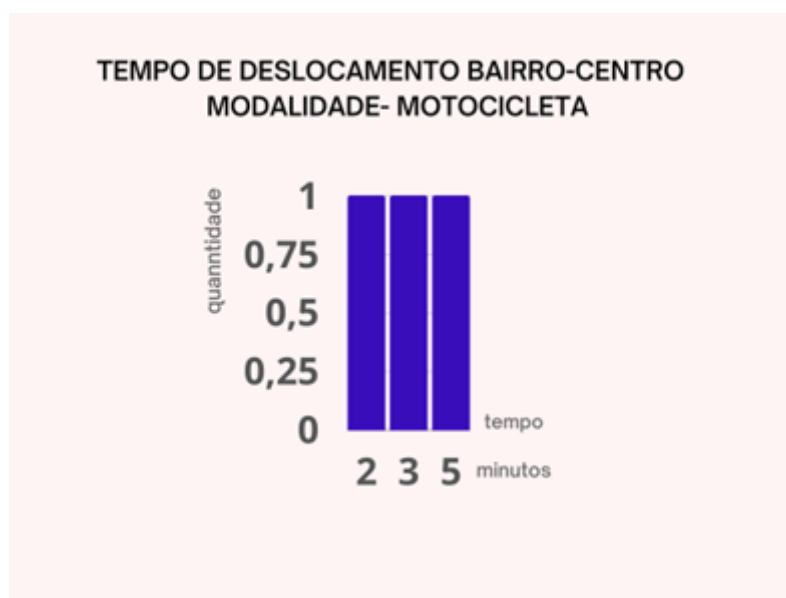
## GRÁFICO 10 – DESLOCAMENTO MODALIDADE ÔNIBUS



Fonte: Produzida pela autora (2023).

O gráfico anterior (Gráfico 10) demonstra que poucos moradores entrevistados utilizam o ônibus, porque preferem realizar o trajeto caminhando; outros, porque possuem meio de transporte; e, alguns acabam recorrendo a outro meio de transporte. Outra situação importante para destaque é o horário do ônibus que possui um intervalo longo de saída e chegada no sentido bairro-centro, além de o fato de que alguns recorrem a esse modal pelo benefício da gratuidade. O que para é: as pessoas que se locomovem a pé o fazem porque elas realmente preferem ou por que elas não têm acesso ao valor da tarifa, já que a cidade é bastante quente e o bairro possui geograficamente ruas bastante íngremes. Posto este questionamento, vale a reflexão acerca do que foi exposto e da realidade do Bairro.

## GRÁFICO 11 – DESLOCAMENTO PELA MODALIDADE MOTO



Fonte: Produzido pela autora (2023).

Conforme o gráfico anterior (Gráfico 11), três moradores entrevistados possuem motocicletas e gastam um tempo alternado de dois, três ou cinco minutos para chegarem ao centro da cidade. Vale considerar o deslocamento por meio de mototáxi.

## GRÁFICO 12 – DESLOCAMENTO PELA MODALIDADE MOTO-TÁXI



Fonte: Produzida pela autora (2023).



O gráfico anterior (Gráfico 12) aponta que uma moradora entrevistada costuma utilizar o moto táxi como modalidade de deslocamento e que dispense o total de três minutos para chegar ao centro da cidade.

GRÁFICO 13 – DESLOCAMENTO PELA MODALIDADE-CARRO



Fonte: Produzido pela autora (2023).

Dos moradores entrevistados, dois possuem carro e dispendem entre cinco e dez minutos para chegarem ao centro da cidade.

GRÁFICO 14 – DESLOCAMENTO PELA MODALIDADE APLICATIVO DE TRANSPORTE



Fonte: Produzido pela autora (2023).

O gráfico anterior (Gráfico 14) aponta que duas moradoras entrevistadas utilizam como transporte o carro-aplicativo para se locomoverem até o centro da cidade e gastam entre cinco e dez minutos para o deslocamento.

É importante salientar que as informações mencionadas nesta análise são indicativos gerais acerca do modo de vida daqueles moradores do Carapina que foram entrevistados. É possível extrair um pouco mais da realidade da comunidade de forma que possibilitou realizar as inferências por meio da interpretação dos resultados gerais coletados. No entanto, todas as informações apresentadas são notas introdutórias diante da complexa relação-rede entre: morador-casa-comunidade-sociabilidades-identidades-lideranças presentes e veementemente destacadas na entrevista de campo e nas conversas com os moradores do Bairro Carapina.

Nesse sentido, ao pensar na categorização da nomenclatura mais adequada ao Bairro Carapina, é válido analisar como os moradores entrevistados se reconhecem e se autoidentificam. Primeiramente se fez necessário repensar os conceitos postos pelo urbanismo que interpreta o local como periferia (em razão das questões já citadas neste trabalho de pesquisa) e pelo restante dos moradores da cidade. Isso revela e anula a realidade da nomenclatura indicada pelos próprios moradores do Bairro, já que ao questionar os entrevistados como eles definem o Carapina: bairro, morro, comunidade, periferia, a palavra periferia soa de maneira pejorativa. Logo, nos primeiros diálogos e, posteriormente, pela conveniência com os moradores do bairro, é mais justo remover a palavra das perguntas para não os ofender e comprometer a confiança já pré-estabelecida pelas outras perguntas.

Sobre essa pergunta, constatou-se que a identificação dos moradores entrevistados é com a palavra Bairro, Comunidade e Morro, o que reafirma o senso de coletividade e solidariedade de uns com os outros, refletido, de forma vívida, nas entrevistas e em todo o percurso pelo local. Finalmente, nos próximos capítulos, será apresentado um recorte da realidade vista pela vivência de campo.

FIGURA 62 — GRAFITE NO CARAPINA



Fonte: Fotografia Lucas Ferreira – Aluno do 2º Período do Curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda (2022).

## **CAPÍTULO 2 ATRIBUINDO OS CONCEITOS SOB A ÓTICA DOS MORADORES ENTREVISTADOS**

Esta seção visa apontar os autores que estudam periferia e corroboram a compreensão das terminologias existentes, a fim de utilizá-las como categoria de análise. Desse modo, é válido ressaltar que em alguns momentos as definições não abarcam a realidade posta no Bairro Carapina, já que os estudos ocorrem em outras localidades. Nesse sentido, o objetivo é utilizá-las como uma tentativa de problematizar os conceitos dos autores frente à realidade do Bairro.

Na visão de Santos (2006), o espaço é dotado de transformação, a partir da existência total da especificidade, por meio da realidade histórica, dos símbolos, da simultaneidade temporal, da “ideologia” e da “realidade social” dos objetos, dos indivíduos, inerentes ao processo. Daí surge a história. Nesse sentido, a matéria da dialética-histórica vem da divisão do trabalho e de cada transformação da sociedade, fabricando os significantes-significados, dado um universo simbólico. Desse modo, “cada lugar recebe determinados vetores e deixa de acolher muitos outros. É assim que o espaço se “forma e mantém e recebe a sua individualidade”, portanto, é responsável pelo movimento pluridirecional dos lugares, na continuidade-heterogênea (SANTOS, 2006, p. 82).

O reflexo de uma urbanização pretérita e desigual nas cidades parte de um perfil complexo, com diversos “fluxos de informação que se sobrepõem aos fluxos da matéria e são o novo arcabouço dos sistemas urbanos” (SANTOS, 2018, p. 10). Assim nas grandes cidades (no caso de Governador Valadares, cidade tida como média) é lida sob essa visão, como um “polo de pobreza (a periferia no polo...), o lugar com mais força e capacidade de atrair e manter gente pobre, ainda que muitas vezes em condições sub-humanas” (SANTOS, 2018, p. 10). Nesse sentido, o setor terciário é visto pelo autor como o setor de trabalhos servis/braçais, informal, que compõem, sustentam, regulam e permitem o pleno funcionamento das cidades, ou seja, a classe de “protoproletariado”, processo pelo qual perpassou a cidade e foi exposto no Capítulo 1, deste trabalho. Esse fenômeno apontado por Santos, revela que aspecto que ocorre não apenas na cidade, mas sim em diversos locais, já que a população central usufrui de privilégios e serviços e isso é comum em nas cidades no que se refere desde a sua concepção, situação já refletida pela urbanista Ermínia Maricato a seguir:

Estamos nos referindo a um processo político e econômico que, no caso do Brasil, construiu uma das sociedades mais desiguais do mundo, e que teve no seu planejamento urbano modernista/funcionalista, importante instrumento de dominação ideológica: ele construiu para ocultar a cidade real e para a formação de um mercado

imobiliário restrito e especulativo. Abundante aparato regulatório (leis de zoneamento, código de obras, código visual, leis e parcelamento do solo etc.) convive com a radical flexibilidade da cidade ilegal, fornecendo o caráter institucionalização fraturada, mas dissimulada. O aparato técnico corporativo, ou a burocracia ligada à aprovação de projetos ou códigos de obras, não passa de um subproduto, nesse processo, alimentando-se da defesa de seu micropoder (MARICATO, 2000, p.3).

Nesta ótica, nota-se que é cidade um mero reflexo da ineficiência do aparato que regula a cidade como um todo e que também é um reflexo do cenário nacional, o que contribui para a desigualdade social e urbana, características estas também presentes na cidade de Governador Valadares/MG. Por isso, é possível refletir que a normativa legal se restringe apenas ao centro e ocorre o descaso com a população das “margens”, o que contribui e fomenta ainda mais a segregação como um fator que dificulta o acesso não apenas ao caráter urbanístico, mas sim numa ordem macrossocial, aspecto esse explicitado por Maricato (2000) ao observar a cidade de São Paulo e colocado aqui como categoria analítica, já que na é presente também na formação histórica-territorial do Bairro Carapina.

Ao empregar os estudos de D’ Andrea (2020, p.), realizado em São Paulo, sob o fenômeno da perifização e seus desdobramentos na contemporaneidade, a periferia, na década de 1990, estava integrada ao setor social e tinha como objetivo denunciar as mazelas sociais, unir os espaços e pacificar os territórios. No decorrer dos anos, a perifização ganhou notoriedade por parte da sociedade que a aceitava como um local com expressivo grau de violência e pobreza e, em contrapartida, revelava fortes laços de “solidariedade e potências”.

Na década de 1990, houve um giro metodológico na compreensão do que era a população da periferia, para D’ Andrea:

[...] o que passou a circular amplamente no campo dos debates políticos e acadêmicos. Carregando sentidos polissêmicos, o termo concorre, substitui ou opera como equivalente a termos populares, bairros pobres, e mesmo classes populares. Posto, em primeiro momento, como indicador das peculiaridades dos processos de urbanização das nossas cidades com o correr dos anos o termo se consolidou no campo da denominada *questão urbana*. [...] Seus usos e sentidos também se alteraram e se diversificaram. Ao longo desses últimos anos, houve um deslocamento no jogo de referências e remissões que o termo *periferia* parece mobilizar. Não mais entendida apenas como um local de pobreza, privação e sofrimento passível de comisseração a periferia passa a ser um termo utilizado como marcador da presença ativa de populações vistas sob o signo da fragilidade, mas da *potencialidade*. No Rio de Janeiro, esse mesmo deslocamento ocorreu com o termo de favela. *Potencialidade* aqui entendida em dois sentidos: portador de possibilidades e portador de potência ou força (D’ANDREA, 2013, p. 10).

Em diálogo com o estudo acima, Piccolo (2006) defende que há o estigma atribuído à “favela” que coabita com os “problemas” desde o século XIX, cujo termo por si só demanda, na contemporaneidade, uma ideia de “reconstrução”, visto que as favelas foram incluídas nesse

constructo de imagens, concebidas sociologicamente e pensadas nos termos de carência. Essas carências são de diversas ordens: “carência de bens materiais devido às habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgoto, água ou luz; perigosa ‘carente’ de moralidade” (PICOLLO, 2006, p. 331-332). Portanto, é necessário repensar a própria nomenclatura dos termos periferias e favelas, já que historicamente eles foram baseados em preconceitos e estigmas.

Consequentemente como fruto da urbanização, a partir de uma visão inferiorizada e reprimida, ainda que toda essa conjuntura histórica e social também seja refletida não apenas a no microespaço do Carapina, pois o cenário descrito acima repercute em inúmeros territórios brasileiros. Logo, o presente trabalho tende a não permanecer nessa ótica de identificar as mazelas sociais tampouco na esfera da violência e criminalidade, arcabouços estes dispostos na dinâmica de ordem macrossocial. Cabe salientar que este trabalho não permeará esse olhar investigativo pormenorizado, mas justamente busca tentar (re)quantificá-lo e (re)qualificá-lo, com o desafio de (des)construir o que por anos fora narrado como uma marca de identidade pejorativa do Bairro Carapina para a sociedade, a fim de reconhecer suas potencialidades.

Sob o aspecto da segregação Vilaça (2001), ao fazer uma leitura de Lojkine (1981), define que a partir da concentração da população no espaço, como fator determinante dessa exclusão: 1) por uma dicotomia entre centro e periferia; 2) por um distanciamento entre as residências mais nobres e a áreas de moradia popular; 3) por uma ruptura nas funções urbanísticas da geografia espacial, fazendo com que se tornem locais com especificidades e predefinições de “zonas de escritórios, zona industrial, zona de moradia” (VILAÇA, 2001, p. 147), dentre outros aspectos. Isso reforça ainda mais uma segregação já explicitada anteriormente, tendo em vista que o Bairro está próximo do centro e não podendo, assim, ser considerado como uma centralidade.

A predefinição do próprio espaço, baseado no valor da terra, implica na espacialização das classes sociais e, conseqüentemente, na segregação socioespacial, pautada pelos mesmos fatores de exclusão anteriormente expostos. É sabido que como efeitos da globalização e com a era da justaposição ocorre contraposições dos territórios (SANTOS, 2001). Para Haesbaert (2014), a territorialidade é constantemente remodelada, refeita e reajustada, conforme demonstrado no diagrama abaixo (Figura 61):

FIGURA 61 – CONCEITOS GEOGRÁFICOS



Reproduzida pela autora.  
 Fonte: Haesbaert (2014, p. 34).

Para teorizar, Haesbaert (2014) conceitua esse fenômeno como território-rede:

[...] o território, ainda que relacionado, sempre, a uma determinada concepção de limite ou fronteira, não deve ser associado apenas à fixação e imobilidade e à contiguidade espacial, devendo-se admitir a existência de territórios descontínuos, construídos “no e pelo movimento”, cujo componente fundamental é a rede (HAESBAERT, 2014, p. 127).

Ou seja, a partir dessa análise, o território-rede pode ser entendido na dinâmica espacial entre o Bairro e o Buracão (com o seu aglomerado de ruas e becos), já que o Buracão está inserido no Bairro Carapina, que sofre um processo de dupla “reclusão/exclusão” e pode ser entendido como “aglomerados de exclusão” (HAESBAERT, 2014, p. 189):

Talvez a maior contribuição que a concepção de “aglomerados de exclusão” pode nos dar é a questionar e complexificar a relação de território-rede que vem dominando nas análises geográficas, enfatizando que tão fundamental quanto aos processos relativamente ordenados manifestados pelo espaço geográfico através de territórios e redes são os processos mais propriamente “desordenados” e aparentemente sem lógica, produto da crescente exclusão econômica, política, e cultural do mundo contemporâneo. (HAESBAERT, 1995, p. 196).

Em diálogo segue o esquema abaixo:

FIGURA 62 — DESDOBRAMENTOS DE TERRITÓRIOS



Fonte: Elaboração das definições de Haesbaert (2014), cujo diagrama foi produzido pela autora (2023).

Ao tomar como base outras denominações de territórios, Haesbaert (2011) aponta:

Poderíamos dizer que o território, enquanto relação de dominação e apropriação sociedade-espço, desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais “concreta” e “funcional” à apropriação mais subjetiva e/ou “cultural-simbólica”. Embora seja completamente equivocado separar estas esferas, cada grupo social, classe ou instituição pode “territorializar-se” através de processos de caráter mais funcional (econômico-político) ou mais simbólico (político-cultural) na relação que desenvolvem com os “seus” espaços, dependendo da dinâmica de poder e das estratégias que estão em jogo, não é preciso dizer que são muitos os potenciais conflitos a se desdobrar dentro desse jogo de territorialidades (HAESBAERT, 2011, p. 96).

Haesbaert (2011) acredita que a relação de apropriação-dominação está associada à ideia de *continuum* que perpassa pelo território econômico e político como uma ideologia mais concreta e funcionalista. Já o território cultural e simbólico seria um território de apropriação que assume um caráter subjetivo. Desde que se qualifique o território, é necessário que ele perpassa pelas dinâmicas concretas e abstratas; por isso, o presente trabalho perpassará a definição do território simbólico, de pertencimento e de apropriação, de modo a apontar a dinâmica de identidade que personifica o espaço, numa relação de simbiose, a fim de demonstrá-lo como único e plural. Desse modo, foi objetivo do trabalho ressaltar as potencialidades e subjetividades inerentes ao espaço desde a sua história até à contemporaneidade.

Ao repensar os conceitos como o senso de comunidade para Nelson e Finan (2014), por meio do mapeamento de comunidades estudadas, foi possível identificar o que é um senso



“abrangente”: é algo naturalizado entre os moradores ao compartilharem os seus “sonhos e problemas”. Ao passo que eles estão em conjunto contribui para a união. Já Venâncio e Portilho (2020) denominam o senso comunitário como as potências existentes no espaço de modo que o caracteriza:

[...] o senso de união entre os indivíduos, concebem a identidade cultural dos grupos sociais e projetam a relação de pertencimento de várias formas, como por exemplo, através de: suas paisagens, manifestações, celebrações, lugares de memória, ritos e outros símbolos (VENÂNCIO E PORTILHO, 2020, p. 178).

Assim, este trabalho buscou descobrir e interpretar o senso comunitário do local e quais as suas características, a fim de desvelar o modo como essas características interagem com cotidiano da população do Bairro Carapina. Como uma forma de narrar as histórias coletadas pelas entrevistas, com o intuito de que essas histórias sejam ouvidas, para que não haja o silenciamento das potências existentes no microespaço, tomou-se como base a pesquisa de campo.

Ao analisar, repensar e questionar os conceitos expostos e ao transpô-los para a realidade do Bairro Carapina, buscou-se identificar em que medida as nomenclaturas postas expressam a visão dos moradores, já que em alguns momentos os próprios entrevistados se opuseram a elas. Por isso, tornou-se necessário descobrir como os moradores identificam o Carapina, considerando as nomenclaturas: bairro, morro, comunidade, periferia.

Nesse sentido, a palavra periferia foi muitas vezes vista de maneira pejorativa, logo pelas primeiras pessoas entrevistadas. Por isso, por conveniência, era mais justo remover essa palavra no momento de realizar a pergunta para não os ofender e esbarrar na confiança que já tinha sido pré-estabelecida ao longo do diálogo. Em conformidade, seguem algumas respostas que os moradores costumam empregar para denominar o Bairro, "normalmente utilizo os termos ‘morro e bairro’" (A. P., 38, Rua Marajá; H, 35, Rua Ipiranga; L, 21, Rua Marajá). Também emergiu o conceito: “Comunidade, por mais que é um bairro de periferia, mais é uma comunidade” (M. S., 40, Rua Tarumirim).

Outro entrevistado alegou que “Carapina” (E. B., 40, Rua Itanhomi) é apelido, e Nossa Senhora das Graças é o nome do Bairro, o que, na verdade, é um bairro circunvizinho. Por isso, destaca-se:

Eu falo Morro do Carapina, de primeira o pessoal não falava isso, o pessoal tinha medo, eu não, minha filha! Antigamente, eu chegava lá embaixo e falava: “-Porque aqui mora bandido”. Tô lá embaixo comprar, indo fazer as coisas, aí falava: “-Onde a senhora mora?” “-Ah, no Carapina.” “- Mas no Carapina?” “- É, no Carapina! Lá tem enfermeiro, doutor, padre, vereador, e ... soldado, e lá tem é gente boa é naquele morro!” “-Nossa, mais diz que lá é um perigo.” “-Aí eu disse: - É aqui era mesmo tem

os bandido, aqui dentro da Avenida também tem. Então, lá tem os perdido e tem os bom.”

Eu nunca escondi que moro no Carapina não, mas tem que falar que mora no Nossa Senhora das Graças, eu falo eu moro no Carapina. “-Então, eu quero ver se vocês não vai me vender? Então vai, e aí?” Aonde tem gente ruim, tem gente boa. Porque tudo deles é Carapina né, sai gente lá do inferno lá pra vim pra cá, pra poder condenar um desesperado, até sai lá dos gogós pra vim pra cá, pra fazer bandidagem e pra condenar aqui. E eu desparafusava, quando eles faziam pergunta lá pra eu, que eles até parava. Lá tem adevogado, lá tem enfermeiro, lá tem soldado, lá tem... tem... médico, lá tem tudo, tem tudo! Tudo que procurar naquele morro você acha, padre nascido e criado aqui oh, tem tudo lá no morro tem! (M.G., 72, Rua Itanhomi).

### FIGURA 63 – MORADORA ENTREVISTADA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Ahh, quando a gente tá lá embaixo pra resenhar a gente fala “Nossa favela, minha favela!”. Mas aqui pra nós é comunidade, é um jeito de falar... Ah tem gente que fala, que comunidade, é um jeito disfarçado que é favela, não tem problema! Mas é um jeito mais carinhoso de falar, um jeito mais leve de falar, comunidade. Porque aqui é comunidade também, as pessoas se ajuda né, é amigo meu. Então pra mim é comunidade. É eu tive a experiência, eu gosto muito de passear pelo Rio e tem muito bairro igual, o pessoal mete o pau, quem não conhece.

I: Exatamente! (J. C., 47, Rua Ipiranga).

### Assim, segue outra ótica sobre o Bairro:

M. P.: Tudo, às vezes eu falo morro, porque Carapina, na verdade aqui é o ônibus isso aqui era uma comunidade da família Carapina, a família Carapina nem morava aqui no morro, morava no lado de lá, mas como eles eram dono desse pedaço, ficou sendo Carapina. Na verdade mesmo, aqui nos documento é muitas vezes chama de Cidade Alta, mas não é o Carapina, o ônibus mesmo é o Carapina, mas o Bairro mesmo não é o Carapina. Na prefeitura, quando a gente vai dar o endereço é Nossa Senhora das Graças, aí eu dou Carapina, porque fica mais fácil deles encontrar a gente, porque essas regiões aqui é tudo Nossa Senhora das Graças. Porque quando a gente vai falar o endereço, a gente fala o Bairro Carapina, porque aí fica mais fácil pra eles identificar.

I: E na conta de luz fica Carapina ou Nossa Senhora das Graças, como fica?

M. P.: Nos meus documentos tudo fica Nossa Senhora das Graças.

I: E a família Carapina eram o que?

M. P.: Eram os fazendeiros que eram donos desse lugar, no fim das contas virou um monte de casinha que...

I: Que foram vendendo?

M. P.: Foram vendendo virando casinha e foram conseguindo ganhar forma, vendendo em um preço melhor, mais barato, mas era tudo loteamento, eles lotearam foram. Ainda tem uns pessoal do Carapina que mora uns, que é Seu L. e a Dona A. que foi diretora há muito tempo do nosso colégio, então ela era da nossa família, da história, as pessoas mais novas não conseguem lembrar identificar, mas consegui gravar e lembrar dos nomes deles, porque [...] tive que dá assistência pro colégio e ela era vice diretora e ficou sem diretora por muito tempo (M. P., 75, Rua Ipiranga).

FIGURA 64 – MORADORA ENTREVISTADA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Segue o relato de um morador entrevistado, que aponta o “Morro do Carapina” como “CRP”, ao enfatizar que se trata de um morro:

A gente gosta de falar morro, Morro do Carapina (CRP) (risos). Aqui não é bairro, aqui é morro. Pode ser comunidade, a gente gosta de falar comunidade também, mas aqui é morro, CRP... Então é assim que a gente gosta de ver o morro. Ahhh, eu vou lá pro morro... Ahh, vou subir o morro, mas é uma forma carinhosa de falar, não depreciativa, nem pejorativa. Tanto é que quando a gente vê outras pessoas que fala, como assim? Né, não conhece nem o morro. É assim que a gente vê o morro (M. D., 40, Rua Antoniete Fernandes).

Diante do que fora exposto, nota-se que a terminologia Bairro, convencionalmente, foi a mais utilizada pelos moradores e, por isso, será a mais adotada neste trabalho para se referir ao Carapina. Pelo fato de ser uma abordagem que o qualifica, sem diminuí-lo, e o coloca em grau de similitude aos demais locais da cidade, o local será tratado e referido como Bairro Carapina, de acordo com a devida identificação dada pelos próprios moradores.

## 2.1 O reflexo do senso comunitário intrínseco à dinâmica socioespacial do Bairro Carapina

Esta seção tem a função de desvelar o senso comunitário, a partir daquilo que está imbuído nesse conceito-chave e os seus desdobramentos inerentes à dinâmica espacial que ocorre no cotidiano dos moradores entrevistados. Assim, espera-se elucidar como impera o senso comunitário, sobretudo, na caracterização do Bairro Carapina, como um espaço potente e repleto de subjetividades que só pertencem ao microterritório.

É importante elencar conceitos-chave, visando entrelaçá-los com a realidade da pesquisa de campo. Para tanto, destaca-se um mapa mental realizado a partir das percepções desta pesquisadora, para em seguida empreender na tentativa de abordá-las:

FIGURA 65 — MAPA MENTAL– CONCEITOS-CHAVE



Fonte: Produzido pela autora (2023).

De acordo com as visitas a campo e a partir dos diálogos partilhados com os moradores entrevistados, ao longo desta seção, objetiva-se compreender a realidade pesquisada ao observar que o senso comunitário é o conceito mestre não apenas desta pesquisa, mas o motivo da dinâmica do Bairro e o modo de vida cotidiano do Bairro Carapina. O conceito é a força motriz, “mola mestre”, do bairro, conforme a moradora G. (43, Rua Ipiranga). Segundo ela, do conceito emergem os demais conceitos como: comunidade, identidade, sociabilidade e representações de lideranças que estão imbuídos e são indissociáveis. Por isso, ao longo da dissertação, esses conceitos serão especificados.

Desse modo, será apresentado o conceito de senso comunitário definido pelos próprios moradores. Nesse intuito, segue a resposta de uma das moradoras:

A comunidade sempre foi um referencial pra mim, porque aqui as pessoas sempre foram solidárias, às vezes é nem tem... tem... tanta simpatia com a pessoa, mas tem empatia, mesmo uma família não conversando com a outra, na hora da dor é, sabe ali das dificuldades e tá colaborando né, cada um na sua maneira... Então assim, eu vejo a solidariedade como uma... uma base mesmo, uma mola mestre da nossa comunidade né, porque a gente sobreviveu (G., 43, Rua Ipiranga).

[...]A gente tem que amar o nosso próximo, né? Então a gente tem muito aqui esse pensamento de transformar o amor e estar fazendo. Sempre um tá fazendo pelo o outro. Aqui nossa força, nossa garra é essa. É fazer pelo próximo aquilo que a gente quer fazer por a gente mesmo (C. K., 33, Rua Itanhomi).

FIGURA 66 – MORADORA ENTREVISTADA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Postas essas definições sobre o senso comunitário, percebe-se que o que move o Bairro não é uma simples ajuda ao próximo, no sentido de apontar quais são as benfeitorias realizadas; é algo muito além, na ótica dos moradores: é o que faz eles se sentirem bem consigo e mobilizarem um dinamismo em prol da colaboração que promove a melhoria da vida do outro. Por mais singelo que seja, esse senso comunitário é algo que conduz o modo de vida dos moradores e pode ser representado como uma identidade única do Bairro Carapina.

No que se refere ao senso comunitário, a pergunta foi direcionada para o modo como os entrevistados veem/enxergam a ideia de um morador ajudar o outro. Eles veem de forma positiva, ou seja, como “ótima” (A, 38, Rua Marajá); “Bom, necessário” (S, 63, Rua Ipiranga); outro entrevistado como “é bom” (J, 43, Rua Marajá); sendo que quando um conhece o

morador, já sabe do “problema do outro” (A, 38, Rua Marajá); e, como já exposto, é um ato grandioso de amor para com o outro (C. K., 33, Rua Itanhomi).

Em diálogo com outros trechos, o senso comunitário reflete a colaboração mútua dos moradores: “Acho isso muito importante porque fortalece o sentimento, né, de vínculo de grupo, de comunidade” (M. D., 40, Antoniete Fernandes). Para outra moradora entrevistada, se a pessoa comentar que precisa de algo, ela receberá a ajuda: “Enquanto tem jeito de dar um jeitinho, a gente dá” (I. S., 77, Rua Ipiranga); e, outro entrevistado relatou: “Ótima ideia! Nois, nessa vida, eu penso assim, se eu não posso ajudar, eu não atrapalho, mas, se eu puder ajudar, eu tô à disposição” (W., 44, Rua Marajá).

Em outros trechos, fica clara a forma como ocorre a colaboração mútua, pois em alguns momentos, está ligada à presença forte da religiosidade. Isso é um marcador de identidade ligada à fé e, a noção de um morador colaborar com o outro, em muitos relatos, aparece à saudação “graças a Deus”. Essa também é um marcador de oralidade, como na fala de I. N. (79, Rua Caratinga): “Aqui, graças a Deus, os morador são tudo é uns vizinhos bons, né, é comunicativo, né”:

M. G.: Bom é uma vez a outra tem muita gente que necessita.

I: E o quê a senhora pensa de um morador para ajudar o outro?

M. G.: Quando necessita né, hoje mesmo minha irmã veio da roça com balde aqui de roupa para doar eles mesmo trazem por aqui com essa chuvas agora precisa de mais, levo tudo pra roça um bocado de roupa a gente tem que olhar essas coisas que a gente tem que ajudar o outro. A própria Bíblia, né? O que você não tem necessidade, dá para ele, tem pessoa que não espera, aí ele já leva, já traz e deixa aqui na garagem. Aí telefono para minha irmã e dou ela... Ela vem e já vai embora hoje mesmo eu já passou roupa de, roupa de vestir as chuvas para o lado de cá são muitas (M. G., 72, Rua Inhapim).

Em outro trecho, fica claro que a colaboração é iniciada não por ser algo apenas ligado à religião e à fé cristã, mas por estar ligada ao que é ensinado na família, atravessando as gerações:

Aqui a gente já cresceu com isso né, com o fato da minha família ser toda tradicional de família católica. Então a gente cresceu e aprendeu é isso dentro da Igreja, um pelo outro. Acho isso bacana demais, isso. Até relatam alguns amigos meus que é raro ver isso hoje nos... Nos bairros modernos, as pessoas se trancam, não conhece vizinho e aqui tem essa tradição. De todo mundo se conhecer (J. C., 47, Rua Ipiranga).

Outro fator também é a colaboração da igreja, por meio da Pastoral Vicentina, principalmente ligada ao abastecimento de mantimentos para o combate à fome:

Aqui o pessoal ajuda assim, aqui tem um projeto da igreja que tem uma Pastoral dos Vicentinos na Igreja Católica, aí o pessoal às vezes tá precisando de alguma coisa aí eles fazem cesta pra essa famílias que estão precisando. O pessoal aqui é muito assim

é... Como que fala é muito é... Tem muita empatia, sabe? Eles ajudam mesmo se tiver precisando a gente tira um pouquinho dali, um pouquinho daqui, faz uma cesta básica pra pessoa e aí vai (H., 35, Rua Ipiranga).

Na sequência:

I.G.: Aqui na nossa comunidade é muito boa pra ajudar o outro. Quando sabe que uma família tá precisada, apertada né, junta todo mundo e faz uma cesta e dá, na Igreja também ajuda e dá doação de cestas, remédio. O pessoal aqui é muito bom pra isso.

I: E o que a senhora pensa sobre isso?

I.G.: Eu penso que é muito bom né, que a ente pode contar com as pessoas, na hora que a gente cair né, também numa fase assim sabe que a pessoa já vai ajudar a gente, vai nos socorrer. Igual a gente faz por eles também. Acho bacana e é certo! Deus quer assim. Eu sou católica, sou Vicentina da Igreja né, então eu ajudo muito também, recebo, vai, doação, doo e assim é. (I.G., 61, Rua Ipiranga).

No que se refere à assistência médica, quando um morador adoece ou sofre algo: “Nossa, excelente, porque aqui quando um passa mal, está disponível a ajudar, o que tem carro ajuda, né, eu acho importante isso, a gente ter esse contato com o outro (M. S., 36, Rua Tarumirim)”. O outro entrevistado, que corroborou a mesma ideia, disse que costuma oferecer “carona” para quem está caminhando pelos logradouros do Bairro. No caso, esta pesquisadora o conheceu por meio dessa iniciativa, e, a partir disso, foi explicar-lhe sobre a pesquisa e indagar-lhe sobre a possibilidade de conceder a entrevista. Segue o trecho:

E: Eu acho uma ideia boa, se a pessoa tem condição de ajudar é bão!

I: Igual mesmo, teve morador que relatou pra gente que ajuda a subir o morro, igual o Sr. fez comigo, entendeu?

E: Eu se eu tiver ali em baixo, o carro tá vazio mesmo. Eu não tô subindo sozinho? Eu não estou gastando gasolina do mesmo jeito?

I: É.

E: O carro tem quatro pneu é pra isso mesmo, tem poltrona pra cinco pessoa, é isso mesmo.

I: Porque o Sr. nem conhece a gente, né? Nem somos vizinhos, nem do bairro, nem nada.

E: Sempre tem gente com a mão cheia de sacola, tá subindo pra cima? Então vambora! (E. N., 62, Rua Inhapim).

No entanto, há falas que se contrapõem a esse senso comunitário, não muito sólido atualmente: “Oh, pode acontecer até isso aí, é positivo também, toda ajuda é bem-vinda, quando acontece, igual te falei, todos ajudando o outro, entendeu? É uma mão lavando a outra, mas, às vezes, tem um querendo puxar o tapete do outro” (E. B., 40, Rua Itanhomi). Em outras falas das entrevistadas:

J. F.: Como assim, antes os outros que já mudou que descansou que não tá aqui mais

I: Ah!

J. F.: Aí um ajudava o outro, mas aqui agora é raro.

I: Senhora acha que é raro?

J. F.: Aham, é raro agora.

I: Antes você via que era mais?  
 I: A senhora lembra que aqui um ajudava o outro?  
 J. F.: Aham, antes ajudava.  
 I: E o que você acha sobre isso? O que você pensa sobre?  
 J. F.: Uai, porque isso de um ajudar o outro é, porque sempre que precisa faz de conta faz um desmaio aí, não tem um carro, chama outro vizinho que tem pra pedir ajuda, né, porque Samu, corpo de bombeiro costuma vir (J.F.,42, Rua Caratinga).

Em outro recorte, aparece a colaboração mútua na atualidade enfraquecida, embora a entrevistada reconheça que conta com a colaboração dos familiares:

J. F. R.: São poucos, viu moça.  
 I: Você acha que são poucos?  
 J. F. R.: Aham a vizinhança aqui não é muito unida não.  
 I: E sua mãe mora aqui no bairro?  
 J. F. R.: Mora aqui do lado.  
 I: Você tem mais parente aqui?  
 J. F. R.: Tem minha tia, minha cunhada, minha vó, meu tio.  
 I: Todo mundo mora aqui?  
 J. F. R.:É todo mundo mora aqui.  
 I: Na mesma rua?  
 J. F. R.: É.  
 I: Então você foi nascida e criada aqui na Caratinga?  
 J. F. R.: Aham, risos (J. F. R., 27, Rua Caratinga).

A citação a seguir refere-se ao fato de o morador atribuir o senso de coletividade peculiar e marcador de identidade do Bairro Carapina. Segundo ele, a colaboração é algo difícil de presenciar nos demais bairros da cidade de Governador Valadares:

V: A comunidade aqui é muito boa, é sempre um ajudando o outro é como se fosse uma família, um privilégio aqui, é muito bom aqui, os vizinhos colaboram demais um com o outro.  
 I: E O senhor acha que é aqui só nesse Bairro?  
 V: Eu acho que sim.  
 I: Pelo que o senhor conhece, o senhor enxerga que tem disso em outros Bairros?  
 V: Não, eu acho que só o Carapina tem esse privilégio, aqui você sai conhece todo mundo, é um bom dia, uma boa tarde, todo mundo. Em outros bairros você chega você não vê ninguém, cada mora dentro de sua casa. Eu acho que pra gente é um privilégio na comunidade, a comunidade unida pra onde tem, um exemplo que a gente vê é essa reforma da capela, foi tudo com doação dos moradores (V., 64, Rua Caratinga).

Retomando um pouco o aspecto da historicidade do Bairro, é importante reforçar que a prática da colaboração começou com esse legado de avó-mãe-filhos que se mantém vivo até hoje. Está ligada a uma família que reforça e elege os seus membros como uma figura de “liderança”, como líderes comunitários, sem a visão autocrática que será tratada mais adiante, no Capítulo seguinte. Nesse sentido, sobre a perpetuação da colaboração dentro da família:



G: Então assim acaba que tem um certo conforto por menor que fosse, meu pai ajudou muito aqui na minha casa a gente era muita referência porque desde a minha avó materna ela tinha esse... Esse trabalho na comunidade ao ponto de ser indicada pelo SESP pra ser a referência no Governo Federal do Bairro, então assim tinha uma intervenção do Governo Federal que era um ticket de leite, [...] E ela virou essa referência porque as pessoas tinham muita confiança nela. Teve um outro fator que minha tia trabalhava num lugar que era enorme ela teve um acerto. E nesse acerto ela comprou um telefone, uma linha telefônica na Telemar era uma coisa na época não era coisa na casa de pobre e não havia orelhão né? Então era nós aqui a Dona N. lá do lado, lá do outro lado do Bairro e as pessoas faziam fila nas portas pra ligar, tinha... a gente tem na conexão interior outros estados é São Paulo, com o Nordeste, então tem muita gente que vem aqui que teve parentes que foram pros Estados Unidos, a cidade tem muito fluxo migratório. Então a gente fazia fila, minha vó a gente tinha um caderninho anotava o nome da pessoa, a hora que ela veio ligar, a hora que ela terminou a ligação, anotava o horário certinho e no dia que chegava a conta ela pagava o valor daquele horário porque vinha discriminando todas e nisso acabava que era um telefone público na sala. Então a vó era muito paciente com as pessoas, muito! Cobrava mais das pessoas, só era mesmo pra auxiliar um benefício que ela mesmo tinha, via minha tia né, e acabava que servia pra toda a comunidade; por isso, minha vó virou essa referência (G., Rua Ipiranga,43).

Outra situação de liderança herdada por esta moradora foi a forma que a sua avó conduzia a comunicação do Bairro pelo uso do telefone:

A pessoa aguardava e os pagamentos voltavam, minha vó solicitava de todo mundo que recebia o dinheiro de um ou dois tickets, dependendo do número de pessoas, pra que essa família não ficasse esperando, sem um benefício. Então toda vez que vinha alguém pro Bairro, quase todo mundo que vinha pra cá, tinha a mesma condição econômica, que também era bem pobre. Então minha vó fazia isso, nesses dois meses, a pessoa não ficava sem ticket, ela chegava no Bairro mesmo em uma semana minha vó já tinha cadastrado essa pessoa. E ela e a própria comunidade já tinha sido solidária, ao ponto de que todo mundo dava um e ficava com uma cartela igualmente as outras né, as outras pessoas. Então isso assim, são ações que foram transformando a vida da comunidade, né (G., Rua Ipiranga,43).

Sobre a saúde dos moradores, há uma espécie de enfermeiros comunitários que empreendem esforços para o cuidado com os moradores:

A gente tinha enfermeiros, é pessoas que tinham que aprender meio que autodidata a aplicar injeção, a fazer um curativo, então tinha um moço que a gente até chamava de não sei... enfermeiro que fazia isso. A minha mãe passou a fazer isso por muitos anos, acho que não teve uma família que teve na comunidade, que teve que ser aplicado injeção. Até hoje aparece alguém que:- Oh M. você podia aplicar uma injeção, porque eu fui no posto e a menina já tinha ido embora, aí hoje é sexta, amanhã é final de semana, então não vai ter. E aí até motivou meu irmão a ser Técnico de Enfermagem, minha mãe fez parte dessas pessoas que fez foram autodidatas e corajosas de aplicar, nunca teve nenhum problema, Graças a Deus! Mas aí tinham benzedeiros (G., 43, Rua Ipiranga).

Todavia, ressalta-se o fato de que o senso comunitário, inclusive, aparece em decorrência da ausência do Estado, como um mecanismo de sobrevivência dos moradores, para que todos sejam atendidos e as necessidades sanadas. Embora reconheça a persistência do elo em razão da necessidade entre os moradores, por outro lado, a colaboração é algo que foi

repassado entre as gerações como uma espécie de legado. Ou seja, o senso comunitário surge também da necessidade, visto que os moradores se sentem todos na mesma situação e “estendem a mão” aos outros, pois em algum momento precisarão que outros façam o mesmo por eles.

Portanto, nota-se que o senso comunitário é algo pertencente ao Bairro desde a sua formação, por ser algo decorrente da condição de necessidade e vulnerabilidade vivida. Os moradores se ajudam mutuamente e proativamente, como forma de expressar também um ato de solidariedade, de amor ou até mesmo de fé cristã. Isso possibilita regular e gerar uma força capaz de mover os moradores e o cotidiano deles.

FIGURA 67 — GRAFITE LOCALIZADO NA RUA ITANHOMI



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

### ***2.1.1 O senso comunitário: reverberando a colaboração de um morador com o outro***

Diante do que já foi exposto, esta seção tem o intuito de aproximar os conceitos de colaboração e senso comunitário, sob a ótica das entrevistas realizadas. Além disso, a seção visa a proposição de um diálogo, a fim de ressaltar a visão dos moradores do Carapina, no que rege a colaboração entre os vizinhos, no cotidiano do Bairro.

Neste bloco, foi indagado aos moradores se eles têm o hábito de ajudar os vizinhos e como funciona a colaboração entre eles. Para tanto, segue: “Sobre um ajudar o outro, eu vejo como é cooperação, união, né? Um ajuntamento” (C. K., 33, Rua Itanhomi). “Aqui é assim: qualquer um que precisar do outro é só pedir ajuda que a gente tá disponível, sabe que a pessoa tá precisando, a gente faz de tudo para colaborar” (V., 64, Rua Caratinga). “Ah sim, demais, demais, demais, de um modo geral, vizinho, entidades... Nossa senhora, tanta coisa aí, armaria, muito!” (S., 63, Rua Ipiranga). Segue um trecho:

Eu não sou de trabalho não, vamos supor, eu sou um cara que não dependo muito de vizinho. Mas pra dar um exemplo, quando eu tive esse acidente vai fazer um ano, quando eu chego do hospital tinha uma tipoia para mim. Um cara que mora do outro lado: “Ah eu comprei e não faço uso, mais para você usar tipoia”, Aí não foi necessário, né? Aí não serviu para mim, eu passei para o outro, aí ele disse pode passar para quem você quiser. Então essa, como se diz? Essa cadência eu acho legal, eu acho bacana!” (J. C., 47, Rua Ipiranga).

Em outra situação, os (as) moradores(as) entrevistados(as) argumentam que na comunidade existe uma independência entre os moradores; que essa partilha só ocorre nos momentos oportunos e/ou quando já existe uma prévia convivência entre eles: “Ajudo, dependendo do que é, na hora do quê for, a gente ajuda” (J. S., 43, Rua Marajá). “Se precisar, eu ajudo; se precisar, eu vejo que tá precisando, me pede ajuda, eu ajudo sim, se estiver no meu alcance” (I. G., 61, Rua Ipiranga). “Os que conversam, sim” (J. F. R., 27, Rua Caratinga), por isso, apresenta:

E. N.: Quando, se precisar da gente, sim né. Mas difícil precisar. Mas se precisar a gente ajuda, né!  
I: E é que tipo de ajuda, mais ou menos, além de subir o morro?  
E. N.: É, por exemplo se adoecer uma pessoa, precisar da gente né, precisou a gente tá pronto pra ajudar, acho que é uma obrigação de todo mundo, de todos nós fazer isso, entendeu? O que tiver em alcance a gente ajuda. Assim como eles também faz (E. N., 62, Rua Inhapim).

Ainda com esse raciocínio: “Quando procura, sim” (E. B., 40 Rua Itanhomi), “Sempre que me procura, eu tô à disposição. Quando eu posso” (W., 44, Rua Marajá), “Se for ao meu alcance, sim”; “– I: E você costuma ajudar como? “–J. F. R.: Assim, ô fulano, você pode fazer isso pra mim?, ‘Você vai no centro, pode fazer alguma coisa?’ ‘Vou’, tô fazendo o meu, posso

fazer também do outro, né” (J. F. R., 42, Rua Caratinga). “Depende do que ele está precisando, né? Igual, eu sou agente de saúde, eu já convivo, já conheço mais ou menos. Caso de saúde, cesta básica, de algum medicamento, que dá pra ajudar, como acompanhante, esses casos” (A. P., 38, Rua Marajá). Segue outro relato:

H: Se precisar eu ajudo.

I: E você ajuda de que forma?

H: Às vezes a gente não tem condição de ajudar financeiramente, na maioria das vezes, aí se a pessoa tiver precisando de um leite, igual já vi aqui um monte de vezes falando que tava com fome e aí a gente tira sacola de pão, tira leite ainda mais pra quem tem criança dentro de casa, tira macarrão, tira uma sardinha, um tempero, entendeu? E dou pra outra pessoa.

I: Então vocês têm costume de fazer isso?

H: A gente dá assim, geralmente é muito difícil. Assim, na época da pandemia que o pessoal tava bem assim precisado mesmo, mais hoje em dia, se a pessoa precisar e vier aí o que tiver ao nosso alcance a gente faz, entendeu? (H., 35, Rua Ipiranga).

No Bairro, existem vários tipos de ajuda, como: “Um socorro, né, de carro, e outras coisas mais ao todo, né” (I. M., 79, Rua Caratinga). “Já ajudei de várias formas, de alimento, já ajudei em ajuda física, se precisar ajudar, a passar na rua, qualquer coisa, a gente ajuda em várias coisas (L., 21, Rua Marajá). Numa outra perspectiva, houve relatos de que os moradores do Bairro demonstram uma certa autossuficiência:

Uai, eu não ajudo, porque, eu, não? Em mim então, como eu não vou ajudar? Mas se vem em mim, sobre assim, se um precisar, se um passar mal qualquer coisa, tá tudo junto, entendeu? Mas Graças a Deus, todo mundo...Financeiro não tem necessidade né, agora se adocece, todo mundo ajuda, Graças a Deus! Ninguém tem diferença de nada, sabe? Então, Graças a Deus! Então todo lado que a gente for olhar e sair assim pode conversar e rir muito bem, Graças a Deus! (I. S., 77, Rua Ipiranga).

Nessa ótica:

Se precisar eu ajudo, mas Deus tá ajudando que os vizinhos até que não estão precisando de muita coisa não, bem independente. Igual mesmo, minha cunhada ela trabalhou igual eu na escola, é aposentada, recebe do marido igual, então a gente conta com as coisinhas da gente, pra ser mais independente e meu irmão é aposentado e trabalha até hoje, as duas gêmeas também tá vivendo, então se precisar a gente assim, então a gente é bem dependente dos vizinhos fazem aquela que trabalha por cima, trabalha, a mulher dele trabalha, o filho dele trabalha também, então é equilibrado (M. P., 75, Rua Ipiranga).

Sobre a forma que uma entrevistada auxilia as pessoas, a partir de tecnologia e demais demandas:

I: E você ajuda como?

C. K.: Na verdade, eu nem sempre tô procurando. Sempre vem até a mim. Às vezes é um vizinho que chega e fala assim: “Ai, me ajuda, que eu não tô conseguindo fazer isso no celular. “Aí eu ajudo. “Ah, me ajuda aqui é, a carregar uma coisinha.” Aí eu ajudo. É sempre assim, sempre ajudas que chegam, que eu posso tá indo fazer alguma coisa. Isso acontece diretamente comigo. Eu tô saindo pra fazer alguma coisa, pode

ser do outro lado da rua, mas sempre alguém me para na porta pra me pedir alguma coisa. Aí eu paro tudo que eu tô indo fazer e sempre ajudo. Eu sempre tenho esse olhar voltado, de sempre tá ajudando o próximo. Isso é de mim. Eu me sinto bem em ajudar o outro! (C. K., 33, Rua Itanhomi).

Outros moradores relatam que existem aqueles que colaboram quando precisam levar algum morador ao hospital:

Sim, eu acho que a ajuda aqui é mútua, né; eu, por exemplo, é eu não dirijo carro nenhum tipo de automóvel, né, e aí eu vez ou outra eu encontro com vizinho, aí para que subir de carona? Né? As necessidades podem ser diferentes, mas o auxílio não deixa de ser igual né, cê tá precisando de emergência, cê fala: “—Oh fulano, resolve aqui pra mim, fiquei sabendo que cê sabe dessa área pode me dar uma orientação?” Então são coisas que são muitas, né. É aquilo que eu falei, que eu falei antes, a gente não faz sozinho, né, a gente faz de forma coletiva, então a gente não só entrega, você só não doa, você também recebe (G., 43, Rua Ipiranga).

Segundo alguns entrevistados, a colaboração acontece de variadas formas, seja entre os familiares ou não: “A maioria sim” (L., 21 Rua Marajá). Se precisar eu ajudo, se precisar e eu vejo que tá precisando, me pede ajuda, eu ajudo sim se estiver no meu alcance” (I. G., 61, Rua Ipiranga). “Ajudo, dependendo do que é, na hora do que for, a gente ajuda” (J. S., 47 Rua Marajá). “Sim, mais família aqui do lado e aqui também que é mais próximo (J. F. R., 27, Rua Caratinga). “— I. M.: Com certeza! - I: E é mais ou menos com o quê? — I. M.: A mesma coisa. — I: É uma troca? — I. M.: É” (I. M., 79, Rua Caratinga). “Se precisar, na hora, é como se fosse uma família (risos)” (V., 64, Rua Caratinga). “É, meu dia a dia com meus vizinhos são os melhores possíveis, porque eu não tenho nada que questionar deles. Mas o apoio que eu tenho deles, por ser meus vizinhos, quando eu não tô em casa, eles olham o quintal pra mim, do mesmo jeito eu faço pra eles” (W., 44, Rua Marajá).

Logo, é possível concluir que existem moradores entre os entrevistados que colaboram uns com os outros e ajudam uns aos outros, da mesma forma que existem moradores que fazem pela necessidade de se sentirem bem em resolver ou amenizar o problema do outro. Existem ainda aqueles moradores que contam com o apoio de poucas pessoas, o que permite inferir que, independentemente, se há vínculo ou não entre eles, existe a colaboração, qualquer que seja, com as suas devidas especificidades.

### ***2.1.2 O senso comunitário a partir das identidades do Bairro Carapina como resultado da mobilização ativa***

Esta subseção tem o intuito de apontar as micronarrativas inerentes ao processo do senso comunitário que culminaram na formação de projeto social/cultural e na construção de benfeitoria em prol do Bairro. Isso contribui para reverberar uma parcela da identidade do Carapina perante a comunidade e o restante da cidade.

Sobre o Carnaval, o evento começou em 2010, como um projeto comunitário. Com a escola de samba, o morador J. C. (47, Rua Ipiranga) teve a experiência de viajar para o Rio de Janeiro. Vendo os bloquinhos de carnaval teve vontade de levar um evento assim para o Bairro, e o denominou de “Carnapina”. No primeiro ano, conforme o relato do entrevistado, o evento foi como uma forma de brincadeira, mas, no decorrer do tempo, a festividade chegou a contar com quinze mil pessoas. Segue o relato do morador:

J. C.: É um projeto que eu fico muito feliz por esse acontecido né, mudou a cara do Bairro.

I: Com certeza! Você acha que adere os jovens? Quais são os instrumentos? Como que faz para participar? Você ensina eles, como eles aprendem, como que é mais ou menos?

J. C.: A gente tem uma parceria com essa escola que tem aqui no estadual eles têm muitos instrumentos lá, e tinha muitos meninos nossos que na folga ajudavam lá, tocar para os meninos aprender aqui no Bairro mesmo. A gente não tem uma escolinha, porque a maioria trabalha. Os instrumentos não são baratos, mas a gente tem essa ideia, mas a gente ainda não é registrado no CNPJ e aí precisa de toda essa burocracia, por isso que a gente não tem uma escolinha (J.C., 47 Rua Ipiranga).

Sobre os ensaios do Carnapina, normalmente eles ocorrem de modo esporádico e contam com vinte componentes. O Carnaval começou na parte alto do Bairro e já recebeu muitos turistas norte-americanos nas terceira e quarta edições. Hoje, a cultura e o olhar para o Bairro melhoraram muito. O jovem hoje é mais aberto, sem contar que a visibilidade do “Carnapina” proporcionou a abertura de vários projetos no segmento do esporte, da cultura: o balé que culminou com jovens indo para o Bolshoi, por exemplo. “Então, eu acho bacana isso, né, gente da periferia que jamais teria condições de chegar lá e que muitos projetos pequenos, chegou” (J. C., 47 Rua Ipiranga).

Outro exemplo é a construção da Capela Velório que, segundo relato colhido do morador (V., 64, Rua Caratinga), foi a primeira edificada na cidade, em torno da década de 1970. A construção passou por reformas recentemente, com a construção de uma rampa de acessibilidade, um dormitório para os entes durante o sepultamento, a implementação de janelas

e ventilador, além da doação de geladeira, cama e colchão, fomentada pelos próprios moradores.

Por isso, é possível afirmar que o senso comunitário subsiste no Bairro por meio da articulação entre os próprios moradores para a colaboração mútua. Desde o início do Bairro, a colaboração é concreta no local como a Capela Velório, por exemplo, e, com o passar dos anos, com o Carnapina. Os relatos expressam o senso de união dos moradores que foram entrevistados. Conforme figura abaixo:

FIGURA 68 — CAPELA VELÓRIO NA RUA INHAPIM



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

FIGURA 69 — RAMPA DA CAPELA VELÓRIO



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).



### ***2.1.3 O senso comunitário que atravessa as gerações***

Esta subseção visa abordar como o senso comunitário perpassa as gerações, considerando o que já foi exposto neste trabalho, já que se pretende apresentar como ocorre a perpetuação da colaboração entre os moradores e como essa prática se mantém viva na contemporaneidade.

Desse modo, a pergunta elaborada foi: como ocorre o senso comunitário entre os idosos, adultos e jovens no Bairro Carapina. Sendo assim, um morador relatou que essa necessidade de colaborar com o outro está ligada à religiosidade (E., 62, Rua Inhapim) e origina-se em uma ideia bíblica de solidariedade, uma expressão da bondade.

Outro morador relatou que essa colaboração impera desde os moradores mais antigos, cujo legado é desde as gerações dos avós, que passa para os pais e filhos, que também o mantêm. “E a gente aprende isso com os idosos, eu aprendi com as pessoas idosas, minha mãe é um exemplo pra nós, minha avó, meus tios, meus irmãos, a gente cresceu vendo isso” (J. C., 47, Rua Ipiranga). É uma forma de ajuda, de partilha entre crianças, adultos, idosos, jovens, entre todos (I., 61, Rua Ipiranga), isso porque eles acreditam que um morador está aqui para ajudar o outro, sendo algo repassado desde os mais antigos para os mais novos (I. M., 79, Rua Caratinga). Conforme o relato de uma das moradoras:

É aqui o pessoal é muito assim de ajudar mesmo, sabe? Es não olham se é idoso, ou se é jovem tipo assim é lógico que idoso, mulher com menino tem mais prioridade, né, mas o pessoal ajuda bastante se o pessoal tiver precisando es ajudam mesmo, graças a Deus (H, 35, Rua Ipiranga).

Uma entrevistada relatou que essa forma de colaboração dos moradores mudou muito, pois, segundo ela, os jovens não têm mais aquele vínculo de querer ajudar os moradores mais idosos: “Acho que sim, acho que varea. É tanto sim, acontece muito isso, que perderam. Os jovens não querem saber, não querem ajudar. O senso de adultos, os idosos mais antigo não, acho que continua, um ajuda muito o outro” (A. P., 38, Rua Marajá).

Outros dois moradores responderam que a colaboração é algo que está se perdendo nos dias de hoje, inclusive, entre os adultos, já que os idosos costumam colaborar mais (E. B., 40, Rua Inhapim). Segundo eles, os jovens estão “desligados” (S., 63, Rua Ipiranga) e afirmam que a colaboração sempre foi algo que partia dos mais idosos. Assim, eles acreditam que atualmente os jovens estão “partindo para outro lado” (V., 64, Rua Caratinga).

Esse fato decorre do acesso aos postos de trabalho (apresentado no Capítulo 1, deste trabalho, por meio do gráfico referente à quantidade de pessoas que trabalham por domicílio).

Por esse motivo, o gráfico demonstra um salto na qualidade de vida da população, que pode usufruir de benefícios não alcançados pelas gerações anteriores. Isso proporcionou uma melhoria na qualidade de vida da família dos moradores, ao adquirirem bens de consumo, como carro, moto e casa própria.

Conseqüentemente, a ideia de dependência de um morador do outro tende a ser menos frequente e foi algo que refletiu nas respostas colhidas pelas entrevistas, além de o fato desse elo estar enfraquecido entre os jovens. Esse resultado também foi apontado nos relatos, embora, apenas uma única moradora tenha dito que o senso comunitário só ocorre entre aqueles que se dão bem (J. R. 27, Rua Caratinga).

Os moradores responderam à pergunta de como é o senso comunitário entre os idosos, adultos e jovens e como os entrevistados julgam isso. Nesse sentido, todos os entrevistados responderam que o senso comunitário ocorre de forma positiva no Bairro, sendo, inclusive, uníssonas as respostas. Destacam-se alguns trechos:

Ah, eu acho muito bom, eu acho, bom não, eu acho ótimo! É bom a gente ser assim, é bom que a gente não sabe o dia de amanhã, da mesma forma que as pessoas precisam, a gente também precisa. A gente também pode chegar precisar. Então é muito bom, o ser humano ter empatia, se colocar no lugar do outro, né? Independente se é rico, se é pobre, se é negro, se é gordo, se é branco, se é magro, a pessoa tem que ter empatia, a pessoa passa uma necessidade, que puder fazer pra poder ajudar tem que ser feito, né! (H., 35, Rua Ipiranga).

Em outro trecho, o senso comunitário é demonstrado além de uma necessidade; é visto também como um dever, uma obrigação, algo que é necessário:

Eu enxergo muito de um lado bom, de um morador ajudar o outro. Sempre se você precisar. Por exemplo, aqui eu tô, dá uma chuva aqui, você precisou deu rancar o telhado seu, e eu preciso de ir lá e te ajudar cobrir, de ajudar você tirar, mudar suas coisas de lugar, entendeu? É muitos tipos de ajuda, se precisar a gente faz. Não tem precisado não, mas se precisar é uma obrigação de todos nós fazer (E. N., 62, Rua Inhapim).

Em outros trechos, foi possível verificar que o senso comunitário reverbera como algo maior do que uma ajuda mútua, já que contribui para a dinâmica do espaço, porque está atrelado ao reconhecimento de um morador pelo outro, além de promover o vínculo entre os sujeitos e esses moradores se reconhecerem pertencentes ao Bairro Carapina: “Enxergo de forma positiva, pra poder estreitar e fortalecer os laços no sentimento de pertença, de auxílio mútuo, né” (M. D., 40, Rua Antoniete Fernandes).

No relato de outro entrevistado: “Eu acho bacana, eu acho bom, significa união, significa amor de Deus com nós, um com o outro” (I. G., 61, Rua Ipiranga). “É coisa da vida, né. A vida

precisa ser assim, como que eu vou morar perto de você, e você, às vezes, precisa de um socorro, alguma coisa, e eu não posso tá ali, né, da mesma forma, também eu ao precisar” (I. N., 79, Rua Caratinga).

Quando questionado se o senso comunitário se mantém na atualidade do mesmo modo, I. G. (61, Rua Ipiranga) garante que desde os “moradores mais antigos”; se houve modificações ao longo do tempo e se foi algo repassado para os moradores mais novos, a maioria dos entrevistados respondem que o senso é algo que se mantém vivo até os dias de hoje, faz parte do cotidiano do Bairro, ainda que não seja tão forte entre os jovens: “Acredito ser mais forte entre os moradores mais antigos, os moradores mais novos não têm esse sentimento de coletividade tão grande quanto os mais velhos e um foi repassando para o outro” (E. N., 62, Rua Inhapim). “É, eu acho que os moradores antigos que veio com esse, com essa bagagem toda pra gente poder tá aprendendo com eles, os jovens se acontecer algum fato aqui, se tiver no ápice, eles ajudam sim” (M. S., 36, Rua Tarumirim).

Uma entrevistada expôs que o senso comunitário se perdeu devido à tecnologia, já que ele vem pela “necessidade” (G., 43, Rua Caratinga). Antes era a época do “análogo”, e agora a época do “digital”, então, hoje, os jovens ficam mais envolvidos com tecnologia, por ser algo da geração. Em conformidade à tecnologia, o uso do celular tem seus benefícios e malefícios, e piorou um pouco por conta da violência (I. N., 79, Rua Caratinga).

Nesse sentido, os moradores foram indagados se o senso comunitário foi alterado com o uso da tecnologia; se a tecnologia promoveu alguma melhoria, pois ela facilita a comunicação. A. P. (38, Rua Marajá), E. N. (40, Rua Inhapim) e J. (47, Rua Marajá) afirmaram que: “Acho que sim; às vezes, eles não conseguem ir até a gente, por meio de ligação, de mensagem, eles conseguem entrar em contato. Não só com vizinho do bairro, mas até mesmo de outro bairro.

É bom. I: Normalmente você interage com seus vizinhos pessoalmente ou via *Whatsapp*? I: Só pessoalmente mesmo. E não diariamente, tipo todos os dias, mas quando vejo é pessoalmente”. Segundo L. (21, Rua Marajá): “Demais, ajudou muito, ainda mais os jovens, é um se comunicando com o outro, né, quando acontece algum fato aqui, eles ajudam, a comunicação através da internet ajuda, ao mesmo tempo atrapalha, mas ajuda bastante nesse quesito aí” (M. S., 40, Rua Tarumirim).

Conforme aponta outra moradora, o uso da internet corrobora a comunicação entre os indivíduos nas interações diárias, sejam elas: entre os comerciantes e os clientes, no compartilhamento de informações, para a veiculação das notícias, para os pedidos de ajuda, para os anúncios de vagas de emprego, e, os pedidos de doações. No Bairro:

H: Ah, melhorou cem por cento, porque às vezes alguma coisa, um exemplo, uma pessoa já é de idade, só que aí ele mora um pouquinho mais longe aqui no morro, mas é um pouco mais longe e aí tem uma dificuldade enorme de... de tá indo num lugar aí, ele joga a pergunta lá no grupo, e aí entendeu? Pergunta pra alguém, aí não tem a necessidade, às vezes dele saber se tem, ele já pergunta, ele já vai sabendo se tem se não tiver, ele vai em outro lugar.

I: Ah, mas é grupo onde?

H: Aqui tem um grupo do morro, olha aqui oh: “Carapina Urgente”

I: Ah tá.

H: Entendeu? Isso é ótimo a maioria das nossas vendas vem desse grupo aqui oh, aí tudo a gente publica lá, aí eles publicam, jogam lá no grupo e me perguntam: - Tem isso? -Tem aquilo? -Tem, pode vir que tem!

I: E você acha que quem começou fazendo assim, que criou o grupo?

H: Um morador, ele é antigo aqui no morro também, antigo assim deve ter a idade do meu marido, mais ou menos, ele é mais velho um pouquinho eu acho.

I: E como você vê isso tudo? Olhando assim um pouco de dentro e de fora analisando assim essa dinâmica?

H: Ah eu vejo que isso ajuda muito todo mundo né, ajuda, mais ajuda bastante mesmo, *Whatsaap* hoje em dia, a rede social é primordial, ela... ela... ajuda bastante o pessoal aqui em cima, entendeu? Ajuda, evita uma caminhada às vezes desnecessária, aqui o pessoal joga impressão, joga no *WhatsApp*. Eles quer fazer a impressão de um boleto, aí não precisa ir lá embaixo, aí a gente faz um serviço de impressão aqui, a gente faz currículo, a gente... manda um currículo no *WhatsApp* e a gente faz a impressão, então assim oh, isso ajuda muito, ajuda, mas ajuda mesmo! (H., 35, Rua Ipiranga).

Por outro lado, foram apontados os benefícios da internet para o senso comunitário e como ela contribuiu para intervenção urbana por meio do *grafite*. A atividade fortaleceu o sentimento de pertencer ao local e a interação entre os moradores no Bairro. Segundo relato de uma moradora, a seguir:

G: É ele se atualiza assim e, por exemplo, quando a gente fez o trabalho de memória, é a gente teve um curso que é um curso de... Não é *influencer* que fala, é, foi com um *influencer*, é uma menina que já morou aqui na região e que hoje ela trabalha com o mercado digital e ela deu um curso pros meninos de como fazer seu próprio mercado, como ajudar algumas vezes a própria comunidade. Então, de alguma forma, a gente tá tentando usar, fazer com que a tecnologia nos auxilie nesse sentimento de ser... De pertença, de ser parte integrada desse todo, né. Desse mundo de modo geral, estando aqui conectado pro resto do mundo né, e de ter uma comoção da comunidade. No ponto de memória também, esses grafites que você viu no Bairro são oficinas que foram feitas com crianças e adolescentes, e eles cuidaram, né! O grafiteiro que era oficineiro; o P.S., ele fez um trabalho de orientação com os alunos e ele já tinha trabalhado aqui na comunidade, alguns anos atrás com uma companhia [...]. E aí quando a gente fez o projeto ... Pronto eu lembrei dele, e na hora quis convidá-lo, porque os meninos gostam e teve também, porque logo que a oficina do grafite chegou, foi uma das que eles mais adoraram e mais participaram. A gente teve a capoeira sob um universo popular e... Que se aproxima da língua da periferia urbana e que estou tratando aqui, as gerações anteriores não tinham é, contato, talvez acesso, mas que talvez hoje é disponível e, essas conexões, o pessoal curte e fala, vê os muros com os grafites e acham muito bonito! Eu acho muito bonito e acham o máximo! Eu penso que vai mudando e vai permanecendo, o que é essencial, que é esse sentimento de pertencer a uma comunidade que é viva, que é vivida.

I: Foram alunos do Ensino Médio que participaram desse projeto?

G: Não, foram alunos específicos da escola e foi aberto pra comunidade foi no morro foi na Casa de Cultura.

I: Foi aberto para a comunidade, aos jovens que quisessem se inscrever?

G: Isso (G., 43, Rua Caratinga).

Assim, sobre o senso comunitário, fica claro que foi perpassado entre os moradores desde os mais antigos como uma espécie de legado. Além disso, o senso comunitário se manifesta de forma voluntária e é algo ensinado pela família, perdurando e se mantendo vivo na contemporaneidade.

FIGURA 70 – GRAFITE NA RUA IARA NO MURO AO FUNDO O BIOQUÊ



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

## 2.2 A interação no Bairro Carapina: as relações de afeto na dinâmica espacial

Essa seção tem o intuito de apontar como ocorre a interação no Bairro, por meio do modo de vida entre os moradores, de forma a elencar, a partir das vivências, como essas pessoas lidam com o outro. A interação, em termos gerais, é uma troca saudável, já que muitos moradores compartilham seus momentos de vida. Além disso, a comunidade abraça a causa daqueles que necessitam de algo e forma uma rede de afetos, de sentimentos. O Bairro é como uma família, mas vale ressaltar que existem as desavenças naturais, o que, de certo modo, não impede o respeito de um para com o outro.

Nessa ótica, as interações com os entrevistados imperam desde um “Bom dia”, um “Boa tarde”, “Tá tudo bem?”, e aparece na fala de uma moradora que disse: “Eu gosto muito! (C, K., 33, Rua Itanhomi). Outros moradores apresentam respostas similares, como: “Bem, muito bem, sou muito feliz aqui no meu bairro, risos” (J. F. R., 27, Rua Caratinga); “Bem” (J. F. R., 42 Rua Caratinga); e outros, como: “Normal” (J. S., 47, Rua Marajá) e (W, 44, Rua Marajá).

Em outro momento, houve relatos do sentimento de um morador ajudar o outro, demonstrado de forma mais afetuosa. Independentemente de ter ou não moradores com vínculos familiares, essa ajuda também é vista no sentido de rede e união:

L: Bacana, o pessoal da minha rua é tranquilo. Todo mundo de boa!  
 I: E você tem algum familiar que mora lá na rua, aqui no Bairro, ou não?  
 L: Tenho, tenho por parte, um pouco distante. Mas tenho aqui no Bairro”  
 (L, 21, Rua Marajá).

“De forma positiva, aqui o morro é interessante. Tem uma interação bacana, tem um sentimento de grupo muito bom. O pessoal tem um sentimento de coletividade no Carapina muito bom” (M. D., 40, Rua Antoniete Fernandes).

Em outros aspectos, a interação no Bairro é preestabelecida a partir de uma relação entre um morador e o outro, seja pelo vínculo que possuem, ou pelo simples aspecto de se conhecerem, dado o entrelaçamento de confiança-segurança-amizade, criado nas vivências cotidianas:

H: Aqui o povo interage com todo mundo, interage mesmo, sabe, às vezes tem um menino... Tem um menino... Um menino... Do tamanho do meu, ele tava aqui, a mãe dele tava lá, a três quadras daqui, o menino dela tem três anos. Eu tô assim: “—Oh, N. que você tá aqui?, Aí ele: —Eu tô andando!, Aí, eu falei: — Eu sei que você tá andando, e cadê sua mãe? A mãe dele dormindo, deixou o portão no trinco, ele subiu na cadeirinha e abriu o trinco e veio parar aqui. Então assim, se não fosse essa... Essa comunicação, Deus livre guarde, o pior tinha acontecido com o filho dela. Porque essa rua, é uma rua tem um movimento de carro, de muito fluxo, bem na hora de escola. Toda hora, carro vai, carro vem, carro vai, carro vem. Então assim, é muito importante essa interação... Essa interação com as pessoas, né, isso é muito importante mesmo, interagir.

I: Então você vê uma interação bem ativa?  
 H: Bem ativa, com certeza! Sem sombra de dúvidas!  
 I: E você acha que isso já é uma coisa do Bairro?  
 H: Isso já é do Bairro (H., 35, Rua Ipiranga).

Além disso, ocorre também uma prestação de serviço que vai para além de servir, quando um morador precisa do outro. É genuíno partilhar aquilo que sabe, principalmente, quando um morador necessita de algo:

É fácil porque eu sou muito comunicativo, né? Sou comunicativo. Trabalho em Sistema Público, trabalho no Hospital Municipal. Ali onde, vê ali, todos os dias te pede ajuda, né? Às vezes até em casa aqui, mas aí é o Sistema Público funciona sim, por exemplo, às vezes a pessoa chega e fala assim: “–Ah meu pai tá lá no Hospital, tem quatro dias, não consigo subir ele. Porque assim, infelizmente, eles não seguem à risca que tem que seguir, alguém que está lá para dar uma moral para o outro. Então você não tem ninguém, às vezes você vai ficando lá, infelizmente. Aí chega em mim, conversa com alguém, sobe paciente, às vezes é para pedir receita médica, que às vezes é difícil conseguir um médico. As medicações para hipertensão, diabetes, que tem de graça, essas... Essas coisas básicas. Eu tenho na cabeça, se Deus me deu essa oportunidade de ser o que eu sou, né? Todos, já coloquei na minha cabeça, antes de pegar no serviço eu não faço serviço durante o dia, então eu pego o paciente assim pra fazer um curativo, pra dar uma injeção e aí eu faço. Lá embaixo eu cobro, aqui eu não cobro. Eu não tenho coragem, porque eu sei que essa não é a realidade de todo mundo. Porque você vai pegar um paciente para dar um banho. “– Olha, eu não posso te dar os banhos todos os dias. Três dias da semana eu venho aí, e você arruma alguém da família”. É um dinheiro para mim que não vai fazer diferença (J. C., 47 Rua Ipiranga).

No que se refere ao fortalecimento de laços na comunidade, uma parte ocorre devido ao fato de o morador junto ao seu núcleo formar uma rede de vizinhança: “Boa, cê fala em qual perspectiva? Que eu tenho é uma família, né, a gente tem uma relação muito boa, e eu tenho muitos familiares na comunidade” (G., 43, Rua Ipiranga):

M. P.: É bom, eu acredito que é bom que a gente não fica tão... porque eu moro nesse fundo aqui, e senão eu fico, ia ficar muito sozinha, né, então a gente vê, né, que vale a pena, tem ajuda, um tem problema com o neto, vem e conversa com a gente, então, né, um vai ajudando o outro, né, e aqui, agora, não tem menino não, né, e daqui a pouquinho, ele chega, porque aquele menino já tem quatro anos, e ele já estuda, né, agora que eles tão de férias, eles ficam na casa de outra avó, agora ele fica por aqui até seis, sete, oito horas, depois passa lá e leva pra outra avó, que mora aqui no Bairro mesmo também!  
 I: Aí é bom que faz companhia pra senhora, né?  
 M. P.: É! (M. P., 75, Rua Ipiranga).

Outros moradores apontam que as interações têm sido mais vazias, dado o uso do celular:

E. B.: Pessoalmente é bem melhor que celular, porque, às vezes, você tá aqui com a pessoa conversando com o vizinho, aí, tem,, logo ali outro vizinho querendo fofocar, aí você vai deixar de dar atenção a um vizinho que tá ali na sua frente pra dar atenção aquele que tá te chamando, então, pra mim, isso atrapalha muito, então, como é isso aqui (celular), eu tô com isso aqui por necessidade, xô te falar, né, necessidade mesmo, mas cê entendeu o ponto de vista meu, né, isso atrapalha demais!



I: Aham (E. B., 40, Rua Itanhomi).

Sobre isso, outra fala:

I. G.: Eu acho bacana, acho bom! Hoje mesmo tava falando disso, fizeram grupo do bairro, né, então... Às vezes, igual, eu tô conversando com a vizinha aqui. Ela ali, e, eu aqui. Oh! a mania que a gente pegou, né? Aí, às vezes, eu tô falando da janela, ela olhando pra mim, e eu de cá, e ela lá. Aí, ela fala: “– Você tá aí?”, “–Tô não boba, eu tô aqui!” (Risos, e a entrevistada demonstra que usa o celular).

I: E vocês ficam conversando no celular?

I.G.: Aham, não é? É a mania que a gente faz isso! Meu marido custou a aceitar isso. Eu disse: “– Meu filho, ou você entra numa era de hoje, ou você vai ficar louco, vai ficar doido... O que você pode fazer? Tá todo mundo assim! Ou você entra, ou você fica louco”. Ele não gosta de celular, de jeito nenhum! Ele não adaptou, de jeito nenhum. Então, eu falo pra ele: “–Eu tenho que adaptar pra ajudar, eu e você, porque tá tudo agora aqui. Tudo aqui dentro!” E eu tenho que aprender... Não é isso mesmo?

I: É (risos).

I.G.: Você pode reparar, que você não escuta mais grito assim: “– Fulaaano!” Na minha época, era assim... É bom, tem que ter um barulho, uma bagunça... Hoje você não vê nada disso, mais... Rodinha... Você pegou esses trem? Brincar de roda?

I: Brincar de pedrinha?

I.G.: De roda também, a pedrinha é jogar.

I: Aham!

I.G.: Belisco... Elástico... Você não vê nada disso... Nada disso mais gente! Era bom demais, e hoje acabou! Os meninos de hoje nem conhece essas brincadeira! Então, mudou muito, mudou muito mesmo... Não sabemos até quando Deus vai fazer por nós... Tem mais é que mudar, tá tão feio as coisa... (I. G., 61, Rua Ipiranga).

Outros apontam que as interações nem sempre funcionam de modo recíproco no Bairro: “Isso é prioridade isso aí. Isso aí é coisa, é prioritário se acontecer isso aí, acontece com algumas, né, que tem uma mentalidade, né, já boa” (S., 63, Rua Ipiranga). No entanto, outras entrevistadas relatam que o fato de trabalharem na Unidade Básica de Saúde (UBS), essa interação é fomentada pela dinâmica das trocas de informações inerentes ao serviço. Seguem as falas:

A: É ótima! Pelo fato de eu trabalhar na unidade de saúde, né, de eu ter uma liberdade maior, né, é tranquilo!

I: E é mais pessoalmente, *Whatsapp*, rede social?

A: Não, pessoalmente (A., Rua Marajá, 38).

Conforme a entrevistada:

M. S.: Excelente, por mais, por eu trabalhar aqui no Posto de Saúde, ajuda muito, ontem mesmo, eu tava saindo, uma pessoa falou assim: nossa, M. S. tinha que ser vereadora porque ela conhece todo mundo, o pessoal do Bairro me conhece justamente por eu trabalhar no Posto de Saúde.

I: E você trabalha aqui tem quanto tempo?

M. S.: Tem... vai fazer quatorze anos (M. S., 36, Rua Tarumirim).

Os moradores acreditam que outras interações pairam sobre a religiosidade: “É uma coisa pra mim, é como se fosse os mais velhos foram passando pra gente, né, igual minha mãe era vicentina aqui do Bairro, tinham muitos aqui assim, então, foi criando essa coletividade” (V., 64, Rua Caratinga). Sobre isso, segue outro trecho:

M. G.: Muito bom, eu tenho amizade aqui mesmo, vem no meu quintal com o Perpétuo Socorro, eu tenho um tanto de velho! (Aqui a entrevistada está se referindo à Igreja Católica, denominada Igreja Nossa Senhora Perpétuo do Socorro).

I: E a senhora conversa praticamente com toda a vizinhança?

M. G.: Sim, também a gente faz parceiros. Esse mesmo dia, cinco ônibus lotado para ir para Aparecida, a gente junto o pessoal da Igreja, né, e solicita, e nós vamos! E vai lá, nós chegamos lá, no dia 5 e saímos de lá no dia 8!

I: Agora vai ser só no mês da Páscoa?

M. G.: No mês de maio, leva as mães no terreno lá que a gente tem. Minha irmã mora lá, e a gente tem uma Igreja e, aí, a gente leva o pessoal da Igreja e vai passar lá!

I: É tipo um retiro, né?

M. G.: É tipo, é um retiro. Aí, já tem colchão, já tem tudo lá, a gente leva as coisas de comer, chega lá, tem lugar de beber, nois vai para a cozinha, fica lá o dia inteiro com elas e depois vamos embora! (M. G., 72, Rua Itanhomi).

Sobre as interações no Bairro, a maioria dos entrevistados alegam ocorrer de forma pacífica e saudável (L., 21, Rua Marajá), (M. P., 75, Rua Ipiranga), (H., 35, Rua Ipiranga), (I. S., 77, Rua Ipiranga), (J. S., 47, Rua Marajá) e (J. F. R., 27, Rua Caratinga). Muitos buscam a interação mesmo quando percebem que um morador do lado de sua residência está mal-humorado: “A gente dá um bom dia pras pessoas, e aquela pessoa não acordou muito bem, e quando ela recebe aquele bom dia transforma a dia dela. Então é saudável pra mim também” (C. K., 33, Rua Itanhomi).

Em geral, a religiosidade passa por muitos moradores, já que eles oferecem ajuda até mesmo para aqueles que consideram inimigos (E. N., 62, Rua Ipiranga). É, o povo procura a gente bastante pra questão de saúde, questão de... de... Da gente poder ajudar, em alguma coisa, é bem receptivo (M. S., 36, Rua Tarumirim). Em outro relato: “É sim, é da mesma forma aqui não tem disso de um querer ser melhor que o outro não, isso é muito bom” (V., 64, Rua Caratinga).

No que se refere à festividade, o Carnapina contribuiu para a redução do índice de criminalidade no Bairro, e uma entrevistada reforça a interação na comunidade:

J. C.: Sim, bem saudável. Você quer um exemplo pesado, esse Carnaval, quando começou aquelas coisas de homicídio, aquelas guerras, os próprios “gente boa” se entenderam. No dia do evento, não vai acontecer nada não, vai fazer nada. E ponto final! Porque eles sabem que tinha o primo, a vó, a tia, que tava no evento. Então ninguém se envolveu com nada, alguns até me ligou. “-Não, pode ficar tranquilo! Isso para mim lógico que você pode confiar.

I: Mas é questão de respeito, né?  
 J. C.: É! (J. C., 47, Rua Ipiranga).

No que se refere à religiosidade e suas festividades, uma entrevistada organiza as viagens e mobiliza excursões com as senhoras da paróquia do Bairro Carapina; a Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e outras idosas da cidade. Nesse sentido, há uma interação da comunidade com a cidade, o que demonstra a representatividade:

M. G.: Saudável, o jovem já viu. Hoje, só querem interagir com jovens. Os antigos, coitado, se você conversar com eles, aí só interagem pouco com os velhos.  
 I: É tudo do Bairro?  
 M. G.: Eu vou lá em Divinolândia, no dia da Nossa Senhora Aparecida, nós vamos em Bom Jesus da Lapa, no mês de julho, já tá marcado, dia 28 de junho. Nós estamos saindo daqui para Bom Jesus da Lapa, se Deus quiser!  
 I: Amém!  
 M. G.: Nessa Romaria, eu pego lá em Goiabal. O pessoal aqui, vai lá na Igreja na frente da Nossa Senhora das Graças e, o pessoal de Valadares, vai lá, vai umas 25, 26 pessoas velhas comigo. É bom, é gostoso!  
 I: A senhora gosta dos passeios?  
 M. G.: Eu gosto, eu gosto!  
 I: E a senhora organiza também tudo?  
 M. G.: Com um tanto de velho, com um tanto de velho, gosto de viajar, o negócio que eu gosto! Assim, Nossa Senhora! Tudo que eu queria fazer era isso, igual mesmo, a gente vai para Nossa Senhora Aparecida, com uma senhora que foi comigo, tem tudo 80 anos. Nossa mãe! Eu andava com ela assim, ela mora ali em frente à Igreja, era tudo que ela queria na vida, ir na Igreja e em Nossa Senhora Aparecida. Fomos na Canção Nova, foi muito bom! Os passeios, os passeios ajudam muita gente, graças a Deus, muito bom! Quando a gente não pode, a gente já fica até mas com Deus na frente, vai dar certo, a gente assim, tem muita luz, não assim pelo Bairro, mas pelo bairro rico, mas, ultimamente, nosso Bairro é um Bairro tranquilo (M. G., 72, Rua Itanhomi).

Foi perguntado ainda aos moradores entrevistados se eles acreditavam que existia desavenças no Bairro, as respostas ficaram bem divididas quanto às desavenças acontecerem de vez em quando (A. P., Rua Marajá, 38), e não acontecerem:

Muita, também. Todo lugar que tem grupo, têm pessoas, têm pensamentos divergentes. E tem lugar que é muito explosivo. E esses pensamentos acabam escambando pra outras questões, né. Isso aí aqui, como todo e qualquer bairro. Em qualquer comunidade isso é latente, essa questão (M. D., 40, Rua Antoniete Fernandes).

Tem vez que sim, tem vez que não (J. F. R., 42, Rua Caratinga).

Em outra situação, uma moradora entrevistada relatou que ela costuma apaziguar os casos de desentendimentos, agindo para evitar mais conflitos entre os moradores, no que tange à coleta de lixo:

Eu falo que tem o bloqueador e tem o facilitador. Eu procuro sempre ser aquele facilitador. Se eu tô vendo um vizinho que tá lá, aí ele tá brigando, falou assim: “–

Mais ele jogou o lixo na minha porta e, hoje, não é dia de lixo e, hoje, não é dia de lixeiro passar!” Eu vou te falar, eu já cansei de fazer isso, ir lá, pegar o lixo, guardar ele e, no outro dia, colocar. Só pra quê? Porque aquilo ali, naquele momento, ali apazigua, que eles param. Mas existe briga? Existe! Claro que às vezes a gente fica com raiva dos vizinhos, fica sim! Já pensou minha porta fica limpinha, meu vizinho do lado coloca o lixo na minha porta, ah!, gente. Não fica aquela coisa chata? É chato você receber isso. Mas se eu posso facilitar, pra que que eu vou ficar bloqueando, né? (C. K., 33, Rua Itanhomi).

Outras pessoas entrevistadas compartilharam ideias contrárias ao fato de que o Bairro já melhorou bastante, por conta de “grupos que vem atualizando” e, que, “[...] não tem muita coisa acontecendo muito grave igual já teve em alguns anos atrás, tá bem melhor” (S., 63, Rua Ipiranga). Sim, é normal, né? A comunidade tem disso, mas as desavenças são poucas, que o povo é muito receptivo, um ajuda o outro (M. S., 36, Rua Tarumirim). Da minha parte com eles não. Se existe deles com alguém, eu também não sei (L., 21, Rua Marajá). Não tem não, aqui é a vizinhança, e a comunidade aqui não tem esse negócio de confusão com o outro não (V., 64, Rua Caratinga).

Conforme os relatos:

Aqui parece que todo mundo combina direitinho, não são assim, cria intriga com o outro não, são cada um são de um jeito. Tem que entender que cada um tem um jeito, uma natureza diferente. Eu tenho meu jeito, o outro lado tem. Então aqui, a gente vive assim, um aceitando o outro, de acordo com o jeito dele, não tem inimizade não. (M. P., 75, Rua Ipiranga).

I. M.: Graças a Deus, não!

I: E da parte do senhor?

I. M.: Não, não.

I: Mas o senhor tem conhecimento de que existe alguma desavença?

I. M.: Não, não (I. M., 79, Rua Caratinga).

Sobre a interação ocorrer da mesma forma entre jovens, adultos e idosos, as respostas convergiram para o sim:

“Eu acredito que sim. Eu não vejo problema em ninguém, na minha rua aqui, na parte aqui que moro não. A não ser pra lá, que eu não conheço. Nas outras viradas pra lá. Eu tô falando o seguinte, dentro da minha rua. Não temos problema com ninguém, não temos problema com ninguém mesmo aqui no bairro. E eu tô falando nois, entendeu. Agora se os outros têm problema, não sei” (E. N., 62, Rua Inhapi).

“Acho que sim, desde quando eu vim morar aqui é supertranquilo”.

“Pelo menos a parte que eu moro” (L., 21, Rua Marajá)

“Uhum igual eu te falei, aqui graças a Deus todo mundo combina com a vizinhança, é boa mesmo na Igreja também, a gente não tem atrito com ninguém” (I. N., 79, Rua Caratinga).

“Eu acho que é da mesma forma, né, não achei que teve mudança brusca em questão de um ajudar o outro não, eu acho que tá na mesma, mesmo patamar” (M. S., 36, Rua Tarumirim).

Conforme outro relato de uma moradora entrevistada:

É do mesmo jeito, aqui na rua, na Igreja, em conselho, aí um pede conselho. É aquele “bate-papo na cdf”, aqui também tem muito professor, de ginástica também. Então, a gente tem muita gente séria, agora tem uma fisioterapeuta, das boas! Então elas levam muito no “Bom dia”. Graças a Deus, esse Bairro se for igual tanto esse bairro, tem assistência igual, se for, é bom demais! Como dizer, tô aqui, mas estou com eles! (M. G., 72, Rua Itanhomi).

No que tange à interação entre jovens, adultos e idosos, tiveram aqueles que se opuseram, afirmando que a convivência com os jovens mudou um pouco e é mais dificultosa, sendo necessária a compreensão (I. S., 77, Rua Ipiranga). Nessa ótica, “Eu acho que a pessoa mais idosa hoje fica mais dentro de casa e as igrejas que lidam melhor com eles. Os jovens nos grupos de jovens têm muitos encontros, mas é muito regado a droga e bebida. Então é diferente de pessoa mais idosa. O diálogo entre as pessoas mais idosas, eu acho que é melhor” (J. C., 47 Rua Ipiranga).

Não, não é não. Não é da mesma forma não, porque os jovens às vezes não quer ouvir tanto os adultos. Eles acham que... cada era é realmente um jeito, cada geração, é a gente.... Eu falo que eu já me considero velha, eu não consigo hoje em dia lidar com esses jovens não, tá muito diferente... Tá muito atacado hoje. Eles já pensam outras coisas, fora as drogas que tá muito jogada aí no mundo... O que os pais têm que fazer é tentar levar os filhos pra igreja mesmo, pra católica, pra evangélica, pr’a onde é que tiver... Tem sempre que tá interagindo com isso, que tá muito difícil né... Antigamente, eu falo por mim, eu gostava de me sentar perto do idoso, pra escutar o que ele tá falando, eu gosto até hoje. Eu gosto de me sentar perto de um idoso, uma idosa, e eles ficam contando o caso deles, daí a gente tira uma experiência né? E os de hoje eles não gostam disso, acham a gente enjoado, pra isso pra aquilo, não ouve. Tá muito difícil. (I. S., 77, Rua Ipiranga).

Seguindo esse raciocínio, um entrevistado disse que são diferentes as interações com os idosos, pois elas ocorrem mais em igrejas; dos jovens, em escolas; e, dos adultos, nos bares. Então são em “locais diferentes e de formas diferentes” (M. D., 40, Rua Antoniete Fernandes). Assim, para S. (63, Rua Ipiranga), esse tipo de interação está bem diferente, já que o idoso “fica mais pro seu canto”, e os jovens interagem mais com “A galera dela, [...] Não tá interagindo não, tá bem distante, não tá nem garrado, tá nem aí...”. Desse modo afirma:

V.: A gente, idosos com jovens sim. Agora, os jovens com os adultos, tá mais diferente, tá sendo como se diz, “a patotinha deles”, tá mais diferente da nossa, né, minha filha? A gente com eles, trata diferente de um jeito nosso e o contrário.

I: De jovens com adultos e idosos?

V: É.

I Os jovens, o senhor vê como?

V: A gente vê assim, não é mais minha filha, o jeito que eles vão crescendo e não têm aquele tratamento igual a gente com eles. Eles são mais assim, é... É pro lado deles, é

não dá muita atenção para o idoso, igual o idoso dá atenção para eles. (V., 64, Rua Caratinga).

Ao serem perguntados se antigamente a interação entre os moradores ocorria da mesma forma e como os entrevistados julgas a mudança, a maioria respondeu que sim, houve mudanças significativas, principalmente, em função da Internet. A praticidade da comunicação por meio dos recursos digitais provocou, conseqüentemente, a ruptura das conversas presenciais. De acordo com um entrevistado:

E. B.: Não, não era bem mais, como é que eu vou te falar, era bem melhor. Deixa eu achar a palavra, antigamente, eu te falo, a Internet veio pra ajudar, mais veio pra atrapalhar muita coisa, entendeu? Antigamente era bem melhor, entendeu? Procura alguém que fica ligando, um para o outro, pra saber como é que tá? Não tem isso não, não tem não.

I: Você foi muito de brincar na rua, como que foi?

E. B.: Demais da conta, queimada, pique-esconde, pique bandeira, e muita coisa, pular, bola, vôlei, birosca, muita... Hoje em dia, você não vê isso, entendeu? Só meninada, só ali no computador, né. Mil vezes antigamente do que hoje! (E. B., 40, Rua Itanhomi).

Sobre isso, ainda, segue outro relato:

Ah teve muita, eu cresci brincando pela rua afora, no bairro. Era bola, pique, futebol, e não tem isso hoje, o jovem se prendeu demais à Internet, é amigo do outro, mas só conversa pela Internet, *WhatsApp*. É ruim demais, na nossa, era contato mesmo, a gente ia jogar futebol que começava a tarde, só ia sair de noite, entendeu? Até o videogame era diferente, tinha uma casa de fliperama. Então a meninada ia lá; e, brincava com outro, tinha ficha para pegar, era uma ficha, dois brincando, hoje não tem essa integração mais, cada um no seu telefone. Vai ali na quadra de futebol, é diferente, pelo menos é o que eu acho, né? Mas mesmo assim, eu tenho que fazer esse resgate, por exemplo, para a Copa, eu chamei essa Rua toda aqui para sair pintando, ah! tem gente que passa aí, cara, que critica: “– Ahhh, para quê? Brasil não ganha nada, vocês gastam dinheiro à toa”. Essa não é a minha ideia. A minha ideia é reunir os vizinhos, é meu filho ver o filho do outro, ver um trabalho que eles vão estar fazendo e ter que continuar. E a gente tá cansado do serviço, chega cansado do serviço, eu vou lá para fazer uma moral, para estimular a moçada, senão o cara vai chegar lá e vai ficar todo sem credibilidade no próprio Brasil, né. Não é só em termos de futebol, é tudo, entendeu? É o que eu penso! (J. C., 47, Rua Ipiranga).

Nessa perspectiva, para S. (63, Rua Ipiranga, a interação mudou por conta da Internet, “mudou uns 70% [...], tem que chegar aos 100, tá baixa ainda a interação, bem baixa”. Já na visão de M. D. (40, Rua Antoniete Fernandes), a era digital mudou muito “a forma de relacionamento entre as pessoas”. No que se refere à violência, o cenário melhorou o índice de criminalidade e segurança dentro da própria residência:

Mudou minha filha, antigamente o trem era feio... Era feio... Agora não, agora Nossa Senhora, tamo beleza pura! “Mudou da água pro vinho”. Graças a Deus! Se aqui tivesse do jeito que era, você não tinha é o direito nem de tá aqui na varanda. O tiro comia mesmo, passava assubiando, pegou nessa pilastra e o buraco ficou aí, eu tava

encostada aí, mas Deus me tirou daí, e o tiro veio... Antigamente, o trem era feio, boba... Você não podia ficar aí na porta. Ihhh! de dia, no sol de meio-dia tava um matando o outro, e a gente saía pra ver o que era... Ihh! agora não, agora tá tudo beleza, graças a Deus. Quando você tava dormindo, você pulava pra fora, se olhasse, tinha que correr pra dentro. Agora tá bem, graças a Deus, tá uma graça! (I. S., 77, Rua Ipiranga).

Finalmente, há que ressaltar que os relatos apresentados demonstram que as interações no espaço do Carapina ocorrem de forma saudável, já que, a partir da boa convivência e das conversas entre amigos, nos espaços públicos, na rotina em comum, os moradores partilham suas vivências e buscam viver bem na coletividade.

FIGURA 71 — GRAFITE NA RUA IARA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).



### 3 A SOCIABILIDADE NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL: COMPREENDENDO OS CONCEITOS

A sociabilidade para Simmel (2006) parte do conceito de interações de imediato, baseadas nas trocas sociais. Os “fatores de sociação apenas se transformam na mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação” (Simmel, 2006, p. 60). Com isso, a sociação torna-se uma “forma” que ocorre de variados modos, nos quais os sujeitos envolvidos se interessam por assuntos: “sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teologicamente determinados”. Algo que é desencadeado por um direcionamento pautado no interesse, logo, é inerente a toda interação social (LATOUR, 2012 e SIMMEL, 2006). Com isso as trocas interacionais ocorrem baseadas nas vivências dos indivíduos do bairro que se mobilizam por assuntos em comum, em situações corriqueiras já que com a modernidade as trocas se tornam mais liquefeitas (Bauman, 2000) e serão citadas mais adiante.

Desse modo, Simmel (2006) busca entender a nova personalidade urbana, por meio de uma mudança a partir da industrialização massiva. A análise parte de um contexto das experiências e das relações inerentes aos espaços públicos na contemporaneidade. Para tanto, a teoria de sociabilidade foi desenvolvida *a priori* por Kant, que Simmel (2006) entende como um pleno exercício de liberdade, com conteúdo materialista. Nessa ótica, para entender os conceitos de “sociação” e “sociedade”, torna-se necessário compreender que a interação ocorre a partir de diversas condicionantes, que são amoldadas e definidas pelo comportamento do ser humano e gera um agrupamento de indivíduos, por meio de interações na sociedade com fins em comuns, denominados pelo autor de “sociação” (SIMMEL, 2006, p. 64). Estas sociações são vislumbradas a partir dos pequenos microgrupos que possuem no Bairro Carapina sendo normalmente entre a faixa etária entre si, vizinhos-vizinhos, comércio-clientes, parentes-parentes.

Para Simmel (2006), o limiar da sociabilidade ocorre quando o ser humano é um complexo informante de conteúdo, de formas e suas múltiplas possibilidades. Nesse viés, ocorre uma troca de motivações e relações que por si só demarca uma imagem diferente e delimitada. O indivíduo, então, passa a ser entendido para o autor como um sujeito econômico e político, e seu “material de vida é determinante, de forma específica, indefinível; é sujeito singular” (SIMMEL, 2006, p. 67-68). As trocas de “reciprocidade” (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, p. 10) são inerentes ao processo de sociabilidade, no qual existe a consciência dos sujeitos e não existe

uma ideia de “significado intrínseco ou fixo”, apenas surge por meio da troca de interação entre os indivíduos. Assim diante a pesquisa de campo nota-se que essas interações são amoldadas conforme o cotidiano fruto de trocas naturalizadas e que possibilita a trocas de informações que carregam consigo o significado inerente a dinâmica espacial e o modo de vida do processo naturalizado de ser morador do Carapina..

Segundo Bourdieu (1997), na sociedade, o indivíduo é influenciado pelo espaço, a partir da forma como ele interpreta os “efeitos do lugar”. Os sujeitos são agentes do lugar, já que possuem o “habitus”, ao serem individuais e coletivos, e os capitais, sendo de ordem cultural, social ou simbólico. Nessa ótica, é proposto a estruturação metodológica de forma que o indivíduo é tido como agente social na sua totalidade e, ao mesmo tempo, agente no espaço físico e social. Logo, no tocante ao espaço social, ele é lido como um espaço que preza pelo abstrato, assim as ações sociais se especializam através do espaço-tempo que se materializa em várias ações escalares inseparáveis, que se torna comum na vida do indivíduo. Por isso, o presente trabalho focou em apontar um pouco desse “habitus” a fim de mostrar parte da vida dos sujeitos do Bairro Carapina como meio de transparecer aspectos de sociabilidade e das interações que são comuns entre eles.

Numa leitura a partir dos conceitos de Simmel (2006), ela partiria de uma “relação de vizinhança” baseada em:

Por um jogo de proximidade distância apenas no anonimato [...], tal noção de sociabilidade se aproximaria [...] da proposta de Park de relações embasadas em consensos, além de conter finalidades práticas, principalmente envolvendo grupos caracterizados por carências materiais (como, por exemplo necessidade de reforçar laços de ajuda mútua entre participantes da mesma identidade étnica, ou então aquelas que envolvem em práticas políticas entre moradores marcados por vulnerabilidades em comuns) (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, p. 31).

É possível vislumbrar que essa prática de compartilhamento de “ajuda mútua” é característica comum e habitual do Bairro Carapina, independentemente do sujeito. O processo vivido pelos moradores corrobora a dinâmica das interações sociais, o que prova o senso comunitário como um arcabouço entre: coletividade, identidades, interações, sociabilidades, inseparáveis e citados neste trabalho.

Para Magnani (2012), ao investigar o espaço sob o olhar da Antropologia Urbana, as culturas, vivências e as eferescências pulsantes na cidade busca um entrelace da realidade ao concebê-la como uma construção da memória coletiva.

Nesse sentido, as categorias de análise postas pelo autor, na transposição das contribuições deles para este trabalho com o intuito, inclusive, de reforçar o caráter

antropológico assumido. Isso porque “[...] a Antropologia de cunho culturalista, à qual atribui um papel subsidiário com relação à Sociologia, seria uma espécie de ‘sociografia’, e caberia ao sociólogo a elaboração teórica capaz de permitir um aproveitamento sistemático dessa contribuição” (MAGNANI, 2012, p. 24).

Desse modo, na condição de arquiteta-urbanista, defende-se e estende-se a presente discussão para a área, pois compreende-se como necessário colocar em xeque a análise exposta, a fim de fazer uma leitura crítica para, em seguida, compreender o cerne da problemática do funcionalismo, do ordenamento e da regulação de uma periferia. É cabível ampliar essa cosmovisão, já que se trata de uma questão puramente macrossociológica, do que especificamente oriunda do campo arquitetônico-urbanístico, diante das possíveis respostas dadas por esse campo e que, por si só, não dão conta de abarcar e contemplar as potências e a multiplicidade de fenômenos estudados e vislumbrados no espaço do Bairro Carapina (SILVA, 2018).

Magnani (2012) denomina os “pedaços da cidade” como os lugares que merecem ser destacados, dada a necessidade de se ter um olhar mais atento para os “elementos constitutivos”, como “o espacial e o simbólico” (MAGNANI, 2012, p. 91). Partindo da categoria “família” (p. 93), tida aqui como categoria analítica do espaço urbano-antropológico (visualizada na cidade de São Paulo), é válido transpô-la para o protagonista deste estudo, a fim de identificar e compatibilizar com essa visão. Desse modo, o autor propõe as seguintes denominações:

FIGURA 72 — CONCEITOS DOS LUGARES NOS ESPAÇOS URBANOS



Fonte: Magnani (2012, p. 93-98), elaborado pela autora (2021).

Magnani (2012) elenca que o pedaço é o valor atribuído ao local, em seu sentido simbólico e de pertencimento. Pode ser visto como “a rua e a casa” e “a noção de trajeto abre o pedaço para fora”, já que os indivíduos compartilham códigos, que incluem a circulação das pessoas. A mancha é vista como a funcionalidade do espaço, por meio de categorias como lazer, serviços e instituição. Ao interligar pedaço e mancha, o pedaço torna-se um local transitório e, nesse entrelace, proporciona o “simbólico e o código comum”. A mancha, por si só, condiciona uma “relação estável, visível com a paisagem, com um circuito mais amplo para os usuários” (MAGNANI, 2012, p. 93-98).

Já o trajeto é lido como as possibilidades de escolhas. Também integra os pedaços e as manchas, que quando somadas, por sua vez oferecem outras lógicas. Sua importância é aplicada às possibilidades de (des)encontros e, a partir desse entrelace, tornam-se viáveis as trocas “comunitárias”, com ideias de “pedaços que são códigos e laços de reciprocidade”. Além disso, os trajetos interligam os “equipamentos, pontos, manchas complementares e alternativas”; logo, “os trajetos levam ao pórtico” (MAGNANI, 2012, p. 93-98).

Os pórticos são “espaços vazios, a paisagem urbana” (MAGNANI, 2012, p. 93-98) e direcionam para os locais “fronteiriços”. Já o circuito oportuniza a aplicabilidade de cada serviço e “não mantém uma relação de contiguidade espacial de usuários habituais”, além de permitir integralmente as “sociabilidades, encontros, comunicação, manejo de códigos, ou seja, uma continuidade das manchas e dos pedaços (MAGNANI, 2012, p. 93- 98).

Magnani (2018) pretende analisar, a partir das práticas de lazer, as possíveis identidades existentes que merecem ser destacadas nas mais diversas atividades, de modo a identificar os “atores sociais envolvidos tanto nos processos costumeiramente associados ao lazer como os momentos de seu cotidiano registrar o que dizem e o que fazem” (MAGNANI, 2018, p. 30). Nessa perspectiva, e como categoria de análise, é necessário buscar o conceito de arranjos, por meio do “método etnográfico”, partindo do “objeto de observação e estudo”, pela análise de duas dinâmicas: de “um lado”, olhando para o “ator social”, no caso, os moradores que foram entrevistados; e, de outro lado, para a percepção da pesquisadora de reconhecer o “sentido” e o “registro em seus termos” (MAGNANI, 2018, p. 30).

Ao desmembrar o conceito de “famílias”, exposto pelo autor, é possível identificar que os moradores ao serem questionados sobre o lugar que eles mais gostam, eles respondem sua residência e a igreja. No primeiro item, é importante pensar no conceito de pedaço, o qual parte para a ideia de se criar uma proximidade com sua residência, criando apego e a noção de topofilia pelo seu lar. O conceito de topofilia, defendido por Tuan (1974, 1983) e Barbosa (2008), em que as interações topofílicas são aquelas do cotidiano em que existem relações dotadas de simbologias institucionalizadas que narram a história de um local. Os símbolos são inseridos no dia a dia, criando o afeto pelo espaço, que carrega consigo um constructo de identidade e uma relação com a comunidade.

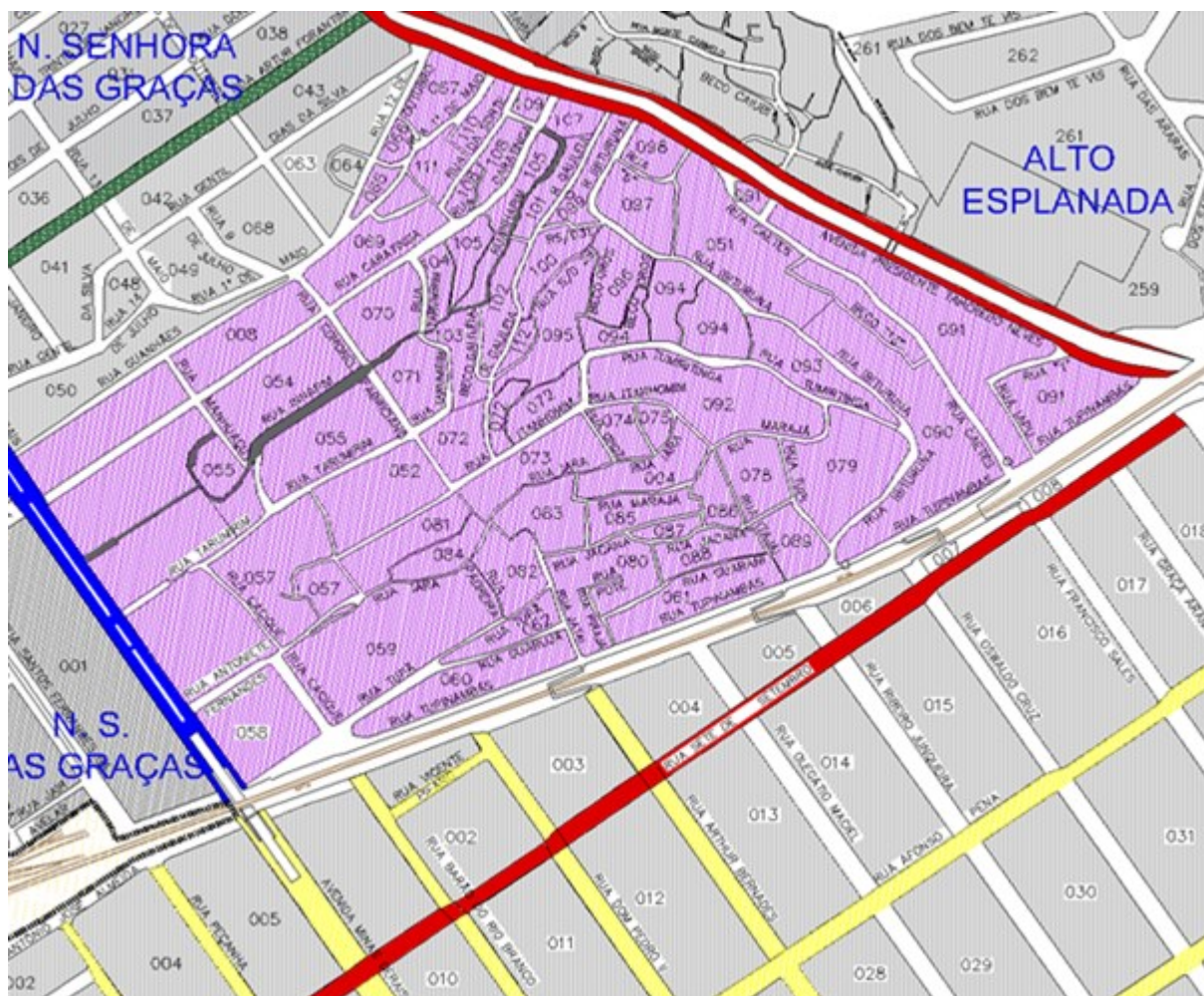
Já as experiências pessoais são diretas e dotadas de carga simbólica, por isso existe a representação de um mapa mental que utiliza um saber pela vivência cotidiana daquilo que é detalhado e interpretado pelo sujeito. A topofilia parte também de uma autoidentificação com o local, já que representa o afeto, as lembranças pessoais e o meio ambiente, que cria uma proximidade com o espaço. Quando a subjetividade do indivíduo parte de uma cosmovisão que

existe a respeito do mundo, representada pelo simbolismo e pelas experiências intrínsecas ao ser humano, dessa ótica partem as experiências comuns por demais pessoas. Assim as percepções, o modo de enxergar o espaço e as demais apreensões são compartilhadas.

A mancha é notada por meio dos encontros dos amigos no “Bar do Adélio”, que serve o peixe-peroá, basicamente uma tilápia frita (comida típica do Bairro). Os encontros na quadra de esporte da Escola Estadual Martin Luther King, para os jogos de futebol; nos estabelecimentos comerciais, como o “Sacolão Cem Nome”, “o Mercadinho do Gilsinho”, o “Boteco do Paulinho” e a “Pizzaria da Mamma”; a Unidade Básica de Saúde (UBS), na Rua Inhapim, a “Casa de Jogo”, locais onde foram colhidas as entrevistas, tornam pontos de encontros que colaboram para as trocas de interação e fazem parte do cotidiano dos moradores.

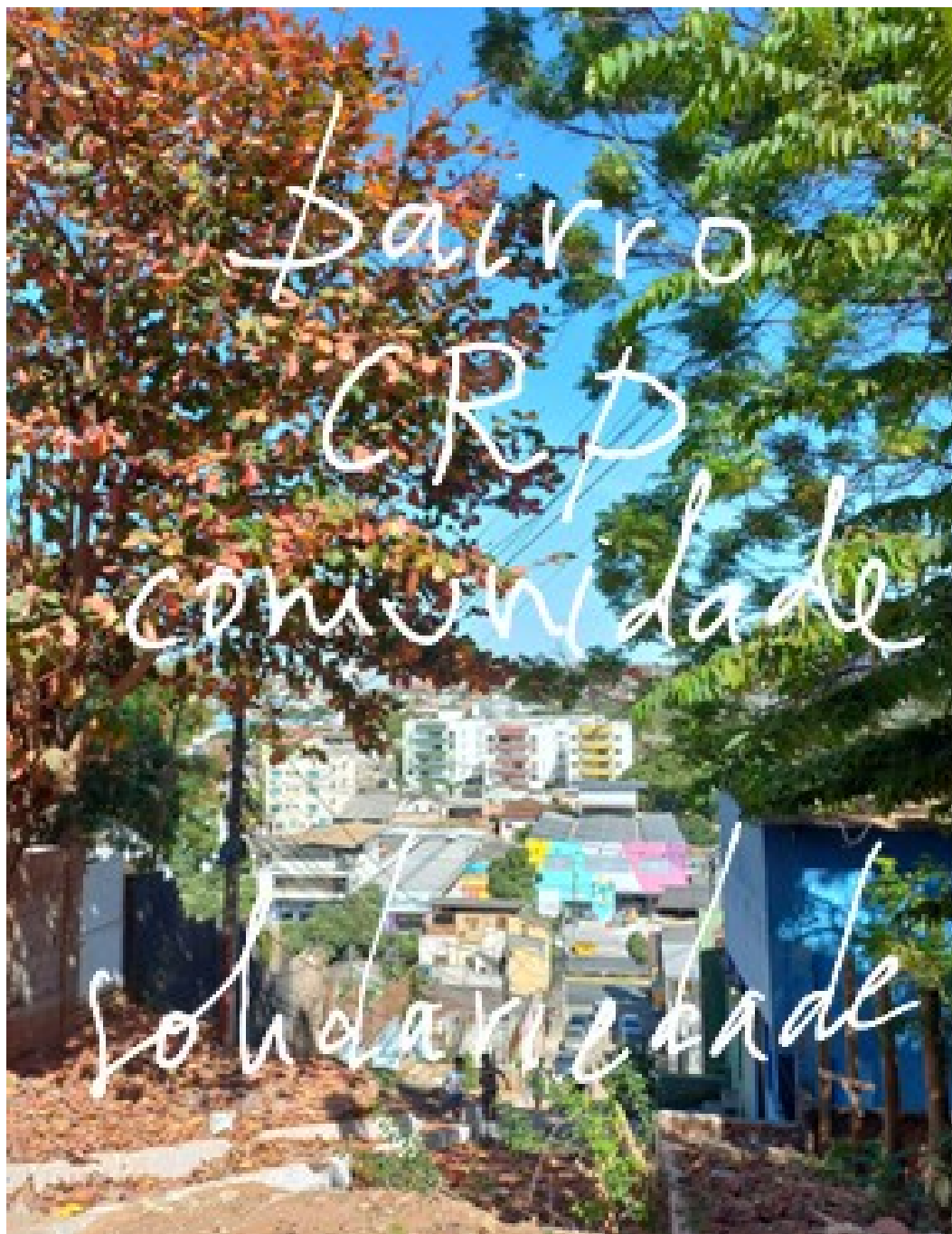
Quanto aos pórticos, nota-se que eles compreendem a Rua Inhapim, na quadra 105, destacado no mapa a seguir (mapa 27, destaque com um traço amarelo). Para os moradores, essa área é para ser uma futura praça e está em desuso; já os “circuitos”, pode-se dizer que é todo o Bairro. Além das interações existentes, que são as festividades das igrejas, como as quermesses; os eventos no Carapina, como os bailes *funks*, na época da Copa do Mundo, existe a mobilização realizada por um morador ao juntar os jovens para decorar a rua. Como mencionado, essa mobilização é para que os jovens não percam o elo entre eles, mantenham a interação, recuperem a memória afetiva que havia antigamente entre os moradores e alcancem uma maior adesão no Bairro. Os arranjos são basicamente as festividades que ocorrem e, ao mesmo tempo, os moradores compartilham uns com os outros. Desse modo, um morador vai chamando o outro e todos participam.

MAPA 27 – MAPA COM DESTAQUE PARA A QUADRA 105, NA RUA INHAPIM



Fonte: Prefeitura de Governador Valadares (2015).

FIGURA 73 – PALAVRAS QUE DEFINEM E REPRESENTAM O CARAPINA



Fonte: Destaco a Foto da Rua Inhapim, acesso pela escadaria. Produzida pela autora (2023).

### 3.1 A sociabilidade inerente à dinâmica socioespacial: o cotidiano dos moradores entrevistados

Esta seção tem o objetivo de abordar como a sociabilidade interfere na dinâmica espacial, no que se refere ao modo de vida dos moradores entrevistados, e como eles lidam com as trocas de diálogos, nos outros espaços que não sejam suas residências. Dessa forma, sobre a sociabilidade, os moradores entrevistados relataram que frequentam os locais como: igrejas, escolas, posto de saúde; e, estabelecimentos comerciais como: mercearias, sacolão, pizzaria, bares (poucos entrevistados frequentam). Por isso, destacam-se a convivência amigável e sadia em todos os ambientes:

Aqui é uma interação sadia, um respeitando o espaço do outro, sabe? Na Igreja também é, eles não ofendem religião, quem é crente, católico, ou que o outro não vai à Igreja, ou outro que frequenta outra coisa, ou é outra religião, eles não é... É, não tem dessa, não fazem, não criticam religião do outro não, eles respeitam, sabe? Entre um comerciante também, sabe? Às vezes, o que não tem aqui, o coleguinha ali da esquina tem, o que não tem lá, ele manda vir pra cá, ou a gente manda pra cá, ou manda pra cima e, aí vai. É bem sadio mesmo (H., 35, Rua Ipiranga).

Uma moradora relatou como é a vivência dela nos grupos que participa, sendo um deles o grupo de oração, e outro, Grupo da Terceira Idade:

I. G.: Eu me sinto muito bem, me ajuda muito, né. A gente fica com muito conhecimento, ainda mais pra palavra de Deus, eu procuro me interessar, cada vez mais e, me unir mais, sempre tô com eles, o que eu puder ajudar, o que eu puder fazer pra ajudar, eu faço. O que eu posso entrar com eles, eu entro. Me ajuda muito, é bom, eu gosto!  
 I: E a senhora tem amizades nesses grupos?  
 I. G.: E muito! E muito! Muitas amizades.  
 I: E essas amizades são desde a infância?  
 I. G.: Alguns são, outros não, né. Aqui, é pessoas que veio pra cá, na terceira idade, que a gente faz lá, a maioria é gente por aqui mesmo (I. G., 61, Rua Ipiranga).

Sobre a contemporaneidade, para um morador entrevistado, os jovens não estão querendo interagir com os moradores idosos, e isso tende a comprometer as vivências e os aprendizados que podiam ser repassados (E. N., 62, Rua Inhapi). Outro morador relatou que no seu estabelecimento comercial, os clientes costumam ficar mais tempo no celular do interagindo com o comerciante e, por mais que ele tente buscar a conversa, ele sabe que o respeito com eles é fundamental (E. B, 40, Rua Itanhomi).

No que tange à sociabilidade, percebe-se por meio dos relatos dos entrevistados a presença de moradores que possuem o papel de liderança entre eles, por serem figuras que mediam ou são “facilitadoras” das atividades que ocorrem no cotidiano do Bairro, em prol de mudanças: “Então, é, a gente tem uma liderança aqui. Tem pessoas que, né, que se a gente



procurar assim, a gente acaba, né, com os meios mais fáceis, são facilitadores [...]” (C. K., 33, Rua Itanhomi). Sobre isso, segue o relato:

E por exemplo, tem um rapaz que ele tem o trabalho dele, por sinal, mas ele sempre treinou o time de futebol, a turminha de futebol. Ele treina e, ele sempre fez, fez voluntário, mediação de conflitos, né, inicialmente com isso e, depois, com a mediação, e aí virou um oficinairo da mediação. Ele fazia isso voluntariamente, né, os meninos que começaram aqui a fazer um trabalho de locução e, hoje, são profissionais dessa área. Não consegue resgatar mais a Escola de Samba, a gente consegue fazer um bloco e, daí surge o nome Carnapina, e a festa se torna popular e autêntica, movimentando outros bairros e também mobilizam, para promover e quando começa, começa fomentando a dinâmica econômica da comunidade, né. Os próprios moradores, suas barraquinhas e depois vem a proporção de uma rua, de como a nossa enche mais de 10.000 pessoas. A sociabilidade? É, não tem como tá; é, não tem como não tá, né, para sociabilizar. Cê tem que ter um grupo, né, o pressupõe que há um grupo que é além, que é igual a você, o que pensa, que age como você, né, um grupo que eu acho que sim, um grupo eu posso dizer (G., 43, Rua Ipiranga).

Outro relato aponta como é o papel de transformação e de poder de mudança na vida dos jovens da escola:

M. D.: Acho que a própria criação dos meninos. Os meninos aqui têm um vínculo familiar muito grande! E isso é bom, né! Não tem uma pessoa específica, uma liderança pra falar que essa pessoa tá movimentando... Eu não sou liderança. Eu custo liderar a mim mesmo. Eu vejo que, eu nem sei o que eu tô fazendo.

I: Você não se enxerga como líder?

M. D.: Não, eu me enxergo como mais um.

I: E nem com o respeito que os jovens têm com você? Os adolescentes têm com você?

M. D.: Se eu começar a viver como líder, isso me sobe à cabeça. E isso é absurdo, eu não concordo.

I: Porque assim, vários moradores que nós conversamos, muitos citaram o seu nome.

M. D.: Pois é, muitos podem me ver como isso, porque igual eu tô te falando, eu tô disposto a ajudar, que eu quero ajudar, eu quero fazer diferença na vida dos meninos, sobretudo. Isso é uma missão pessoal. Eu quero dar a eles o que eu não tive. Pois é, eu não me vejo como líder. Não tenho essa pretensão. Pode ser que eles vejam isso, muitos vêm aqui pedir alguma coisa, até mesmo simples. Outro dia, veio um aqui me pedir orientação. É engraçado quando pensa assim, quando vem pedir alguma coisa, pensa assim, no material e, muitas vezes, nem é o material, é um norte, uma orientação, mais não me vejo como líder. Talvez o dia que eu começar a me ver como líder, aí as coisas dá errado (M. D., 40, Antoniete Fernandes).

Outra pessoa entrevistada relatou como ocorrem as interações com as agentes de saúde e o modo que elas se mobilizam para informar os moradores, seja por meio de visitas nas residências, seja pelo *WhatsApp*. As agentes contam com uma adesão satisfatória nas campanhas de saúde pública e ações preventivas, por isso, é sempre uma mobilização coletiva: “Sobre a situação da sociabilidade no posto de saúde, quando tem alguma campanha, alguma reunião, algum grupo, eles participam bem, eles chamam e eles participam muito”:

M. S.: Sim, teve uma atividade aqui no Posto semana passada, né, que nós convidamos as pessoas que tenham diabetes, elas vieram, a gente consegue puxar essas pessoas, assim não só essas, que tenham outras demandas no Posto, a gente consegue.

I: Sim.

I: E você se considera uma líder no bairro, na comunidade?

M. S.: Eu não falo uma líder, eu não me considero líder não, eu me considero assim, pelo trabalho que eu tenho, eles me conhecem bastante, então eles confiam na gente, né, [...] Não me vejo assim não, eu não me vejo como líder... Eu coopero (M. S., 36, Rua Tarumirim).

Em um outro relato, um morador comentou que não há liderança e nem associação no Bairro:

Não, não tem nada a ver com liderança não, tanto é que até tavam pra fazer no Carapina um, que tem um, mas é do Nossa Senhora das Graças. Aqui, o Carapina não tem associação de moradores, tem um moço que vem aí, e faz, e fala que tem. Mas não tem, aí, até que eles queriam criar uma associação de moradores aqui pro Bairro, né, mas não foi pra frente não, entendeu? Não tem nada a ver com liderança não, às vezes, a pessoa. Tava o menino que é administrador do grupo, ele quer fazer alguma coisa, ele pede opinião de todo mundo, ou um participante do grupo quer fazer, ele pede a opinião de todo mundo, e faz todo mundo junto. Então, não fica um assim, sabe, por que, às vezes, a pessoa faz e fala! “—Ah!, isso tem política no meio, nada a ver com política não!” (H., 35, Rua Ipiranga).

Finalmente, há que ressaltar que com os relatos apresentados, fica evidente como impera a sociabilidade nos espaços do Bairro Carapina e como os moradores lidam com as interações. Fica claro ainda como a sociabilidade possui uma interlocução com as lideranças, embora sejam pessoas que não se veem como líder (assunto que será tratado mais adiante), de todo modo, isso sobressai e contribui para que haja um dinamismo de mudanças por pessoas que exerçam o papel de representatividade, perante os demais moradores.

FIGURA 74 – DIRETOR DA ESCOLA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

### **3.2 A dinâmica espacial acerca das lideranças: conceituando e compreendendo as definições**

Esta seção busca conceituar e compreender as definições acerca dos moradores entrevistados que exercem a representatividade inerente às lideranças e o seu reflexo na dinâmica socioespacial do Bairro Carapina. Ao analisar os autores que corroboram a temática, cabe uma reflexão sobre esse processo, visando interpretá-lo para compreender os fenômenos existentes na sociedade e as interações, como fruto da realidade posta na contemporaneidade.

Para Giddens (2003), a tradicionalidade reimprime a ideia de a prioridade de um objetivo e o subjetivo. A estruturação é uma síntese que, de acordo com a teoria da estruturação, tem a ver com as práticas sociais que são ordenadas pelo espaço-tempo. Assim, de acordo com essa ideia, o agente altera a estrutura por meio de uma reciprocidade, na qual o agente possui estrutura para tanto. A estrutura é ao mesmo tempo estruturada e estruturante, ou seja, dicotômica; já que os agentes são capazes de subsidiar a transformação. Por isso, é um processo mais lento, por depender das gerações para que ocorra a modificação e, ao mesmo tempo, é dicotômico, por ser responsável em condicionar o sujeito. A reflexão do agente para que ocorra a alteração logo ocorre a agência por meio dos atores sociais.

Por isso, os indivíduos modificam a sociedade, ao atribuírem sua subjetividade, e as estruturas são passíveis dessa mudança. O agente é capaz de possuir certa autonomia e dele depende o coletivo. Nesse movimento, estabelece-se uma relação de codependência entre agente-estrutura. Para Hubner (2021), a estrutura não é apenas uma inteligência que os agentes utilizam dela, é também algo externo, ao passo que ela acaba sendo interna, já que não existe a “ausência do sujeito”, que relativamente impera entre os agentes que utilizam o plano da consciência do discurso.

Os agentes são passíveis de remodelarem as estruturas na dinâmica socioespacial, consequentemente, essas duas ideias entre agência-atores sociais são evidenciadas. Assim os agentes são capazes de causar impacto na sociedade pela representatividade e identificação dos demais atores, por participarem ativamente da socialização e ao assumirem a postura de se contrapor à estrutura. Com isso:

Agência e ator competente. Na realidade, são praticamente a mesma coisa, pois designam como é possível a partir dos agentes realizar transformações no âmbito social, e também identificar porque os atores sociais são diferentes, ou seja, como pessoas que são submetidas ao mesmo processo de socialização acabam por agir diferentemente e assumir uma postura dessemelhante com relação à estrutura. (HUBNER, 2021, p. 92).

Hubner (2021), analisando os conceitos de Giddens (2003), afirma que nessas ações pode haver uma certa intenção, devido aos agentes determinarem uma ação por meio da capacidade de resposta. Caso não ocorra a intenção, é uma ação reativa que necessita de discernimento do sujeito. Para tanto, toda ação é baseada em uma motivação, já que um conjunto de atores por si só dependem das intenções e ações. Nota-se, então, que a dinâmica das lideranças do Bairro ocorre por meio de uma voluntariedade dos agentes em exercer as ações, não apenas por uma vontade de impor poder ou pela legitimação de autoridade ou imposição. Ou seja, é totalmente o contrário, pois são ações praticadas com a intenção de colaborar em prol de melhorias da vida dos moradores do Bairro, para minimizar a carência na educação, na saúde, e/ou na promoção da qualidade de vida.

Por esse motivo, essas ações podem ser vistas como ações solidárias visto que tais condutas corroboram para manter e regular o funcionamento e as atividades do cotidiano do Bairro Carapina. Dessa forma, é possível inferir que as ações não são impostas e ocorrem de modo natural e saudável; até mesmo o exercício da representatividade é nato por determinado morador do Bairro, visto que são elegidas pela próprios moradores do Bairro, e que foram apresentadas desde o início das conversas entre eles, já que tendem a exercê-las de acordo com a dinâmica das interações e da sociabilidade.

Por isso, devido às inúmeras ausências estes moradores recorrem aos líderes de modo que possam cumprir com o papel do Estado. Por isso, diante as trocas de conversas e pela pesquisa de campo, esse senso de partilha entre eles os colocam numa situação que um morador compartilhe com o outro as suas necessidades momentâneas e que possam reportar às figuras tidas como “líderes”, de modo que possam sanar aquilo que eles necessitarem e que deste modo corrobora para a retroalimentação do senso de solidariedade.

### ***3.2.1 O senso comunitário e a reverberação das lideranças: as representatividades elegerdas pela população do Carapina***

Esta seção foi elaborada para elencar as figuras tidas como líderes, elegerdas pelos próprios moradores. Conforme conversas prévias com algumas dessas lideranças durante as deambulações, foram identificadas figuras importantes que os moradores consideram e identificam como líderes para/na comunidade. O interessante aqui foi perceber que, por unanimidade, aqueles tidos como líderes não se consideram assim, e eles argumentaram que os feitos realizados por eles costumam ser praticados não pela visibilidade ou para garantir reconhecimento no Bairro, mas, sim, por terem o cuidado e atenção de um com o outro. Além disso, eles destacaram que se trata de uma forma de amenizar as vulnerabilidades e os problemas que são tidos como comuns (na sua grande maioria), já que são compartilhados em coletividade, e essa é uma característica marcante da identidade do local.

A seção foi inspirada em duas obras produzidas por Marcus Faustini (2020): a coletânea denominada “Cabeças na Periferia”, na qual foram entrevistados ativistas sociais que desempenham papel de importância na comunidade em que vivem. O primeiro deles, René Silva, morador do Complexo do Alemão “CPX”, que, durante as pacificações e o surgimento das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP’s), narrava por meio de seu olhar de morador do Bairro, a realidade da situação do local, sendo controversa à versão noticiada nos canais de comunicação. Tudo começou em 2011, no *Twitter*, e ganhou grande repercussão. Atualmente, além de mostrar o que acontece no local, ele utiliza a rede social para fomentar e promover melhorias para a população do Bairro. O livro é intitulado “Ativismo Digital e Ação Comunitária” (FAUSTINI, 2020).

A segunda obra utilizada como referência foi a entrevista de Jessé Andarilho (2020), intitulada “A escrita, a cultura e o território”, na qual é contada a história de vida do autor através da literatura, como um meio de atrair mais jovens de outros bairros a se identificarem com seu modo de vida. Andarilho conta que durante a sua adolescência foi morador de um conjunto habitacional, em Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Ele narra os “perrengues” da vida e, por isso, as suas obras têm como papel inspirar os jovens a não seguirem outros caminhos. Ele conta que já foi pichador por *hobby*, até se envolver com drogas. Sua obra já foi premiada pela Festa Literária das Periferias (FLUP) e pela Central Única das Favelas (CUFA).

Desde então, Jessé Andarilho teve outras obras publicadas e tem interesse em dar continuidade à escrita. Na entrevista concedida para o livro citado, Faustini (2020) afirma que tem a pretensão de se superar com a escrita. Por isso, para a tessitura deste capítulo foram

utilizadas as entrevistas em trechos corridos, como forma de apresentar uma linearidade nas falas dos entrevistados. Destaca-se ainda que as obras citadas, além de serem utilizadas como referências, serviram como categoria de análise, já que, apesar de tratarem de relatos em outros locais distintos que possuem suas especificidades, podem servir para compreender o local estudado neste trabalho: o Bairro Carapina, cuja materialidade da escrita é refletida por meio da riqueza dos relatos dos entrevistados e o papel deles na referida comunidade.

Desse modo, buscou-se destacar as figuras que exercem um certo tipo de liderança no Bairro Carapina, na forma de transpor a mesma ideia para esta seção.

1) Como se tornou uma pessoa de liderança na comunidade?

M: Eu não me vejo como líder

I: Você não se vê como líder?

M. D.: Não

I: E as pessoas te enxergam como líder. Como você percebe essa representatividade que você tem na comunidade? Esse exemplo que você passa para os jovens?

M. D.: Eu me sinto mais como um exemplo para os meninos. Mas eu me sinto feliz de saber essa questão, que muitos me veem como líder, né. A maioria vê essa questão da liderança, eu fico feliz com isso aí, com essa questão. Eu não me vejo como líder, me vejo como mais um que tá fazendo o seu papel (M. D., 40, Antoniete Fernandes).

Esse morador relatou que teve vivência em um centro socioeducativo na adolescência e que na sua infância passou por momentos conflituosos, já que não tinha uma estrutura familiar sólida. Em razão disso, hoje, ele realiza atividades para os jovens, os meninos e meninas da escola, para mostrar o que ele passou e demonstrar apoio, a fim de que eles percebam que não estão sozinhos. Conforme entrevista:

I: Pelo que você relatou, deu a entender que você também veio de um contexto de vulnerabilidade e, no bairro que você morava, eu não sei se eram nas mesmas condições de que era aqui, de precariedade. E o Bairro, hoje a gente sabe que tem uma infraestrutura muito melhor, e a gente sabe, pelos relatos como foi a formação do Bairro. E aí você falou, um pouco da sua família, do seu pai. Você acha que se no seu bairro tivesse essa questão, de um ajudar o outro, talvez você poderia ter tido menos dificuldades?

M. D.: Teria sido diferente, eu não teria sido preso igual eu fui, eu não teria parado de estudar igual eu parei, entendeu? Eu não teria feito tanta coisa errada, igual eu fiz... Se, eu perdi meu pai muito cedo, minha mãe nunca se importou comigo... Não que culpo ela também. Não, porque ela também não teve isso, foi aquele efeito, aquele círculo vicioso, mas se eu tivesse tido alguém igual eu sou pra esses meninos, pra pegar pela mão, pra chamar a atenção, o resultado seria outro. Mas talvez se o resultado fosse outro, eu não estaria em Governador Valadares hoje, e hoje, eu não teria feito a transformação de tantas vidas como eu fiz (M. D., 40, Antoniete Fernandes).

Também foi relatado pelo diretor, que no ano em que assumiu o referido cargo na escola, deixando assim o cargo de professor de História, a escola estava em “situação deprimente”, com as carteiras quebradas, os banheiros sem porta, as paredes rabiscadas, dentre outras

deteriorações e precariedades no espaço. Os alunos se sentavam no chão, era grande o descuido e a falta de incentivo para manter bem conservados os equipamentos da escola pelos alunos.

Nesse sentido, o atual diretor percebeu que deveria trabalhar com os estudantes uma filosofia japonesa com a ideia de transferir a propriedade de determinado equipamento da escola aos usuários, razão pela qual começou trabalhar com os alunos a noção de que eles também eram os proprietários. Assim, eles deveriam zelar pelo patrimônio da escola. Com o passar do tempo, notou-se algumas mudanças. Segue relato:

M. D.: Quando eu assumi a gestão, tinha 140 vidraças quebradas, todas comprovadas, contadas aí. Hoje não tem vidro quebrado, hoje não tem parede de banheiro pichada, nós temos espelhos nos banheiros. Hoje não tem bolinha de papel higiênico no teto, é porque a escola é deles, o ambiente, eles usam para eles. Hoje não tem prato quebrado.

I: E era recorrente?

M. D.: Era recorrente. Os meninos, quando nós entramos aqui, não tinham lugar pra sentar, eles merendavam no chão, isso é absurdo, é desumano! E o que eu fiz não foi nada não, foi cumprir a lei. O recurso tava aí na conta, eu peguei e comprei. Ser transparente, ser honesto com o recurso público, usar para o seu fim. Tinha um recurso aí desde 2017 pra comprar mesa de refeitório e não comprou. A primeira coisa que eu fiz foi comprar, “Ahh!, mas você...” É pra gastar, o dinheiro é público.

I: É em prol dos alunos.

M. D.: É em prol dos alunos, é. então assim, nós temos procurado fazer de tudo pra que os meninos aqui se sintam confortáveis e acolhidos (M. D., 40, Antoniete Fernandes).

O diretor pode ser considerado um agente de transformação social, diante da relação de confiança e respeito estabelecida entre eles e os alunos. Ocorre um incentivo que vai além de fomentar os estudos desses adolescentes, mas que corrobora a construção do papel deles como sujeitos em processo de formação crítica para benefício da consolidação de caráter e ética (relato do diretor). Desse modo, o diretor percebeu que uma forma de mobilizar os estudantes é chamá-los para atividades extracurriculares, via *WhatsApp* ou por avisos na escola. Essas atividades ocorrem normalmente nos finais de semana e possuem uma boa adesão por parte deles. Segue o relato:

I: E pensando nessa questão de facilidade, por exemplo, pra mobilizar os adolescentes, os jovens, você enxerga como um instrumento que facilitou?

M. D.: Muito, muito. Nesse ponto ajuda a chamar e convocar os meninos né. Ajuda bastante. E os meninos que por exemplo eu chamei pra me ajudar aqui na escola hoje, muitos alegaram que vai trabalhar, me mostraram até foto que tá indo trabalhar, que tá trabalhando, que não tem... então isso aí ajuda bastante... tem que saber colher de cada um... (M. D., 40, Antoniete Fernandes).

O diretor relata que esses convites são uma forma de promover diálogo e proximidade entre os adolescentes-adolescentes e adolescentes-servidores, de modo que eles ocupem o tempo extracurricular e não fiquem ociosos em casa. Além disso, essas atividades funcionam



na prática como um exercício de os alunos se apropriarem do espaço escolar e se sentirem pertencentes a ele, em prol de promover a sua conservação e ter responsabilidade por ele. Esse fato pode ser vislumbrado durante a realização da entrevista, quando foi presenciado duas adolescentes, em período de férias, organizando *kits* de material escolar para o retorno às aulas.

Sobre os cursos ofertados no período extracurricular, o diretor explicou como foi o processo de adesão pela escola e o processo de aceitação por parte dos adolescentes. Conforme fala do morador entrevistado, segue o relato:

M. D.: Nós conseguimos oferecer alguns cursos técnicos que até então era novidade para Valadares, pra profissionalizar o pessoal daqui da comunidade.

I: Estão sendo ofertados cursos profissionalizantes e quais são?

M. D.: Nós temos aqui na escola, a nossa matriz é ensino fundamental (6º ao 9º) educação integral, ensino médio com tempo integral, com cursos técnicos profissionalizantes de desenvolvimento de sistemas e a noite nós temos um curso técnico que iniciaremos as aulas dia 16 de fevereiro, curso Técnico de Enfermagem. Nós tivemos, que encerrou dia 31 de dezembro, curso Técnico em Segurança do Trabalho. Nós fomos a única escola que tivemos um quantitativo maior de turmas percentuais que iniciou e encerrou o curso, então isso é muito interessante. E nós temos a noite educação de jovens e adultos, todas as modalidades, o EJA para a conclusão do ensino dessas pessoas que não concluíram na idade certa, no tempo certo.

Segue a entrevista, que destaca a forma de conscientização dos alunos por parte da Escola:

I: E como que você vê esse trabalho de conscientização até do... que eu imagino que não é fácil e não sei se foi você que começou desempenhando esse papel, de jovens, adultos, crianças a valorizarem o espaço, conservarem e se sentirem bem, sentir esse sentimento de pertença mesmo na escola, na comunidade, como que você vê esse próprio papel que a escola promove, que é um educar, mas que não é um educar fácil e eu vejo assim também que é um ato de amor, nessa educação?

M. D.: Eu vejo de forma muito positiva. Nós iniciamos isso aí em julho de 2019, quando assumimos a gestão. Nós nos espelhamos em um modelo japonês de educação, no qual transfere ao aluno a responsabilidade sobre o ambiente, responsabilidade de limpeza mesmo para o ambiente. E aí nós conversamos com os meninos pra pintar, pra manutenção, aí foi desenvolvendo esse sentimento de pertença, de propriedade e essa apropriação se deu de forma gradativa. Tanto é que hoje os meninos ocupam todos os espaços da escola de forma muito positiva. Isso é muito bom! Eu acredito que isso eles levam pra fora, pra vida né esse sentimento, aumento de autoestima a importância (M. D., 40, Antoniete Fernandes).

Quais as principais ferramentas para conseguir adesão da população? Qual forma de comunicar? Alguma estratégia você usa? Ou é algo nato seu? Ou essa ideia de papel, de transformação social, como que você vê que conseguiu essa própria adesão da própria população?

M. D.: Eu acredito que é algo nato, que foram as minhas próprias experiências de vida que eu fui dando o exemplo, que fui pegando pra fazer, fui pegando serviço e eu não fiquei atrás de uma cadeira, eu fui pra rua pra me igualar, fazer o serviço e mostrar que é possível né. Hoje a gente olha pra trás e viu que deu certo. A gente viu que muitas pessoas melhoraram, muitos jovens sentem bem na escola e ficam bem aqui, essa questão.

I: E quanto à ferramenta?

M. D.: Eu procurei tratar a empatia dos jovens e o respeito. Os nossos meninos aqui estavam muito desrespeitados. Eu comecei com o respeito, com o tratamento de igualdade e isso deu muito certo. Tanto é que nós, vocês conhecem o ambiente da escola? Vocês viram como ela é diferente de todas as outras?

I: Sim.

M. D.: Escola nenhuma é limpa igual essa, por que que eu falo de limpeza? A limpeza é algo de conservação. Então os meninos não sujam e se eles não sujam eles sentem pertença. Se você entra num banheiro de uma escola pública você uma parede pichada. Aqui você não vê, é onde o menino podia pichar a parede e ele não picha, né. Então esse sentimento foi trabalhado, foi construído, deu muito certo. (M.D., 40, Antoniete Fernandes).

Que tipo de ação desenvolve no Bairro e como isso auxilia na coesão social/senso comunitário?

Ação que eu desenvolvo aqui no bairro é a direção da escola né, a minha maior ação é a direção e a gestão da escola. É transferir a gestão da escola para a comunidade, pros moradores. Dar aos moradores essa liberdade e essa autonomia que eles têm. Muitos trabalharam aqui na escola, aposentaram na escola e depois foram impedidos de entrarem na escola depois que aposentaram. Outras gestões não os deixavam entrar. Era do portão pra dentro. Eu achava isso uma falta de respeito absurda. E aí depois eu abri a escola, entra, toma café, porque isso faz parte da história da escola, você ajudou a construir no seu momento, então esse respeito... O respeito é algo fundamental né. O respeito, o respeito aos meninos. Não vitimizá-los, jamais. Eu acredito que nenhuma vítima gosta de ser tratado como vítima. Tem que se ter respeito. Tem umas pessoas que se vitimiza pra obter vantagem, aí isso é uma outra situação que você tem que saber identificar. (M. D., 40, Antoniete Fernandes).

Deste modo, a liderança é exercida de acordo com a demanda dos alunos na escola e as benfeitorias possíveis a serem realizadas conforme a verba disponível, ou até mesmo situações que a liderança necessita dispor de organização, para que a escola possa funcionar da melhor forma possível e que possa oferecer uma melhor educação para os alunos.

FIGURA 75 – VEREDORA GILSA



Fonte: @Instagram<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Fotografia utilizada com autorização de imagem da vereadora.

### ***3.2.2 Liderança na comunidade: a reverberação na prática do senso comunitário, um corpo político e o papel social***

1) Como se tornou uma pessoa de liderança na comunidade?

G: Eu sou de uma família de lideranças de várias partes, né? Então acaba absorvendo isso na minha família talvez eu seja preparada numa liderança na frente mas não deixo de fazer algo que eu penso de fazer, ser pertinente para a comunidade então ainda me vejo no processo formativo, né? Na constituição como a pessoa mesmo até que para ter segurança em alguns aspectos, eu me vejo mais uma pessoa participativa, envolvida com as coisas propriamente, do que como me estabelecesse com a liderança. Também não é o que a liderança é a pessoa que faz pontualmente uma coisa como liderança que faz mais mas no campo assistencialista e se faz algo para se desenvolver, então sem conceituar, inclusive é algo até difícil de se dizer se ela não é. Eu me classifico de uma informação eu vejo que hoje talvez possam ter jovens que olham para mim como a liderança por estar no espaço público por estar na cadeira de uma Vereadora, mas só isso é suficiente para me tornar uma liderança na comunidade. E aí eu vejo muito preconceito mesmo não é só dar em se você estar em evidência e ocupar um cargo dessa natureza a gente tem lideranças que jamais são potências revolucionaram a comunidade então assim eu me gostaria de ao longo da vida, né me perceber nesse lugar, mas nesse momento eu ainda não me enxergo, mas me enxergo como quem está construindo isso (G., 43, Rua Ipiranga).

2) Qual ferramenta você utiliza pra conseguir adesão da população você não utiliza?

G: Que é outra descoberta, né? Eu acho que nesse momento eu sempre vou ter que relacionar com a minha vivência eu espaço público neste momento, é estou fazendo algumas reflexões porque antes estava o espaço público eu sempre me libertei em uns movimentos sociais então na né parcela da juventude. Então nesse espaço acredito que foi muito a liderança eu consegui organizar 34 municípios na diocese, já fui coordenadora diocesana, então ao fazer capacitações então eu tive esse espaço na linha da juventude e depois saindo com a negritude. Eu saindo um pouco da faixa de jovens fui encontrar no movimento negro, então fui fazendo algumas descobertas alguns envolvimentos e também pelo nos núcleos do partido que combatem o racismo e depois fui uma das formadoras que idealizadora do coletivo encrespa. Nesse aspecto eu me vejo como a liderança porque além de fomentar esses aspectos né eu consegui fazer isso de frutificar fazer transformar fazer causar impacto em algum montante

Em diálogo, segue o trecho em que a entrevistada relata sobre os trabalhos desempenhados para/na comunidade:

G: Mas isso é reflete o pouco para dentro da comunidade que eu penso eu consegui desenvolver dos trabalhos dentro da comunidade, eu consegui desenvolver trabalhos mais pra cidade de modo geral eu sempre referenciei o bairro, a minha origem e a minha referência, mas talvez eu tenha conseguido aqueles que santo de casa não faz milagre, né? Às vezes não está muito fazendo um Bairro, né? Mais alguém lá do outro lado da cidade gostou da ideia e se junta e hoje com a coisa da internet a gente conseguiu fazer algumas movimentações nesse... nesse sentido isso pode ter-me se proporcionado liderança na comunidade sobre algum aspecto sobre alguns olhares. Mas atuação aqui fixa na minha mente talvez eu não consiga identificar isso não é as conexões parte quando você identifica, se você é ou não é, então acho muito difícil como é que eu vou identificar algumas conexões se não consigo me enxergar, né? Os meus, seu lugar hoje a linha tem me mandado para um lugar de formação da comunidade levar as demandas da comunidade. Então é um dos aspectos que tem me aproximado da comunidade, a comunidade proporcionar um bem de ter com uma “tatuagem” dentro e fora da comunidade, então acho que é muito tênue, muito difícil

é tanto que eu não fui mais votada do Bairro tiveram outros, maior votação que isso é um aqui da comunidade. Por isso, que eu falo assim tenho complexos de leituras que eu estou na contenção para dizer que eu não me disse assim essa liderança apesar de estar num lugar de privilégio hoje; porque as pessoas hoje e aqui várias almejavam e traz mais responsabilidade ainda, e que me veja uma maior responsabilidade, de muito desejo, tem muita possibilidade então muitos... muitas expectativas antes de eu chegar. Então isso me traz nessa nada de vaidade, mas muita responsabilidade: medo de errar, medo de não dar conta, me traz e esse sentimento de responsabilidade com o privilégio que estou vivendo é tentar trazer transparência para com a comunidade com alguns canais de diálogo que leva demanda que traz oportunidade eu tenho algum tipo de ação (G., 43, Rua Ipiranga).

3) Você desenvolve no bairro e que vou e como que isso auxilia na coesão social nesse senso comunitário?

O Museu do Carapina logo que começou ali teve esse papel como ele parou ele mudou um pouco, mas mesmo ele tendo parado 10 anos as pessoas falam assim: 'Ah você vai voltar com o museu e ele teve pouca tarefa', Ele fez teve uma entrevista e coleta de alguns objetos, mas então só o fato de ter esse movimento marcou as pessoas de poder contar sua a própria história guardar algo aqui, que a pensa-se em guardar algo lá para a posteridade. Isso faz com que as pessoas ligassem no museu e acho engraçado que se tornou um fator importante, pena que a gente não conseguiu dar continuidade pelos recursos mesmos. E aí e aí no instituto de sobrevivente a gente tem que trabalhar, eu trabalhei só um ano porque eu trabalhei aqui no Museu em 2011 e 2014. Eu trabalhei aqui, mas antes eu sempre trabalhei em lugares muito distantes daqui do Bairro, então eu ficava o dia inteiro pra lá então eu não consegui desenvolver em nada e os meninos que a gente tinha como monitores adolescentes que fazem um trabalho que desenvolva o projeto eles foram ainda para o Ensino Médio, foram ocupando em um trabalho que precisavam de liberação para dar essa continuidade e a gente não tinha recurso para fazer. Então isto foi um fato que dificultou essa construção, essa identificação, então o museu é algo que fez isso, que fez dar esse *start* também com a comunidade (G., 43, Rua Ipiranga).

4) E o que você acha que pode melhorar no Bairro?

Ah, nossa muita coisa, muita coisa, eu acho que o Bairro pode na infraestrutura precisa melhorar: ruas, becos, vielas. Então o Poder Público precisa atuar com mais presença no Bairro, aí na cultura, eu penso que o Bairro precisa melhorar né na cultura. Do descarte: joga muito lixo produzido, constantemente tudo fica muito descartado dispensável e amontoa e o lixeiro passa constantemente, então essa política de atender o bairro, então todo dia você tem um montante, então isso me preocupa como a gente tem produzido lixo e como a gente tem descartado o lixo a rua é suja sempre tem um monte de lixo então é algo que a gente precisa melhorar porque isso traz para a nossa vida muitos fatores né como saúde, por exemplo. A própria educação isso não no aspecto estou muito no aspecto do Bairro e a educação as passa por essas coisas então descartar lixo de maneira adequada, parte da educação na cultura do Bairro é isso eu acho que eu preciso mudar nesse aspecto eu que melhorariam inclusive a nossa vida, mesmo a nossa experiência mesmo de comunidade tipo o melhoria mesmo que para todo mundo (G., 43, Rua Ipiranga).

A liderança desta moradora impera como algo que foi perpassado de geração em geração, sendo assim uma herança o que demonstra de forma geral, e conforme conversas com os moradores que a colocaram também como uma líder capaz de suprir as principais demandas do bairro, o que ela mesma ressaltou que em algumas situações isso se torna uma tarefa difícil diante de tamanha responsabilidade

### 3.2.3 A representatividade na comunidade: na Unidade Básica de Saúde (UBS)

Neste subtópico, será elencada a Unidade Básica de Saúde (UBS) que funciona na Rua Inhapim e atende à demanda da população do Bairro. A Unidade tem boa adesão por parte dos moradores, principalmente nas campanhas propostas pelo Sistema Básico de Saúde (SUS). Uma das agentes de saúde concede a seguinte entrevista:

1) Como se tornou uma pessoa de liderança na comunidade?

Olha, eu não me considero uma líder não, esse trabalho aqui que eu trabalho como agente comunitária de saúde, me proporcionou essas coisas, as pessoas confiarem na gente pra gente poder tá entrando na casa delas, pra poder saber como ela tá, como tá a saúde dela, não.. Não... pra saber isso a questão da saúde dela. Então a gente acaba criando um vínculo com a família dela acredita no trabalho da gente, participa mais dos eventos do posto de saúde e da comunidade (M. S., 35, Rua Tarumirim).

2) Quais as principais ferramentas para conseguir adesão da população?

A ferramenta que eu utilizo é a comunicação e você ser educada com essa pessoa quando você é educada, quando você trata ela bem, do jeito que você quer tratar e quer tratar essa pessoa, do jeito que você quer ser, então você acaba criando um vínculo com aquela pessoa e a pessoa já vem por conta própria, participar da comunidade da coletividade, né participar dos eventos da comunidade (M. S., 35, Rua Tarumirim).

3) Que tipo de ação desenvolve no bairro e como isso auxilia na coesão social/senso comunitário?

A ação que eu pratico é a visita domiciliar né que eu trabalho como agente comunitário de saúde eu vou nas casas, pra orientar o que... os eventos que tem na nossa comunidade, a promoção que tem na nossa unidade, o evento que tem na nossa unidade de saúde, o que tem proporcionado pras pessoas a gente tenta levar isso na casa delas, orientar sobre a saúde, orientar sobre as vacinações, sobre inclusive deles aqui, pra eles receber o aconchego nosso aqui (M. S., 35, Rua Tarumirim).

4) O que você acredita que pode melhorar no bairro?

Ah, eu acho que pode melhorar muita coisa, muita coisa assim é de saneamento básico aqui na rua, né. Melhorar não a receptividade porque o pessoal aqui é muito receptivo, pessoal quando você entra aqui eles abraçam você. Melhorar isso aqui igual assim colocar as coisas pras crianças brincarem alguma coisinha fazer alguma coisa pra comunidade em si, entendeu? (M. S., 35, Rua Tarumirim).

No caso desta moradora, a liderança é mais participativa e até mesmo pelo fato que muitos moradores necessitam dos serviços da Unidade Básica de Saúde para usufruírem do seu direito garantido por isso, muitos aderem às campanhas de tal modo a suprirem com aquilo que precisam, como uma forma de cuidado com a saúde.

Nesta subseção, ficam evidentes as figuras mais citadas como expressivas no seu papel de liderança no Bairro. Elas são evidenciadas no papel de transformação e a reverberação disso

é vista na vida das pessoas como forma de cumprir o papel de agente transformador. Isso impera na forma que o morador tido como líder coopera com toda a dinâmica do Bairro e contribui para que possa propiciar melhorias na vida de cada morador, por meio de mudanças e cooperações, pois cada pessoa ajuda de seu modo. Com a sua singularidade, eles transformam a vida de outras pessoas, que gera um trabalho, e, conseqüentemente, fomenta uma rede de ajuda mútua.

FIGURA 76 — VISTA PARCIAL DO BAIRRO CARAPINA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer de perto o Bairro Carapina, ora protagonista do presente estudo, ora colocado em questão de estudo sobre como ocorre a auto-organização como comunidade, coloca em xeque a necessidade de se fazer um mergulho na pesquisa de campo como forma de compreender a dinâmica posta na realidade, suas efervescências e como ela dialoga com o cotidiano dos moradores.

Por isso, como metodologia de trabalho, foi realizada uma pesquisa essencialmente qualitativa, que contou com as entrevistas semiestruturadas, já que se buscou privilegiar a liberdade, manter a fluidez e a naturalidade de cada relato colhido como uma mera tentativa de se fazer um recorte sobre o cenário do Bairro, na contemporaneidade, atrelada à revisão da literatura. Desse modo, para que a construção do instrumental (entrevista semiestruturada) confluísse para a dinâmica vivida, *a priori*, buscou-se realizar as deambulações no Bairro, que contaram com as visitas a alguns estabelecimentos existentes no local.

Cabe ressaltar ainda a troca de conversas informais com alguns moradores, uma vez que, até então, esta pesquisadora era considerada uma desconhecida pelo bairro e, aos poucos, foi ganhando a confiança e a familiaridade das pessoas, cujos registros foram apresentados em forma de sete visitas, expostas no Capítulo 1. Ao interpretar a historicidade do espaço, delineado no Capítulo 1, buscou-se não apenas para conhecer um pouco sobre o passado do bairro, retomar a linha do tempo e compreender como ocorreu a formação territorial do Carapina, mas, sobretudo, olhar criticamente para alguns fenômenos e hábitos presentes no local, cujos resquícios ainda reverberam na contemporaneidade.

Esses resquícios podem ser encontrados na ideia de ajuda mútua, no senso de solidariedade, no senso comunitário, graças aos ensinamentos repassados de geração em geração, como uma espécie de legado. Mais que isso, esses dados possibilitaram compreender como um elo une os moradores do Carapina. Por isso, no Capítulo 2, percebeu-se que os conceitos manejados pelos moradores pouco dialogavam com as terminologias e as definições expostas pela literatura, no que diz respeito aos bairros tidos como periferia.

Sendo um dos achados da pesquisa, destaca-se que a autorregulação do Bairro se deve, em certa medida, à ideia de ajuda mútua, também um saber/costume que atravessa as gerações, já que, em vários momentos, os moradores entrevistados destacaram que um deve ajudar o outro, seja por ser um ensinamento aprendido com os mais velhos, seja por ser um ensinamento bíblico, ou simplesmente por ser um ato de benevolência, gratidão e, até mesmo, de amor.



Esses gestos também proporcionam o bem-estar, pois, em alguns relatos, foi destacado que mesmo não havendo laços de afinidade e/ou de amizade entre os moradores, ainda, assim, prevalece, e até sobrepuja-se aos eventuais desentendimentos existentes, a ajuda principalmente se for relacionada à saúde, pois ela se torna prioritária, quando se trata de crianças e/ou idosos. Como resultado dessa união e mobilização dos moradores, existe a Capela Velório, sendo a primeira da cidade e que, recentemente, passou por uma reforma organizada pelo proprietário do “Sacolão 100 Nome”, com a colaboração da comunidade.

As entrevistas realizadas evidenciaram que o senso comunitário é algo que rege toda a dinâmica espacial do bairro.

Como outro achado da pesquisa, destaca-se que os moradores identificam o Carapina, sobretudo, como um Bairro, pelo fato de lá possuir equipamentos urbanos, estabelecimentos comerciais e instituições públicas, além de o local se autorreconhecer como uma comunidade e morro. O termo periferia foi considerado pelos moradores como algo pejorativo e depreciativo sobre o local. Por isso, foi uma terminologia abandonada e excluída da última pergunta do roteiro da entrevista (mas que no escopo decidiu-se manter para mostrar ao leitor, conforme anexo A). Durante as conversas, o termo apareceu naturalmente atrelado ao estigma atribuído pelos demais moradores da cidade ao bairro, de modo a evitar o desconforto do entrevistado/(a) ou ferir o seu direito de responder.

No que tange ao Capítulo 3, o tema sobre as sociabilidades e lideranças existentes no Bairro foi abordado, ainda que muitos dos moradores considerados como líderes pelos outros não se reconheçam como tal. Por isso, optou-se, em alguns momentos, utilizar a expressão “representatividades”. O aspecto liderança acabou ganhando forma e foi também um dos objetos de análise, na realização da pesquisa empírica, justamente pelo fato de ter sido uma identificação dada pelos próprios moradores a seus pares. Eles foram considerados assim, sobretudo, pelo poder de mobilização e engajamento em prol de melhorias para o Bairro Carapina, seja nas atividades desenvolvidas nas escolas, nas igrejas, na Unidade Básica de Saúde e até mesmo na interação com a vizinhança.

Depreende-se que o tema geral do presente trabalho foi o senso comunitário, já que dele emana uma correlação entre os moradores e mantém vivo o Carapina, algo que também foi possível desvelar/vislumbrar com a pesquisa de campo. Logo, o Carapina é considerado como Bairro, Comunidade (termo “carinhoso”) e Morro, estando “tudo” entrelaçado ao mesmo tempo, interdependentes e interligados entre si. O apoio de um morador ao outro pode ser interpretado/lido como partilhado também na tentativa de amenizar a demanda pessoal de cada indivíduo, isso porque dependendo do morador (algo que foi refletido na pesquisa de campo),

torna-se uma dor em comum, que aos poucos passa a ser coletiva. Pontua-se ainda que a todo momento buscou-se distanciar os relatos da ideia de “carência” e “falta”, costumeiramente atribuída ao Carapina, principalmente pelos moradores dos demais locais da cidade.

Afastando-se as mazelas sociais existentes no espaço, a ideia de carência é algo existente no solo urbano brasileiro e presente em menor grau no Bairro Carapina e no Buracão (que possui uma situação mais precária). Embora ainda se reconheça a pauta como uma demanda de ordem nacional, no que tange às inúmeras falibilidades de caráter social, econômico e político nos Bairros em questão, a formação histórica-territorial dessa natureza é similar no país. Conforme os estudos de D’Andrea (2020), essa dicotomia é um cenário secular, que reflete as disparidades entre centro e periferia e ainda ecoa na contemporaneidade como um problema a ser enfrentado:

Por fim, periferia expressa fundamentalmente uma desigualdade na distribuição da riqueza do espaço. No momento em que se aplacem as diferenças sociais entre centralidade e periferia, essa dicotomia terá um sentido apenas geográfico, esvaziando, assim a necessidade de uma afirmação política, social e subjetiva por meio do conceito periferia (D’ANDREA, 2020, p. 35).

Nessa perspectiva, o presente trabalho não foi delineado, a fim de investigar as mazelas de ordem social – embora se reconheça que em alguns momentos elas apareçam nas narrativas. Este trabalho foi delineado, como mais pertinente, apresentar as efervescências urbanas presentes no Bairro, com o intuito de evidenciar que o Carapina é um cenário de alegria, que conta também com festividades, como o Carnapina, dono de uma identidade própria, que reflete como um dos exemplos do senso comunitário. O evento acontece anualmente e reúne um grande número de foliões, e é considerado a escola de samba pioneira no carnaval de rua da cidade.

Do senso comunitário, depreende-se algo que esbarra não apenas no conceito em si, é também uma definição que está além da materialidade das trocas sociais. É algo potente e enriquecedor, que fortalece, vivifica, facilita a dinâmica do cotidiano e proporciona um bem-estar tanto para quem oferece o apoio, como para quem o recebe. É como se fosse uma premissa maior de se viver bem no Bairro, em “ajudar o outro” e de ser do Carapina, ou “CRP” (usado somente entre os moradores).

FIGURA 77 – MORADOR QUE FUNDOU E ORGANIZA O “CARNAPINA”



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

FIGURA 78 – FOTO À DERIVA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Leticia Maria. Topofilia, Memória e Identidade na Vila do Iapi em Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFRGS, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/22114/12876>. Acesso em: 20 de out. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Capítulos 1 e3. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1997.

BORGES, Maria Elisa Linhares. **Utopias e contra-utopias: movimentos sociais rurais em Minas Gerais**. 1988. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BURACRÔNICAS: Sinas e Cenas. Acessibilidade e falta de recursos que a comunidade enfrenta. 25 de fevereiro de 2022. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zh3SdzzHI2E>. Acesso em: 10 de jun. 2023.

BURACRÔNICAS: Sinas e Cenas. Educação. YouTube. 07 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ODZ3w3HgJeU>. Acesso em: 10 de jun. 2023.

BURACRÔNICAS: Sinas e Cenas. Linhas abissais. YouTube. 07 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uNErC2gkkkI>. Acesso em: 10 de jun. 2023.

BURACRÔNICAS: Sinas e Cenas. O CORAÇÃO DA PERSISTÊNCIA. YouTube. 07 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=avR-9iGerxg>. Acesso em: 10 de jun. 2023.

BURACRÔNICAS: Sinas e Cenas. Qual é o seu sonho? YouTube. 07 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y7W4LfGis90>. Acesso em: 10 de jun. 2023.

BURACRÔNICAS: Sinas e Cenas. O que você tem de mais valioso? YouTube. 07 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SofPOz3q-eQ>. Acesso em: 10 de jun. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A artes de fazer invenção do cotidiano**. Nova edição e tradução Luce Giard. Petrópolis: Editora Vozes, 3ª ed, 1998.

D'ANDREA, Pablo Tiaraju. NAS TRAMAS DA SEGREGAÇÃO: O Real Panorama da Pólis, 2008, f. 171. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

D'ANDREA, Pablo Tiaraju. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos.** Novos estudos, Cebrap, São Paulo, V.39n01p.19-36. Jan-abr2020. USP- Universidade de São Paulo, 2020.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. **Associação comercial de Governador Valadares:** sessenta anos de história. Governador Valadares: ACGV, 1999.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. **Sertão do Rio Doce.** Bauru: EDUSC, 2005.

FAUSTINI, Marcus. **Cabeças da Periferia:** Jessé Andarilho. A escrita, a cultura e o território. Comentadores Julio Ludemir, Rôssi Alves e Isabel Diegues. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 1ªed, 2020.

FAUSTINI, Marcus. **Cabeças da Periferia:** Rene Silva. Ativismo Digital e Ação Comunitária. Comentadores Paulo Sampaio, Fred Coelho e Isabel Diegues. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 1ªed, 2020.

FAVELA É ISSO AÍ. Disponível em: <https://www.favelaeissoai.com.br/comunidades/carapina-governador-valadares/>. Acesso em: 14 de jul. 2022.

FICO VIVO. Disponível em: <http://www.seguranca.mg.gov.br/2013-07-09-19-17-59/2020-05-12-22-29-51/programas-e-acoes>. Acesso em: 11 de ago. 2022

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor, ANDRADE, Luciana Teixeira de, PEIXOTO, Fernanda Arêas, (organizadores) **A cidade e seus agentes:** práticas e representações. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociedade Urbana.** Rio de Janeiro, RJ. Zahar Editora LTDA, 2007.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-18.8557615,-41.9339936,13z>

GOVERNADOR VALADARES. **Lei Complementar nº 201, de 19 de outubro de 2015.** Dispõe sobre o Uso e a Ocupação do Solo no Município de Governador Valadares e dá outras Providências. Disponível em: <https://transparencia.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-legislacao/info/lei-complementar-201-2015/613>. Acesso em: 22 de jul. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas SA, 4ª ed. 7ª tir.,2002.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade.** Martins Fontes: São Paulo 2003.

GUIMARÃES, Cristiana Maria de Oliveira. **Novos valores, velhas questões:** o planejamento urbano em Governador Valadares, 2009, f. 213. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização:** entre as redes e os aglomerados de exclusão. In. Castro, I. et.at. (org) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização. “Do Fim dos territórios” à Multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 6ªed, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite:** território e multi/transterritorialidade e, tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1ªed, 2014.

HUBNER, Alysson. Agência na sociologia: os diferentes conceitos de agência em Weber, Giddens e Latour. *CADECS- Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL), v. 9 n. 2, 2021. Editora IFSUL. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cadecs/article/view/38407/25179>. Acesso em: 30 de jul. 2023.

IPATRIMÔNIO. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/governadorvaladares-bioque-do-prefeito/#!/map=38329&loc=-18.848081280912663,-41.94528043270111,17>. Acesso em: 11 de jul. 2022.

JACQUES, Paola Berensthein. **Elogio aos Errantes**, Salvador: UFBA, 2012.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social:** uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Tradução de Gilson Cardoso de Sousa. Salvador: Editora EDUFBA-EDUSC; Bauru, São Paulo, 2012.

LOKJINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade-** Arte & Comunicação. Edições 70 LDA, Lisboa - Portugal, 1960.

MARICATO, Ermínia. **As ideias fora do lugar, e o lugar fora das ideias.** In: ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento*, 2000.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades alternativas para a crise urbana.** Petrópoles- Rio de Janeiro: Editora Vozes LTDA, 7ªed.2013, 5ª reim, 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Lazer de Perto e de Dentro uma abordagem antropológica.** Edições Sesc- São Paulo, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Jovens na metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*, Editora Terceiro Nome, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome Fapesp, 2012.

MISSE, Michel. **Malandros, Marginais e Vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**, 1999, 413f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

MISSE, Michel. “O final da cadeia. Interpretações da violência no Rio”. **Crimes e Violência no Brasil Contemporâneo: Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana.**, 1ªed. Rio de Janeiro: Editora Lúmen Iuris, 2006, 105-119.

NELSON, Donald R.; FINAN Timothy J. Participação e impotência: A busca pela esperança na periferia de Fortaleza, Brasil. *Revista Iluminuras*, UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, ago-dez, 2014, 19p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-odesenvolvimentosustent%C3%A1>. Acesso em: 21 jun.2022.

PEREIRA, Iaminne Rodrigues. **Bairro Eucalipto e o Significado de suas Multiterritorialidades na Infraestrutura Urbana de Teófilo Otoni (MG)**. Teófilo Otoni, 2019, 87p. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Engenharia, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2019.

PICOLLO, Fernanda Delvalhas. **A gramática nativa: reflexões sobre as categorias morro, rua, comunidade e favela**. In *As cidades e seus agentes: práticas e representações/ Heitor Frúgoli Jr., Luciana Teixeira de Andrade, Fernanda Arêas Peixoto (organizadores)*. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006, 408p.:il, Coleção Temas urbanos.

PREFEITURA DE GOVERNADOR VALADARES. Disponível em: <http://intranet.valadares.res.mg.gov.br:85/municipios/GovernadorValadares/planodiretor>. Acesso em: 05 de ago. 2022.

RENOVATO, Rogério Dias e BAGNATO, Maria Helena Salgado. O serviço especial de saúde pública e suas ações de educação sanitária nas escolas primárias (1942-1960). *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 277-290, 2010. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/fzSvsXTbHMhTmGpyPdYTDmC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 de jul. 2023.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**. A colonização da terra e da moradia na era das finanças. Editorial Boitempo-RJ, 2019.

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos**. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.



SANTOS, Milton. **A Pobreza Urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **A história na memória: uma contribuição para o ensino da história de cidades**. 1988, 217f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Individuo e Sociologia Zahar, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Lisandra Mara. **Propriedades, Negritude e Moradia na produção da cidade: cenário de Belo Horizonte**, 2018, 260f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Tatiane Regina da. **Geografia e pensamento decolonial: Um DIÁLOGO necessário**, 2020, 137f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. DIFEL, São Paulo, 1974.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. DIFEL São Paulo, 1983.

VENÂNCIO, Talise LIMA e PORTILHO, Aline dos Santos. O lugar da favela como patrimônio de Miracema/RJ. *Revista Periferia*, v. 12, n. 2, p. 156-182, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/48714/0>. Acesso em: 20 de out. 2021.

VILLAÇA, Flávio. **O espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Editora Fapesp, 2001.

## APÊNDICE A

### PERGUNTAS AOS MORADORES

#### DADOS GERAIS

Nome:

Idade:

Raça:

Gênero:

Profissão:

Qual é o seu nível de escolaridade

- 1) Morador(a) de qual rua?
- 2) Onde você cursou o seu: ensino fundamental, médio, etc
- 3) Quantas pessoas moram na sua casa (quais ou quem são)?
- 4) Quantas pessoas trabalham?
- 5) É beneficiário de algum Programa do Governo?
- 6) Quanto tempo mora no bairro?
- 7) Como você se desloca pela cidade? Quanto tempo você gasta?

O SENSO COMUNITÁRIO É A FORMA QUE OS MORADORES SOBREVIVEM, COM A AJUDA DE UNS PARA COM OS OUTROS MORADORES ENTRE SI E COM O APOIO FORA DA COMUNIDADE

- 8) O que você pensa sobre o senso comunitário? Como você define o senso comunitário?
- 9) Você tem costume de ajudar os vizinhos?
- 10) Você conta com o apoio de vizinhos no seu cotidiano no Bairro?
- 11) Você participa de atividades coletivas promovidas no Bairro? Que tipo?
- 12) O senso comunitário é da mesma forma entre os/as idosos/as, adultos e jovens?
- 13) Como é o senso comunitário no bairro? Como você o julga? Como você enxerga?
- 14) O senso comunitário é da mesma forma desde os moradores mais antigos?
- 15) Costuma-se atualizar o senso comunitário, se sim – Por parte de quem? Como é?

### A FORMA QUE AS PESSOAS DO BAIRRO INTERAGEM

- 1) Como se dá a interação entre os moradores?
- 2) A interação é de forma saudável no Bairro?
- 3) Você acredita se existem desavenças?
- 4) A interação é da mesma forma entre jovens, adultos e idosos?
- 5) Antigamente você julga se era da mesma forma? E como você julga nos dias atuais? Houve alguma mudança?

### A SOCIABILIDADE- É A FORMA DE INTERAÇÃO ENTRE O SUJEITO E OS GRUPOS NA COLETIVIDADE (DAR EXEMPLOS)

- 1) Como você vê a sociabilidade?
- 2) Você vê a sociabilidade ligada à liderança no Bairro? E como você atribui?
- 3) Existe alguma pessoa que exerce papel de liderança no Bairro? Quem por exemplo?
- 4) A interação é de forma mútua?
- 5) Como ocorre a interação nos espaços de uso coletivo (posto de saúde, escola, bares, centros religiosos)?
- 6) Quais os locais mais frequentados no Bairro?
- 7) Como você define o Carapina? (Bairro, Morro, Comunidade, Periferia)
- 8) Como você define o Carapina numa só palavra?

## APÊNDICE B

### PERGUNTAS ÀS LIDERANÇAS

Nome:

Idade:

Raça:

Gênero:

Profissão:

Qual é o seu nível de escolaridade

- 1) Como se tornou uma pessoa de liderança na comunidade?
- 2) Quais as principais ferramentas para conseguir adesão da população?
- 3) Que tipo de ação desenvolve no Bairro e como isso auxilia na coesão social/senso comunitário?
- 4) O que você acredita que pode melhorar no Bairro?